



Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado em Educação)
Processos Sócio-Educativos e Práticas Escolares

**RELAÇÕES DE AMIZADE: UMA INVESTIGAÇÃO DAS
INTERAÇÕES DOS ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR**

JOELMA TOSE OLIOSI

SÃO JOÃO DEL REI
MINAS GERAIS - BRASIL
AGOSTO 2012

RELAÇÕES DE AMIZADE: UMA INVESTIGAÇÃO DAS
INTERAÇÕES DOS ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação:
Processos Sócio-Educativos e
Práticas Escolares, como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Mestranda: Joelma Tose Oliosí
Orientadora: Prof. Dr^a. Ruth Bernardes Sant'Ana

UFSJ
MINAS GERAIS
AGOSTO 2012



JOELMA TOSE OLIOSI

**Relações de Amizade: uma Investigação das Interações dos adolescentes
no Contexto Escolar.**

Banca examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Ruth Bernardes de Sant'Ana
(Orientadora)

Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Prof. Dr.^a. Andréa Soares Wuo

Prof.^a. Dr.^a Lucia Helena Pena Pereira (suplente)

SÃO JOÃO DEL REI

AGOSTO 2012

SUMÁRIO

1. Introdução	04
2. As Manifestações de Amizade e Sociabilidade e a Influência do Contexto Histórico	11
2.1. Socialização	25
2.2.1. Amizade e Sociabilidade Adolescente e o Contexto da Escola	31
3. Metodologia	36
3.1.1. Contexto e Participantes da Pesquisa	42
4. Uma Breve Análise das Relações de Amizade dos Adolescentes no Contexto Escolar	50
4.1.1. Espaços de Sociabilidade dos Adolescentes	51
4.2.1. As relações de Amizade na Visão dos Adolescentes	72
4.3.1. As Relações de Amizade e Suas Dimensões Com a Escola	75
5. Os Sociogramas Como Recurso Para a Compreensão das Redes de Amigos	80
Considerações Finais	97
Referências	100
Apêndices	106
Apêndice 1- Roteiro de Entrevistas em Blocos Temáticos	107
Apêndice 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Entrevistas	111
Apêndice 3- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Atividades em Grupo	113
Apêndice 4- Atividade de Confeção de Sociogramas	116

Relações de Amizade: uma Investigação das Interações dos adolescentes no Contexto Escolar.

1. Introdução

O trabalho pretende trazer contribuições no que se refere à compreensão das relações de amizade entre adolescentes em contexto escolar. Para tal, empreendemos a uma pesquisa, de enfoque qualitativo, pautada em observações das dinâmicas interativas ocorrentes no estabelecimento escolar, sobretudo em salas de aula, bem como encontros grupais com adolescentes e entrevistas individuais.

Atualmente, a questão da amizade como forma de sociabilidade entre os adolescentes é concebida como central para a compreensão dos modos de vida de tais sujeitos nessa fase da vida (GALLAND, 2010), pois, na contemporaneidade, a relação com os grupos de pares assume um peso muito significativo enquanto suportes identitários e relacionais dos adolescentes. Em relação à escola, a relevância do estudo reside no fato de que, na sociedade contemporânea, segundo Dayrell (1996), Ferreira (2011) e Lattari (2011), essa instituição constitui um espaço importante para os adolescentes dos segmentos populares na medida em que favorece a realização de encontros entre grupos juvenis, razão pela qual representa um espaço fecundo para compreensão dos modos de se viver essa idade da vida na contemporaneidade. Nesse sentido, buscamos ampliar os conhecimentos sobre esse tipo de relação para que, assim, possamos apreender, também, qual o papel exercido pela amizade dos adolescentes na sociedade em que vivemos.

De fato, as relações de amizade são muito importantes na fase adolescente, pois os amigos são objetos de escolha pessoal. Essa escolha eletiva pode nos trazer elementos acerca do meio social em que o adolescente está inserido, bem como da posição que o sujeito ocupa no mundo sociocultural e em seus diferentes sub-universos de pertença ou de referência. Consideramos, portanto, que a amizade dos adolescentes no contexto escolar é um fio condutor muito significativo para os estudos sobre a condição de ser adolescente na atualidade e sobre o lugar ocupado pela escola nesse momento da vida.

O estudo das relações de amizade possibilita trazer elementos acerca da posição que os adolescentes ocupam no mundo sociocultural em que estão inseridos. Nesse sentido, atentamos principalmente para questões geracionais, com enfoque na relação com os pares (intrageneracional) de forma a abarcar, de maneira renovada, a compreensão de alguns aspectos do processo de formação do sujeito na sociedade contemporânea.

Em uma primeira aproximação ao assunto, identificamos que a amizade se ancora nas relações sociais entre os seres humanos, estando estreitamente imbricada nos contextos sociais nos quais elas se dão. Os amigos estão, hoje, no coração das relações sociais, já que a família se encolheu e as redes de amizade passaram a assumir parte da sociabilidade que se dava no seu interior. Mas, como nos lembra Bidart (1997), as escolhas de amizades são motivadas por critérios como a posição social, a idade, as redes sociais, e assim por diante. Ou seja, embora os amigos sejam objeto de escolha pessoal, as possibilidades de escolha se ligam a elementos do contexto sociocultural em que interagem as pessoas.

Quando consideramos os efeitos da idade na definição da rede de amigos, percebemos que, embora no mundo atual as relações de amizade sejam extremamente importantes para todos os segmentos sociais, é na juventude que elas assumem o papel mais imprescindível na formação identitária das pessoas. Desse modo, conforme Galland (2010), “o adolescente deve definir o equilíbrio nos laços tecidos com seus pares, seu meio familiar e o meio ambiente escolar, tudo para construção de sua identidade pessoal” (p. 9).

Bidart (1997) acrescenta que quando se trata de amizade é difícil dar um sentido global ao termo, já que vários elementos podem orientar a definição. Critérios etários, tais como ciclos da vida (infância, adolescência, juventude, adultez e velhice) e diferenças sociais (de gênero, de classe, etc.). No entanto, apesar da pluralidade de definições, há, segundo a mesma autora, um núcleo comum, pois o laço social de amizade abre espaço para o compartilhamento dos dramas existenciais.

Em uma perspectiva próxima daquela de Bidart, Müller (2004) define a amizade como “uma relação que envolve intimidade, reciprocidade, sendo acima de tudo, uma relação de confiança que pressupõe um duplo contar” (p. 118) (no amigo e para o amigo). De maneira parecida, Rezende (2002) conceitua a amizade como

uma relação pessoal, privada, afetiva e voluntária pautada na sociabilidade, afinidade, confiança e abertura para compartilhar questões íntimas e pessoais, valores semelhantes, reciprocidade, apoio mútuo, sinceridade, diálogo e investimento de tempo (p. 69)

A investigação apresentada neste texto de qualificação versa sobre a amizade entre estudantes, com idade entre 13 e 16 anos, provenientes de uma escola pública de São João del-Rei, Minas Gerais. Em 2011, quando da coleta de dados, tais estudantes estavam distribuídos em turmas do PAV – Programa Acelerar para Vencer (referente ao 8º e 9º anos do Ensino Fundamental), do 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio. As observações de estabelecimento ocorreram entre junho e novembro de 2010 (na ocasião, os alunos estavam distribuídos no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental) e entre maio e setembro de 2011 (9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio). Já no segundo semestre de 2011, realizamos quatro encontros grupais e quatro entrevistas individuais ocorreram.

Enfocamos a adolescência atual, de acordo com Galland (2010), como uma idade da vida em que se amplia a busca da autonomia diante das situações vividas na relação com os adultos, em comparação com a infância. Ao pesquisarem o mesmo contexto escolar em que aconteceu a pesquisa desta dissertação, Bueno e Sant’Ana (2011) observaram que no cotidiano escolar os adolescentes, perante obrigações rotineiras e pouco atrativas, procuram mostrar, mesmo que nem sempre conscientemente, que possuem alguma autonomia, e dessa forma compõem um ambiente que retrata melhor o mundo adolescente e suas vivências – o que parece destoar em muitos momentos do mundo adulto.

Nesta pesquisa, procuramos aprofundar os estudos que desenvolvemos acerca das relações de amizade e sua expressão no espaço escolar. Esse assunto já foi abordado, em alguns aspectos, em uma pesquisa de Iniciação Científica que realizamos entre o segundo semestre de 2008 e o segundo de 2009, cujos dados mais relevantes são apresentados em um artigo de autoria de Sant’Ana e Oliosi¹, submetido em 2011. Naquela ocasião, foi possível perceber, através das observações de estabelecimento escolar, oficinas de dinâmicas de grupo e entrevistas semidirigidas, que na atualidade as relações de amizade estão no cerne das relações sociais adolescentes e assumem um papel imprescindível na formação identitária, de modo que o espaço da escola acaba

¹ SANT’ANA, R.B; OLIOSI, J. T. Experiência Geracional de Alunos de Escolas Públicas: Relações de Amizade. *Fractal: Revista de Psicologia* (mimeo: submetido em 09/05/2011)

sendo utilizado para a troca de experiências e desenvolvimento de relações de sociabilidade.

O trabalho evidenciou que o professor “brincalhão” é muito valorizado pelo aluno, o que contribui para que seja categorizado pelos adolescentes como um amigo. Entretanto, a amizade com o grupo de pares é diferente, pois cria e alimenta uma cultura adolescente que envolve experimentações de autonomia na relação intergeracional. Ou seja, compreendemos que, mesmo que o professor seja um amigo, há uma cultura de pares que divide adultos e adolescentes no tocante à linguagem utilizada, à forma de falar, aos emblemas de referência, e assim por diante. Isso nos indica que a sala de aula deve ser ocupada de maneira diferente por professor e aluno. Em relação aos familiares, ocorre algo parecido, embora no ambiente familiar não se exija saber, mas, sim, a solidariedade e a disponibilidade para ajudar a qualquer momento. Assim, é possível afirmar que o professor e o adulto na família possam exercer determinados papéis de amigo, mas com frequência essa amizade é circunscrita pelas fronteiras geracionais em alguns domínios experienciais específicos. Tais fronteiras delimitam o que é tipicamente adolescente (do grupo de pares) e o que é específico dos adultos, como familiares e professores, que são referências importantes para o adolescente. Além desses, existem outros sujeitos que direta ou indiretamente povoam seus mundos, tais como as autoridades em geral.

Já avançamos um pouco no que se refere à discussão da dimensão geracional da amizade com enfoque nas falas dos adolescentes de escola pública. Nesta dissertação procuramos entender como e a partir de que lógicas os adolescentes constituem suas redes de amigos, bem como o que leva essas redes a se dissolverem, a se transformarem em novas redes, a excluírem membros, a acrescentar membros e a formar novas redes.

Entendemos a rede de amizades como um sistema de relações sociais cujos padrões relacionais podem ser visualizados a partir de um indivíduo comum, de uma díade ou por um grupo conformando um coletivo mais ou menos organizado. Esse coletivo envolve fluxos, fronteiras flexíveis ou não, distribuição de papéis, *status* e prestígio, que podem ser fontes de proximidade e distanciamento. O estudo das redes em suas diversidades nos permite apreender as dinâmicas societárias, os modos de circulação dos adolescentes dentro das redes e a ancoragem das mesmas no universo social da escola e fora dela.

Esse trabalho procurou tratar, mesmo que brevemente, das redes a partir da relação entre estudantes que gostam de estudar e os que não gostam de estudar; as

relações de gênero no domínio da amizade, a experimentação afetiva e sexual (como o namoro ou o “ficar”²), ou nas suas articulações entre tais elementos.

Entendemos que a elaboração de sociogramas é um poderoso subsídio no sentido de facilitar e ampliar a visualização das interações dos adolescentes e, assim, compreender de forma mais abrangente como eles se relacionam entre si. Por isso procuramos, a partir de sociogramas, destacar as redes de amizades constituídas por adolescentes entre si, principalmente no mundo escolar.

As redes sociais refletem uma variedade de relações sociais. Assim, as pessoas com quem o indivíduo interage com algum propósito, a posição dos atores na rede, as relações de reciprocidade ou não, a duração das redes ao longo do tempo e as variedades ocorridas nesse período são aspectos que envolvem a constituição da rede e merecem atenção, uma vez que permitem uma análise mais detalhada sobre a mesma. Também são relevantes as questões morfológicas, tais como o ponto inicial, a vinculação dos membros e a quantidade de membros envolvidos.

Assim, podemos verificar se os melhores amigos no interior de uma determinada classe aceitam, mesclam ou recusam as pessoas conforme o desempenho escolar. Há que considerar se o movimento do coletivo escolar “empurra” determinados grupos para o isolamento ou para a afirmação das identidades ligadas a tais preferências. Além disso, do ponto de vista das escolhas dos amigos e colegas, procuramos identificar se elas levam a constituição de grupos organizados em torno das preferências, quer seja em termos hetero, homossexual ou homoerótico. Porém, nesse último caso, a pesquisadora encontrou dificuldades em adentrar no mundo masculino, o que impossibilitou uma análise mais aprofundada sobre essa questão, já que o seu olhar capturou melhor as relações entre meninas. Dessa forma, não foi desenvolvida uma análise categórica em relação ao homoerotismo; entretanto, alguns indícios aparecem quando falamos acerca de relações de gênero. Cabe esclarecer que o termo homoerotismo é aqui compreendido, na acepção de Nogueira (2006), como a expressão de afeto, companheirismo e apreço em estar junto de pessoas do mesmo sexo, sem, no entanto, configurar homossexualidade, já que não se trata de orientação sexual ou de escolha de parceiros sexuais.

É importante considerar que os grupos de amigos podem ser atravessados por tensões intergrupais vinculadas a pertencas culturais (religiosas, musicais, estéticas,

² O “ficar” é compreendido como um relacionamento sem compromisso que entre os adolescentes, que geralmente não passa de beijos e carícias (JESUS, 2005).

raciais, de gênero, etc.), às características atribuídas às suas turmas e séries escolares, bem como à expressão de preconceito aberto ou velado, por meio de brincadeiras, “zoação”, etc.

Do ponto de vista da metodologia de observação das interações sociais dos adolescentes entre si e com os adultos no interior da escola, adotamos, nesta pesquisa em nível de mestrado, uma perspectiva mais criteriosa do que a adotada no trabalho de Iniciação científica, que investigou as relações de amizade sem um direcionamento definido por uma grade de análise ou sociograma. A pesquisa atual, além de contar com uma grade de análise que facilita a organização das observações dos adolescentes entre si e com os professores na sala de aula, procura abstrair e registrar as redes de amizade e de sociabilidade tecidas pelos adolescentes.

No que se refere às entrevistas individuais, buscamos referências nos roteiros utilizados por Nogueira (2006), Ferreira (2011), Sant’Ana (2010) e Gomes (2010). As observações realizadas em sala de aula também foram de fundamental importância para a elaboração do roteiro de entrevista individual, pois trouxeram indícios de como ocorre formação de redes de sociabilidade no cotidiano dos adolescentes. Dessa forma, as perguntas que se baseiam nas observações têm com objetivo ter um maior conhecimento sobre as situações observadas e, assim, esclarecer possíveis dúvidas ou obter novas informações. Logo depois de elaborado, o roteiro de entrevista individual foi apresentado, em dois encontros, ao grupo de pesquisa.³ Seu objetivo foi discutir e amadurecer o roteiro de entrevista a fim de aprofundar nossos conhecimentos sobre as relações de amizade, sobretudo acerca de como elas se apresentam no contexto juvenil estudado, bem como sobre a influência e a importância que têm na contemporaneidade. Tivemos a preocupação de tornar a entrevista clara aos entrevistados, de impedir que a conversa fosse demasiadamente cansativa e de evitar perguntas repetitivas e sem propósito. Para que as perguntas ficassem claras para o entrevistado, facilitando sua realização, e para certificar se as perguntas atendiam aos objetivos esperados, foi feito um quadro temático (vide apêndice 2) que consistia em apresentar, para cada questão, o tema, a pergunta e seu objetivo (baseado no trabalho de Weller (2006). A ideia foi sugerida no primeiro encontro e apresentada no segundo encontro do grupo de pesquisa, o que permitiu avançar na formulação do roteiro da entrevista.

³ O grupo de pesquisa é composto pela mestranda, por sua orientadora, por duas mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ, por uma bolsista de Iniciação Científica do curso de Psicologia, por seis estagiários de pesquisa do curso de Psicologia e por uma bolsista PRODOC-CAPES no Laboratório de Práticas e Intervenções Psicossociais (LAPIP) da UFSJ.

As entrevistas auxiliam também na elaboração dos sociogramas. O roteiro apresenta três perguntas sobre escolhas de companheiros para realização de diferentes atividades, tais como recreio, festa e trabalho escolar em grupo. Buscamos, assim, compreender como se formam as redes de amizade, o contexto em que elas ocorrem, o que o processo de sua formação revela das escolhas e o que significa a pertença aos grupos.

O processo grupal constituiu outro momento da pesquisa, em que buscamos, assim como nas entrevistas individuais, um contato maior e direto com os sujeitos da pesquisa, agora em situação de interação face a face. Esses encontros possibilitam um espaço de discussão sobre assuntos pertinentes aos adolescentes e que fazem parte do cotidiano vivenciado por eles. Para tanto, também utilizamos alguns recursos, entre eles as dinâmicas de grupo, o psicodrama e atividades artísticas (artes cênicas e plásticas) com o intuito de atuarem como “disparadores” de revelações e discussões sobre assuntos relacionados à vida dos adolescentes e às relações de amizade por eles tecidas. Nas oficinas de grupos, os adolescentes elaboraram sociogramas de suas relações de amizade para que, futuramente, fossem cotejados com aqueles feitos pela pesquisadora. Os encontros grupais em sala de aula foram realizados em parceria com as professoras de Língua Portuguesa (que cedeu duas aulas) e Artes (que cedeu uma aula). Os sociogramas das relações de amizade foram trabalhados nas salas do PAV (referente ao 8º e 9º ano do Ensino Fundamental) e do primeiro ano do Ensino Médio, enquanto as encenações de supostas situações cotidianas da vida dos adolescentes foram feitas somente no PAV. Ainda foi realizado um grupo no pátio da escola em que foram convidadas as três turmas (PAV, 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio).

No transcurso deste texto, primeiramente apresentamos uma revisão de literatura em que demonstramos como a amizade tem sido considerada no que se refere às redes de sociabilidade, do ponto de vista histórico e social, e as suas especificidades na adolescência. Em seguida, discorreremos sobre a metodologia da pesquisa e, na sequência, esboçamos uma análise, das observações realizadas no trabalho de campo e das narrativas dos adolescentes. Nesta seção, também abordamos o posicionamento dos sujeitos da pesquisa, apresentando quem são eles, em qual contexto social estão inseridos, como é a escola que frequentam e como se relacionam neste ambiente.

2. As manifestações de amizade e sociabilidade e a influência do contexto histórico.

As relações de amizade e sociabilidade constituem laços sociais que assumem contornos diferenciados conforme o contexto histórico, o que pode ser ilustrado a partir de Buffault (1996), que no livro *Da Amizade – Uma história do exercício da amizade no século XVIII e XIX* apresenta um estudo sobre as relações de amizade e a forma como eram vivenciadas no período estudado. Para isso, a autora focaliza suas práticas sociais cotidianas e observa as transformações ocorridas no decorrer do tempo. Dentre os instrumentos utilizados para o estudo se incluem correspondências, diários pessoais, autobiografias, memórias e literatura.

Essa obra é orientada a partir de cinco tópicos mediante os quais a autora apresenta um panorama do comportamento da sociedade, tomando como fio condutor o exercício da amizade no período histórico não linear em que o livro se propõe investigar.

Inicialmente, são tratados *os documentos de amizade*, que incluem as correspondências e os diários íntimos. As primeiras ganham destaque no século XVIII e XIX. Os formatos da carta, sua frequência, sua função e o tom empregado marcam a escrita própria das relações de amizade que surgem nesse período e que evidenciam uma mudança, uma vez que o tom de civilidade vai sendo substituído por uma forma mais familiar, informal. Esse detalhe demonstra, de certa forma, que o personagem do amigo nas correspondências e romances epistolares desempenha, de certa maneira, um papel na emergência das novas representações.

Diante disso, fica evidente que um dos aspectos provocativos do trabalho de Buffault (1996) diz respeito aos documentos de amizade. Tomando como referência esse estudo, é possível fazer uma transposição para indagar o que corresponderia, nos tempos atuais, aos diários íntimos e às correspondências. Em nosso ponto de vista, os textos produzidos pelos adolescentes nas redes sociais da *internet* e por *e-mails* podem ser concebidos como documentos históricos ou testemunhos sociológicos de uma experiência geracional ímpar na história da sociedade ocidental. Nas relações de amizade isso se reflete na facilidade e presteza com que os adolescentes podem compartilhar os acontecimentos do dia-a-dia, possibilitando, assim, a proximidade com os amigos mesmo não estando presente fisicamente, além de facilitar o conhecimento de

novas pessoas com a possibilidade de estreitar as relações e construir novas amizades. Para Gomes (2010), a *internet* atua como uma forma de fazer novos amigos, estabelecer relações e se comunicar de forma rápida (às vezes em tempo real) e à distância. Nesse tipo de comunicação, cria-se um espaço de diálogo em que se expõe o íntimo, facilitando a abertura e acolhimento em relação ao outro.

Entre os adolescentes, a comunicação pela *internet* cumpre um papel similar aos diários íntimos que aparecem com destaque no final do século XIX e abre caminho para novas leituras devido à maior facilidade de exposição do íntimo e do privado, de modo que a comunicação acontece com maior fluidez. Porém, faz-se necessário destacar algumas diferenças entre essas formas de expressão subjetiva. O silêncio e a forma reservada de se viver vão perdendo espaço para a comunicação e exposição do que é vivenciado. Transformam-se, então, os códigos de expressão de si e as trajetórias cruzadas do eu e do tu em amizade. Os diários são uma espécie de escrita solitária em que o autor relata momentos de reflexão e, ao mesmo tempo, momentos e experiências de amizade, com uma perspectiva voltada para o outro, sem necessariamente ser destinada a esse mesmo outro. Essa prática era estimulada entre os amigos e tinha como grande possibilidade a publicação e a troca entre amigos. De maneira diferente, a virtualidade da *internet* se inscreve numa outra temporalidade, na qual a escrita não se dá de forma solitária, mas, sim, em meio à interação imediata. Neste caso, o tempo reflexivo próprio aos diários íntimos deixa de imperar; porém, há espaço para a expressão da intimidade por meio de diferentes linguagens expressivas dirigidas ao outro, ao amigo, ao colega, e aos supostos outros anônimos que compartilham determinados *sites*.

Segundo Buffault (1996), a maneira de se expressar através da escrita promove uma conversa com um si mesmo como se fosse um outro e ao mesmo tempo uma exposição de si ao outro social ou geográfico. Além disso, possibilita uma circulação de informações culturais e sociopolíticas. Através das correspondências, foi observado que a amizade envolve felicidade, ternura, encanto, simpatia, deleite, alegria, o bom coração, afeição, sensibilidade, finura e delicadeza. Tais palavras estão associadas à confiança, aprovação, dedicação, encorajamento, respeito e estima. Dessa forma, a amizade se torna um encontro de aparência verdadeira, profunda, íntima, completa, delicada, encantadora e preciosa. Tudo isso atribui às relações de amizade e sua publicidade no século das luzes um caráter utópico de exaltação, encenação, debate e segredo.

Buffault trata, ainda, da diminuição e dispersão da produção editorial sobre a amizade. Os tratados sobre amizade, tão comuns no século XVIII, tornam-se mais raros no seguinte, pois a amizade passa a ser tratada por via da poesia, da ficção, da literatura educativa (a pastoral católica é um exemplo) e, ao mesmo tempo, multiplicam-se os ensaios sobre o casamento e a vida conjugal.

No que se refere ao caráter educativo, pode se afirmar que a amizade era considerada uma das virtudes sociais, pois era modelada conforme os valores da aristocracia. Nesse sentido, é possível hierarquizar os laços de amizade, em consonância com o tipo de sociabilidade, como motivados por conveniência, reconhecimento, interesse, estima, simpatia, escolha, temperamento, etc. A escolha dos amigos põe em jogo também a forma como a própria pessoa será vista, uma vez que o amigo caracteriza quem é a pessoa.

A escolha de um amigo põe em jogo uma forma de verdade social em que se desvela o valor intrínseco da pessoa, da qual o amigo prestaria testemunho. A amizade é a ocasião de fornecer uma representação lisonjeira de si mesmo: ela não pode subtrair ao olhar de uma boa sociedade sempre em busca de indícios sobre os indivíduos que a compõem. (BUFFAULT, 1996, p.63).

Nessa perspectiva, o papel educativo e social exercido pelas mulheres orientava os jovens para uma vida mais regrada, afastada dos prazeres mundanos. Da mesma forma, já que o grupo de amigos “dizia da pessoa”, orientava-se um exercício da amizade que valorizava a solidão estudiosa e a distância dos divertimentos mundanos como um caminho para a virtude. Existia uma preocupação de livrar as crianças e adolescentes das más influências, das amizades nefastas e de uma sexualidade precoce:

O aspecto educativo é preponderante. A preocupação em pôr as crianças a salvo das más influências e dos tropeços das amizades nefastas, e de desviá-las de uma sexualidade despertada demasiado precocemente, tem aí um grande papel. A isso acrescenta a idéia de que o despertar da sociabilidade e das afeições adolescentes dá início à constituição da personalidade adulta (BUFFAULT, 1996, p.98).

Portanto, as relações de amizade eram investidas de um papel socializador, pois já era percebida a importância das interações entre os amigos adolescentes no que se refere à formação de sujeitos. Buffault (op. cit) considera que a amizade nesse período (século XIX) era considerada uma relação de reciprocidade, de trocas sociais que revelam muito do contexto social em que se vivia e, principalmente, dos interesses sociais. Ter uma amizade distante de “romantismos” e idealizações era considerado por

Helvétius uma questão de saúde pública, pois assim se evitariam decepções e futuros sentimentos e atitudes ruins. A amizade, dessa maneira, era pautada em um utilitarismo que parecia reduzi-la a um sistema de trocas em que se objetiva a compensação de determinadas necessidades. Mesmo assim, a amizade era considerada fundamental para o equilíbrio das necessidades e dos interesses no conjunto do sistema vigente. Dessa forma, o que se percebe são debates contraditórios em relação à amizade, que ora é vista como necessária à formação dos sujeitos e para a vida em sociedade, ora é percebida como uma ameaça frente aos prazeres e excessos mundanos. Além disso, no século XIX a atenção voltada para o amor romântico e para a família acabava por marginalizar o discurso sobre amizade, o que não significa seu desaparecimento enquanto prática. O mesmo ocorre na atualidade, no que se refere às distinções valorativas entre boas e más companhias. Boas companhias são aquelas vistas como saudáveis para o adolescente e bem aceitas pelos adultos, pois são compreendidas como importantes para o “bem” do adolescente. Já as más companhias são aquelas que levam a práticas consideradas pelos adultos como erradas prejudiciais aos adolescentes.

Ao discorrer acerca da lei dos gêneros, Buffault (op. cit.) apresenta como eram vivenciadas as amizades pelo gênero feminino e masculino, bem como entre os gêneros. Quanto ao gênero masculino, a amizade era pautada na vida civil e profissional, sendo balizada por hábitos como jogar, beber e falar palavras rudes. O sentimentalismo associado ao comportamento das mulheres tendia a ser banido do grupo de amigos. Os rapazes gostavam de conversar entre si e existia uma determinada “camaradagem masculina”:

É provável que as amizades femininas e masculinas tenham evoluído de maneira diferente: no domínio das mulheres, dá-se lugar à sensualidade, como à confidência, no prolongamento de uma relação de mãe para filha. A amizade viril definiu-se progressivamente em um ideal de ação e de convívio galhofeiro que desconfia da ternura e do excesso de intimidade, passada a idade da adolescência. (BUFFAULT, 1996, p.180).

Já a amizade feminina se tratava de uma relação mais terna, restrita a ambientes familiares, de confidências, solidariedade e partilhas de segredos, experiências e fatos cotidianos. No entanto, por intermédio das informações literárias, políticas e culturais, as mulheres passam a ter entrada nas amizades mistas, embora mantenham o modelo feminino de vivenciar a amizade. Nessa perspectiva, entra em cena também o modelo conjugal em que a amizade é comprometida ou mantida por conveniência. No final do século XIX, desenvolveu-se o ideal burguês dos casais de amigos e dos amigos da

família, ao mesmo tempo em que se promoveu uma verdadeira proximidade afetiva entre cônjuges. Passava-se, assim, a sonhar com a interatividade entre os sexos e com “camaradagem sadia” entre rapazes e moças. Ganhava destaque, então, o casal amigo e a amizade de casais, ou seja, amigos da família, o que evidencia mais uma vez a amizade mista.

Por fim, Buffault (op. cit.) aborda as *amizades nômade*s por meio de autobiografias, de escritos que muitas vezes são de origem popular, do cotidiano de operários e militantes que fazem uso de uma escrita epistolar em que se narra o cotidiano de pensadores operários. Evidencia-se, assim, a amizade plebeia, que tem suas escritas divulgadas em jornais operários:

Esse uso remete sobretudo ao aspecto ao mesmo tempo auto e heterobiográfico dos relatos de vida militante, de um “eu” à procura de um “nós” que implica uma encenação particular da subjetividade e da intimidade, do público e do privado. (Op.Cit, p.224)

As formas de sobrevivência e de resistência fazem surgir amizades nômade, que são assim denominadas “não só porque seus membros são frequentemente gente de ofício, portanto de viagem, mas porque não se deixam circunscrever facilmente.” (op. cit., p. 187). Essa forma de amizade fazia pensar sobre relações sociais, sociedade e papéis sociais.

Enquanto percorre as práticas sociais dos séculos XVIII e XIX, Buffault realiza um perfil do comportamento da sociedade, concentrando-se no estudo das relações de amizade e suas singularidades. Seu trabalho dedica maior atenção à forma em que aconteciam as relações sociais, como apareciam as amizades e a importância que estas assumiam em diferentes contextos.

Antes de aprofundarmos mais sobre as relações de amizade, torna-se importante, também, compreender o que chamamos de adolescência. Para isso, recorreremos a Ariès, (1981), que demonstra como o conceito de adolescência não era considerado como um período específico do desenvolvimento humano. A adolescência, que passou a ser pensada no final do século XVIII como uma fase distinta, apenas no século XX passou a receber maior atenção. A Revolução Industrial atuou como um fator significativo para que ocorresse essa mudança, já que a necessidade de formação de mão-de-obra exigia que a criança permanecesse mais tempo na escola, o que retardou sua entrada no

trabalho e, conseqüentemente, na adultez. Criou-se, assim, uma lacuna entre criança e idade adulta.

Ao tratar desse assunto, Buffault (1996) discorre sobre o que denomina adolescência inventada, já que

entre as brincadeiras da infância e os assuntos sérios da idade adulta, abria-se um período tão transitório quanto fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Atribuindo um valor novo a constituição do eu adolescente (p.103).

Assim, práticas que anteriormente eram consideradas de adultos passam, no século XIX, a serem consideradas expressões específicas de adolescentes (op. cit.). Além disso, é considerada importante a descoberta da amizade na adolescência e sua influência na formação do indivíduo. A importância dada à amizade nessa fase da vida será também motivo de preocupação, o que leva ao aumento da vigilância dos pais e educadores sobre as relações de amizade dos adolescentes. O olhar se volta para o adolescente e jovem a partir da preocupação com a criança, com sua proteção e educação. Durante muito tempo, confundiam-se criança, adolescente e jovem, que se distinguiam do adulto através de rituais de passagem como o casamento e o trabalho. Em meio a essa “mistura” de conceitos, estava em jogo a preparação para a vida adulta, já que a criança ou adolescente era vista socialmente como um adulto em potencial. Todavia, com o advento das instituições educativas emerge a noção de juventude, concebida como uma fase em que se deveria aprender, adquirir capital cultural e se preparar para “exercer” um papel social. Nesse sentido, as relações de amizade são, mais uma vez, vistas pelas famílias e estabelecimentos educativos como algo positivo, capaz de favorecer o ingresso no mundo e servir de base durante a vida. A preservação da posição social e a ascensão social também poderiam ser favorecidas pelas redes de amigos. Aos meios educativos se confiava a responsabilidade de educar e socializar os jovens. Surgia, então, uma pedagogia da proximidade em que se misturavam maternalidade, disciplina e amizade. Os preceptores e professores deviam, ao mesmo tempo, dar prova de autoridade e solicitude para infundir nos alunos um respeito que ultrapasse aquele conferido pelo saber. Existia uma vigilância em relação à sexualidade dos adolescentes, principalmente no que diz respeito à ameaça do amor “natural”, ou seja, conjugal. Além disso, o excesso de intimidades e segredos também não era bem

visto; afinal, incentivava-se a coletividade, pois, dessa forma, evitar-se-iam os maus conselhos e os possíveis desvios de conduta.

Portanto, Ariès (1981) e Buffault (1996) nos mostram que a invenção social da infância e da adolescência, além de produzir uma nova sensibilidade social quanto às diferenças entre as gerações, também fortaleceu o poder das gerações mais velhas sobre crianças e adolescentes. Desse modo, as novas gerações obtiveram maior proteção, mas, ao mesmo tempo, foram submetidas a um maior controle dos adultos.

Nessa mesma perspectiva, Ávila (2005) afirma que a maior permanência de crianças e adolescentes na escola possibilitou o surgimento de uma nova fase de desenvolvimento com características específicas. Assim, critérios etários para demarcação do desenvolvimento humano ganham sofisticação.

Com a necessidade de justificar uma nova etapa da vida, emergem os estudos que levam em consideração as modificações biológicas e psicológicas dos adolescentes. A biologia, a psicologia e a medicina acabam por contribuir para a concepção naturalista da adolescência, que consiste, segundo Bock (2004), em uma fase intermediária, posterior à infância e anterior à idade adulta. Mais recentemente, uma releitura das teorias da adolescência veio a frisar que tal fase carrega consigo mudanças tanto biológicas como comportamentais, ao mesmo tempo em que é influenciada por fatores sociais, culturais e históricos – sem, contudo, que os fatores biológicos tenham poder explicativo sobre os socioculturais (Bock, 2004). Desse modo, uma teoria baseada na constituição socio-histórica e cultural da adolescência passa a disputar a hegemonia com as teorias de base biologicista, ganhando posição dominante nas ciências sociais. Assim, as experiências interacionais na fase que chamamos de adolescência passam a ser consideradas essenciais para a constituição do sujeito – posição assumida pela autora desta dissertação.

Galland (2006) ressalta que ocorreram significativas mudanças sociais no interior desse processo histórico, de modo que, hoje, a extensão do tempo de escolarização contribuiu para que os grupos de pares assumissem um lugar central na socialização das novas gerações, na medida em que “distanciando mais tempo e mais sistematicamente as crianças da influência familiar, ao agrupá-las em classes de idade, a instituição escolar tem permitido a cristalização de uma comunidade de gostos” (p. 54). Portanto, a escola passou a ocupar um espaço privilegiado para o exercício da sociabilidade das novas gerações por vários motivos, dentre os quais a exclusão histórica da rua como espaço de sociabilidade. Além disso, a família encurtou de tamanho e as pessoas já não podem mais ocupar a rua como outrora ocuparam:

A separação dos adultos em relação aos mais jovens acabou por sofrer uma radicalização, de modo a fortalecer uma cultura da infância e da adolescência. Desde a entrada na Educação Infantil, as crianças passam a conviver com diferentes dinâmicas interacionais que elas buscam conhecer e controlar, em maior ou menor grau. Parece que, quanto mais as crianças são colocadas em contextos de escolarização dominados por realidades uniformes, rotineiras e sem novidade, mais elas procuram mostrar que detêm alguma autonomia, alguma capacidade de tomada de decisão (mesmo que não totalmente consciente), de constituir um território seu, menos controlado pelo adulto. Isso se amplia na adolescência, de modo que o desejo de uma vida menos controlada, em muitos momentos, parece opor-se ao universo adulto. (SANT'ANA; OLIOSI, 2011, p.3).

Desse modo, o poder das gerações mais velhas sobre crianças e adolescentes já não é exercido da mesma maneira que no passado descrito por Ariès e Buffault. Ainda que, na contemporaneidade, as novas gerações sejam alvo de proteção, ao mesmo tempo tais gerações, em decorrência das mudanças históricas no interior das famílias e das escolas, buscaram novas possibilidades de autonomia, especialmente desde o pós-Guerra, em um movimento de autonomia crescente, mesmo que sem independência financeira (Galland, 2010).

Segundo Galland (2006), para as novas gerações juvenis, a possibilidade de estar entre os pares representa uma importância maior, visto que essa sociabilidade adquire um novo significado: “Em primeiro lugar, elas tornaram-se absolutamente central para a definição de adolescência: a identidade do jovem hoje é definida por seu círculo de amigos” (p. 61).

Nessa perspectiva, a adolescência passou a assumir uma feição relacional significativa, diferentemente do passado, pois, conforme o referido autor, “outrora, a adolescência se definia mais por paixões, lazer, atividades que eram frequentemente de natureza coletiva e estritamente controlada por adultos” (p. 61). Todavia, na contemporaneidade, as novas gerações conquistaram maior autonomia relacional, de modo que os grupos de pares passaram a ocupar um lugar mais importante na socialização juvenil. Em redes de amizades, os adolescentes vivem múltiplas possibilidades relacionais que permitem a experimentação de diferentes significações para o vivido, o confrontar e o assimilar de realidades diversas, por diferentes matizes, afetivas e relacionais (BUENO e SANT'ANA, 2011).

A adolescência, hoje, constitui uma idade da vida em que está em jogo a aprendizagem da autonomia, enquanto para a juventude a independência é o que importa, conforme Galland (2010). Esse autor chama a atenção para o fato de que atualmente os

indivíduos dominam muito cedo aspectos significativos de suas vidas, sem que tenham conquistado qualquer independência econômica. Para Singly (2000) e Galland (2003, 2010), nas sociedades modernas, a autonomia sem independência é a definição mais apropriada de adolescência. (BUENO e SANT'ANA, 2011).

Já a juventude, embora possa ser acompanhada por uma ou outra manifestação própria à adolescência, é definida, segundo Galland (2010), por quatro marcadores: o término dos estudos, o ingresso na vida profissional, a saída da casa dos pais, e enfim, o casamento. Entretanto, autonomia sem independência também pode acontecer na juventude, com as particularidades próprias aos percursos biográficos e sociais dos grupos etários mais velhos que não conseguem adentrar no mundo do trabalho e exercem a autonomia na dependência dos aportes materiais da família ou do Estado (SANT'ANA e OLIOSI, 2011).

Velho (1987), ao pesquisar a subjetividade na classe média da zona sul do Rio de Janeiro, observa a importância da família no que se refere à socialização da subjetividade, considerando-a como uma instituição privilegiada. Mas, além da família, Velho atenta para a amizade como outro tipo de relação de fundamental importância no processo de socialização, principalmente pelo fato de ser uma forma de relacionamento que possibilita o livre arbítrio, a liberdade e a opção, já que as pessoas envolvidas não estão ligadas por laços de sangue: “Os amigos são valorizados como constituindo o reino da liberdade. Ou seja, a amizade é uma coisa que o indivíduo conquista, não é algo que recebe pronto” (VELHO, 1987, p. 86). O mesmo autor considera que, apesar da liberdade para eleger os amigos, a escolha não ocorre sem critérios. Assim, por exemplo, amizades de pessoas de segmentos parecidos parecem ser mais prováveis. O vínculo criado em um grupo de pares passa pela identidade do indivíduo. Por sua vez, este mesmo indivíduo reforça certas crenças e valores ao fazer parte de um grupo, ao mesmo tempo em que esbarra em outros grupos que apresentam características diferentes daquele grupo ao qual pertence, mas que também colabora na construção da sua identidade. Ainda segundo Velho (1986),

Os projetos individuais se viabilizam através de formas de reciprocidade regidas por normas talvez mais ambíguas, mas com um variado leque de alternativas. Existem amizades duradouras mais o importante é que se podem fazer ou desfazer. Ou seja, se os laços entre amigos não obedecem a padrões rigidamente definidos de trocas e obrigações, há maiores possibilidades de se estabelecer novas relações que substituam, completem ou ampliem as tradicionalmente dadas pelo universo da família e do parentesco em geral. (p. 35).

Por sua vez, Gomes (2010) trata a amizade a partir de uma concepção política, considerando a qualidade política da amizade como uma relação horizontal em que são compartilhados assuntos relacionados ao cotidiano e vivências dos amigos. Dessa forma, a amizade constitui uma relação de igualdade política em que existe uma abertura ao outro. A autora, embora não adote um conceito específico de amizade, demonstra como a mesma pode viabilizar a transformação da subjetividade e das formas fixas de sociabilidade. O movimento de abertura ao outro, possibilitado pelas relações de amizade, permite vivenciar diferentes maneiras de existir, que favorecem a solidariedade e a cidadania, podendo levar ao questionamento de pontos de vista rígidos, originar uma maior reflexão e flexibilização de opiniões e, assim, gerar ações políticas inovadoras.

O trabalho de Gomes (2010) é fundamentado na teoria dos afetos de Baruch Espinosa, o que se justifica, segundo a autora, pelo fato de ser uma filosofia política e da ética da alegria, que considera a unidade corpo-mente e apresenta como base a relação com o outro, em que ambos se afetam mutuamente e o afeto passa da posição de passivo para ativo, já que oferece a oportunidade de resistir à tristeza e afirmar a alegria (*hilaritas*), o que aumentaria a capacidade de pensar e agir (chamado de *conatus*). Ou seja, o estado de alegria propiciado pelas relações de amizade acrescenta forças que facilitam na produção de ideias transformadoras.

Moraes Filho (1983) nos apresenta o pensamento de Simmel que também parece se opor a um dualismo da vida social que separa as interações lúdicas, próprias da sociabilidade, e as interações sérias, relacionadas a conteúdos concretos. Desse modo, ambos os autores concebem os sentimentos humanos como constituídos socialmente como elementos fundantes da vida social. Partindo da ideia de que a palavra “ética” remete à imagem de uma morada no mundo para o homem, a alegria e a sociabilidade, se pensadas como ética, rompem com os dualismos corpo e mente, alegria e seriedade, lúdico e racionalidade. Assim, a amizade deflagra o poder, no sentido da potência humana que se fortalece e se amplia na relação social e pode mudar a vida.

Dessa forma, as relações de amizade vistas a partir de uma perspectiva monista configuram um dispositivo relacional humano para manejo dos conflitos que possam existir diante do mundo relacional em que os adolescentes estão inseridos. Assim, as relações de amizade constituem uma forma ousada de tornar a vida mais amena, diante dos percalços existentes. Além de ser um suporte e proteção frente às escolhas e risco de

cada dia, tais relações são suscetíveis de potencializarem as possibilidades abertas ao devir humano.

Neste sentido, Gomes (2010) acrescenta, ainda, que as relações de amizade são a expressão sublime do amor à humanidade, uma vez que implicam um querer bem ao outro que apresenta suas singularidades. Assim, o vínculo de amizade, entendido como igualdade política, torna possível aos amigos, na condição de agentes e falantes, partilhar seus pontos de vista, ideias e perspectivas. Assim, o compartilhar experiências torna o mundo humanizado. Nessa percepção política de amizade, compreende-se a política como aquilo que se faz pela *polis*, pela felicidade da população (Feliz-cidade).

Dessa forma, a amizade no trabalho de Gomes (2010) ocupa um papel central no que se refere à intersubjetividade e à sociabilidade. A relação de pessoas de mundos diferentes pode ser considerada como disparadora da criação de novos mundos e da transformação dos já existentes. Ou seja, a diferença e a diversidade do outro compõem uma “teia” de amizade em que cada fio carrega consigo a complexa organização da subjetividade.

Nesse contexto, não só a interação face a face permite esse tipo de experiência. A internet passa também a ser vista como um instrumento de sociabilidade e que, portanto, pode apresentar uma nova forma de se vivenciar a amizade e consequentemente como esse novo modelo de relação está estruturado nos diferentes aspectos vinculados à relação de amizade.

Ao investigar se é possível ou não vivenciar a amizade em sua qualidade política através da *internet* e se essa seria uma nova forma de estar junto, Gomes (2010) conclui que a *internet* consiste em um instrumento capaz de viabilizar as relações de amizade. Os relatos obtidos em sua pesquisa apontam as relações virtuais de amizade como enriquecedoras e capazes de possibilitar encontros alegres, aprendizagens, relações solidárias, diálogos, trocas de opinião, conhecimento e experiências, o que favorece movimentos de reflexão, relativização e posicionamento diante dos fatos e pensamentos. Embora nosso trabalho seja realizado com adolescentes e o dessa autora com adultos, a forma como ela aborda o tema da amizade não pode ser ignorada, uma vez que pode contribuir muito para o olhar lançado sobre nossos sujeitos de pesquisa e para consequente reflexão sobre o assunto. Aliás, Gomes (2010) menciona um entrevistado que se sente mais seguro em manter relações de amizade pela *internet*, pois, dessa forma, evita constrangimentos iniciais e permite uma maior liberdade de expressão. Para isso, a autora cita Tisseron, que aponta o não conhecer pessoalmente como um dos

fatores que podem despertar a atenção dos adolescentes em manter relações de amizade virtualmente.

A ideia de política de amizade que já existia em Foucault será abordada a partir do trabalho de Cardoso Jr e Naldinho (2009). Os autores afirmam que a política que vem sendo apresentada desde o século XVI foge ao padrão em que o poder é exercido em função da felicidade da população governada. Desde o século XVI tem dominado a lógica em que se governa em função da conservação, desenvolvimento e consolidação do Estado. Segundo Cardoso Jr e Naldinho (op. cit.), esse é o modelo que prevalece nos tempos atuais. A forma de política voltada para o Estado empobrece as relações interpessoais, o que torna comuns os processos de sujeição, já que essa forma de governar voltada para o Estado busca cuidar de tudo o que diz respeito à vida dos governados. Assim, parece ocorrer uma padronização da individualidade. Os autores tratam a questão, principalmente, no que se refere à resistência ao modelo imposto, a partir das relações homossexuais entendidas como um dos tipos de relação que escaparia à normalização da subjetividade. A discussão sobre a homossexualidade como forma de resistência ganharia outro rumo de discussão que não cabe, neste momento, nos limites deste trabalho. No entanto, partimos do pressuposto de que as amizades, principalmente na adolescência, assumem um papel similar ao das relações homossexuais no que diz respeito à resistência ao modelo homogeneizador da sociedade, apresentando uma forma criativa, menos previsível e menos “enquadrada” de se viver.

Para abordar o tema da amizade política na *internet*, Gomes (2010) recorreu a alguns autores que fundamentam a possibilidade de se experimentar a amizade com caráter político através da rede mundial de computadores. Dessa forma, Gomes (2010) apresenta como a amizade é concebida por autores como Nicolaci-da-costa, Arendt e Derrida. A partir desses autores, é possível perceber que a *internet* permite uma forma de vivenciar relações de coleguismo, companheirismo e a amizade. Para Nicolaci-da-costa, as trocas de informação e experiência que ocorrem na *internet* não excluem os fatos do cotidiano. Já para Arendt, as relações de amizade se caracterizam por considerar a opinião do outro, o que privilegia o fato de agir e falar e não depende necessariamente de proximidade prévia. Por sua vez, Derrida apresenta amizade como abertura ao outro, ao novo, ao talvez e, conseqüentemente, à alteridade.

Já Bauman (2009) identifica como vida líquida a fluidez, liquidez e efemeridade da vida contemporânea em que a lógica do consumismo se apresenta como dominante.

Dessa forma, o viver é marcado pela ansiedade frente a uma realidade que se apresenta cada vez mais instável. Já que, segundo o mesmo autor, o que prevalece na lógica do mercado é a insatisfação. A lei do consumismo é não satisfazer o desejo, apenas incitar e jamais saciar, o que resulta na sensação de que sempre esteja faltando algo, já que tudo se torna rapidamente ultrapassado e substituível, resultando em ansiedade, incertezas e frustrações.

Assim, Bauman (op. cit.) chama a atenção para a forma como o sistema capitalista interfere nas relações humanas. Nesse sentido, o autor trata as relações de amizade como fundamentais, uma vez que, diante das incertezas, do fluxo rápido das coisas, a amizade figura como um laço firme e seguro em que existe confiança mútua, além de auxílio e compreensão em caso de necessidades.

Se o mundo da vida está colonizado pela nova configuração societária que marca a passagem dos séculos XX para o XXI, torna-se importante, neste trabalho, pensar qual seria o lugar ocupado pela amizade na sociedade atual. Nesse sentido, Fontes e Sant'Ana (2011) destacam o riso e o humor dos adolescentes em sala de aula como formas de resistência diante da educação escolar dominante. As autoras ainda mencionam a resistência existente diante da ruptura entre a cultura informal do cotidiano fora da escola e a cultura formal da sala de aula. Assim, concordamos que,

durante todo o século XX, a preocupação dominante do poder adulto consistiu em controle do comportamento das novas gerações com vistas à sua disciplinarização e adaptação à ordem social, o que é visível na missão da escola enquanto instituição socializadora. Porém, na contemporaneidade ganham visibilidade movimentos de recusa, por uma parte expressiva da população juvenil, da educação escolar dominante, cujo objetivo maior tem sido a preparação para uma vida competitiva e individualista, conformada por uma ética orientada pelas exigências do mercado de trabalho. (FONTES; SANT'ANA, 2011, p.759).

Nesse contexto, as relações de amizade vivenciadas pelos adolescentes na escola também constituem uma forma de contestação ao sistema dominante, já que oferecem segurança, confiança e acolhimento diante das incertezas e compreensão diante das dificuldades. Como afirma Bauman (2009), diante da efemeridade da vida contemporânea as relações de amizade configuram um laço seguro. A partir do autor, podemos refletir que o amigo se torna um refúgio para o adolescente e, simultaneamente, um amparo que o fortalece diante das possíveis modificações do contexto em que está inserido e os fortalece para ousar mudanças sociais. As cobranças impostas pela escola são amenizadas pela apropriação renovada do espaço escolar, que se torna um espaço de

sociabilidade juvenil. Assim, as relações de amizade possibilitam que o espaço da escola se transforme em um lugar mais agradável e com mais leveza.

Portanto, parte da literatura sobre a amizade aponta como um laço social de oposição a uma ordem social que considera as pessoas apenas na impessoalidade do papel social, como cidadão, produtor ou consumidor de bens e serviços.

A contribuição de Rezende (2002) à abordagem da amizade consiste na consideração da relação entre amigos como um contexto relacional específico, com características próprias, e ao mesmo tempo ligadas a outras dinâmicas sociais. Ao falar de amizade, pensa-se mais especificamente no domínio do privado; no entanto, a amizade também passa pelo domínio público, já que, ao falarmos de amigos, remetemos a uma escolha emotiva, mas também à inserção dessas pessoas que se relacionam em um determinado contexto sociocultural. Assim, a amizade permite ser entendida como um caminho privilegiado de acesso para compreender a pessoa em sociedade.

Maillochon (2003), ao discutir a influência dos grupos de pares, aponta duas formas de pensar a experiência com os amigos. A primeira seria a forma como o indivíduo escolhe o grupo pelas suas referências, preferências e escolhas pessoais, configurando, assim, uma certa conformação desse indivíduo ao grupo. A segunda consiste em uma abordagem mais construtivista das relações interindividuais em que o grupo exerce influências no que diz respeito à ação do indivíduo na interação com o seu meio. No entanto, quando se submete às influências externas, há conformação do indivíduo ao grupo, o que leva, conseqüentemente, a uma “proteção” em relação ao seu meio. Assim, o indivíduo, quando se submete às influências exteriores, tem uma sustentação e confirmação de si. Essa última abordagem supõe uma maior possibilidade no que se refere à dinâmica das relações e também a possíveis transformações, o que permite pensar em redes de relações não homogêneas e não necessariamente coerentes.

Considerando o percurso histórico que modificou a posição social juvenil na sociedade, os adolescentes devem ser entendidos como sujeitos inseridos em uma sociedade que estrutura o social em espaços institucionais como a escola (DAYREL, 2002), onde as relações de amizade ocupam um lugar fundamental. Ávila (2005) complementa nossa compreensão ao caracterizar a adolescência como um processo biopsicossocial, em que ocorrem não apenas mudanças biológicas como também fatores psicológicos internalizados e que são influenciados por aspectos sociais, históricos e culturais do presente. Assim, podemos compreender essa fase da vida como uma etapa que hoje se vincula ao período da juventude, uma fase cada vez mais prolongada para a

maior parte da população juvenil da sociedade ocidental, já que a entrada no mundo do trabalho e a saída da casa paterna têm sido postergadas. É válido ressaltar que adolescência aqui é concebida como uma fase da vida que tem suas características próprias e não apenas como um caminho para se chegar à adultez.

Seguindo esse raciocínio, parte-se, aqui, do pressuposto de que a amizade dos adolescentes é um fio condutor muito significativo para os estudos sobre o que é ser adolescente na sociedade atual e o papel da escola no projeto formativo desses jovens. Para tanto, faz-se necessário dedicar um tópico para esclarecer melhor como entendemos, neste trabalho, o processo de socialização.

2.1. Socialização

Consideramos importante, nesta seção, apresentar, de forma abreviada, uma reflexão sobre o conceito de socialização e, ao mesmo tempo, justificar o motivo pelo qual escolhemos abordar nosso trabalho pela noção de socialização, embora de maneira distanciada da perspectiva que a trata como a ação dos adultos em relação às novas gerações com vistas a fazê-las assumir as pautas de conduta da sociedade. O termo socialização, para Nogueira (2006) e Grigorowitschs (2007), carrega consigo a marca da perspectiva adotada por Durkheim, para quem o ser social se forma a partir das regras de conduta interiorizada. Ou seja, na concepção de Durkheim o indivíduo acaba por aceitar as normas sociais do contexto em que está inserido. Trata-se de uma noção unilateral de socialização, já que, ao agir dessa maneira, a sociedade e seus representantes homogeneízam o ser, ocorrendo, assim uma identificação da pessoa com a consciência coletiva.

Dessa forma, a socialização considerada por Durkheim, segundo Grigorowitschs (2007), refere-se à orientação de um adulto no desenvolvimento de um indivíduo ainda não inserido na sociedade. Assim, fica comprometida a autonomia do agir, uma vez que ser ou não ser socializado era uma questão de incorporação e integração das normas da sociedade em vigor.

Por esse motivo, entendemos que existe um mal-estar em utilizar o termo socialização no que se refere a trabalhos como o nosso, que tem como objetivo

investigar e compreender as interações sociais intrageracionais em espaços como o ambiente escolar.

Esse desconforto é apontado no trabalho de Nogueira (2006), que, ao realizar uma investigação sobre as interações de alunos no interior de uma sala de aula do Ensino Fundamental, justifica por que considerou mais adequado usar o termo *sociação* em vez de *socialização*. A escolha, segundo o autor, deu-se pelo fato do termo *sociação* considerar a negociação das regras de conduta que se tornam legitimadas a partir de um embate, pelos sujeitos, das normas sociais com as normas e pertencas grupais. Dessa forma,

é, portanto, mais apropriado o uso do termo *sociação* no lugar de *socialização*, pois, o segundo encontra-se carregado das perspectivas teóricas e práticas apontadas por DURKHEIM em acentuar o aspecto de criação do ser social via interiorização das regras de conduta; enquanto o primeiro funda-se na perspectiva de negociação dessas regras vias processos de internalização negociada de sua validade com as normas e pertencas grupais. (NOGUEIRA, 2006. p. 59).

Como já mencionado acima, os objetivos desta investigação demandam uma concepção alternativa de *socialização*. Por isso, será utilizado, como referência, o trabalho de Grigorowitschs (2007), por se mostrar um esforço fecundo de retomada crítica dessa noção.

Grigorowitschs (op. cit.) ressalta que, no que se refere à questão processual da *socialização*, Leopold Von Wiese e Norbert Elias, ainda na concepção de Simmel, abordam a questão mais detalhadamente. A ideia de processo permite pensar no movimento e, conseqüentemente, na dinâmica das interações sociais. Assim, está envolvido no processo de *socialização* um ser humano individual em interação com o social, incluindo toda uma gama de referências socioculturais. Nesse sentido, através do movimento engendrado por essas conexões entre o individual e o social, é possível compreender como se desenvolvem as necessidades e habilidades na ação em que estão envolvidos os sujeitos. No interior do processo aparecem aspectos de diferentes dimensões do viver social em níveis objetivos e subjetivos e que consistem em transformações estruturais, processuais e particulares na relação entre indivíduo e sociedade. De maneira semelhante, é possível refletir que

Essas dimensões devem ser tratadas, em seu conjunto ou em suas particularidades, segundo uma perspectiva sociológica, de acordo com um modelo 'reflexivo' de *socialização*, que permite analisar como os indivíduos

desenvolvem necessidades, capacidades, competências do agir, interesses e qualidades pessoais em tensão com as regras, expectativas e costumes sociais. Nesses processos estão em jogo aspectos multidimensionais objetivos e subjetivos, isto é, os processos do desenvolvimento da identidade e as comunicações e interações com o outro. (GRIGOROWITSCHS, 2007, p. 46).

Segundo a autora, a autonomia passa a ser considerada em Simmel e Weber como um valor cultural, uma forma de conduzir a vida de maneira racional e com motivações internas. Assim, assumir a autonomia como valor cultural consiste em apostar em uma formação humana aberta a transformação das pessoas e da sociedade e uma nova maneira de viver na *polis*.

Essa colocação amparou o conceito de socialização em Simmel, o qual considerava como socialização qualquer forma de interação ocorrente em todos os contatos sociais, e não somente as interações promovidas pelos agentes socializadores em relação às novas gerações. Grigorowitschs (op. cit.) menciona, ainda, autores como Mead, Parsons, Piaget, Habermans e Luhmann, que, assim como Simmel, concordam que a interação é promotora dos processos de formação humana. Assim, tudo que compõe e constitui cada indivíduo ocorre de maneira processual e dinâmica durante todo o seu desenvolvimento e permite transformações nas suas práticas sociais. Ao referir-se a essa pluralidade de orientações em torno da relação entre socialização e interação, a autora ressalta que

Tanto em Simmel como em Elias, o mundo social é tido por um conjunto de relações, um todo relacional, relações em processo. É por isso que socialização (*vergesellschaftung*) é interação é se compreende que as formas de interação são as formas de socialização. Isso significa que cada relação, por mais insignificante que pareça ser, contribui para a organização da vida em sociedade, é a sociedade nada mais é do que o conjunto dessas interações. (Op. Cit., p. 47)

Diferentemente de Durkheim, Simmel e Mead se debruçam sobre a relação entre ator e sistema, com destaque para o papel criativo jogado pelo indivíduo e grupo na mudança das pautas de conduta instituídas socialmente. Além de abranger o caráter criativo e reprodutivo do indivíduo no mundo, os autores tratam do interjogo entre o dado e o vir a ser no desenrolar da interação social, de modo que esta assume o papel de promotora da mudança social. Segundo Nogueira (2006) e Grigorowitschs (2007), Mead busca estabelecer uma teorização em confluência com Simmel e em diálogo com

os estudos e análises do comportamento humano teorizados pela psicologia e pela filosofia de sua época.

Conforme Sant'Ana (2003), Mead, na posição de interacionista social, concebia que o comportamento social que abarca as interações dos indivíduos está ligada a uma rede maior e mais complexa de interações que envolve o que ocorre no encontro presente (face a face) e ao mesmo tempo está vinculada a uma gama de significações que são antecedentes a interação social.

Assim, a ordem social se manifesta na interação cotidiana entre os indivíduos, supondo um jogo de interpretação recíproco e contínuo, sujeito ao confronto e a negociação entre interesses diferentes. (SANT'ANA, 2005, p. 68).

Na mesma perspectiva, Grigorowitschs (2007) também se refere ao posicionamento de Mead, no que diz respeito à relação do indivíduo com a sociedade e à teia que se forma a partir das relações inter-individuais que se originam de processos interpretativos, e assim temos o *self*.

Mead foi o autor que desenvolveu de forma mais elaborada e pioneiras análises a respeito da relevância do “outro” nas interações sociais e para o desenvolvimento do *self*. Dessa forma, apresenta o modelo reflexivo-interativo de desenvolvimento da identidade, no qual demonstra que processo de socialização e individuação são duas dimensões correspondentes que juntas tornam possível o desenvolvimento da identidade. (GRIGOWITSCHS, 2007, p. 54).

Diante de todo o exposto, somos levados a concordar com Grigorowitschs em sua reflexão sobre o fato de que alguns autores nomeiam os processos de socialização como auto-socialização por considerarem que o conceito de socialização remeteria a posições reprodutivas e mantenedoras da ordem social, como em Durkheim. A dificuldade do conceito de auto-socialização consiste no fato de ressaltar apenas o lado autônomo e individual dos processos de socialização, de forma que a ideia mais ampla de processo de socialização apresentada acima fica comprometida.

Dessa forma, ainda segundo Grigorowitschs (op. cit.), o processo de socialização infantil é colocado pela autora de maneira a entender que a criança, enquanto se insere na sociedade, simultaneamente constrói uma identidade que possui certa autonomia. Assim, é possível falar em identidades individuais, que se constroem em movimentos intersubjetivos.

Os processos de socialização, são ao mesmo tempo, pressupostos e resultados das ações e interações dos seres humanos em sociedade e são compostos pelo compêndio de interações de todos os que nela vivem; processo esses que ganham forma na assunção recorrente do papel do outro. (GRIGOWITSCHS, 2007, p. 58).

Na adolescência, a construção da identidade tem continuidade e ocorre de maneira parecida com a infância, embora existam algumas especificidades próprias da faixa etária. As relações face a face, como as relações de amizade e tudo o que as envolve, são exemplos disso e estão inscritas no processo de socialização. Assim, enquanto interagem, os adolescentes constroem suas identidades, de forma que tal construção não compete apenas ao meio ou ao indivíduo, mas à relação do indivíduo com o seu meio. Ocorre, dessa maneira, um movimento intersubjetivo, que permite falar de certa autonomia do sujeito, uma vez que ele não é completamente dominado pelas influências do meio; afinal, enquanto constrói o mundo em que vive, ele também se constrói como sujeito e vice-versa.

Um outro motivo pela escolha da perspectiva de Grigorowitschs (2007) decorre do desenvolvimento teórico dos liames entre as teorias de Simmel e Mead no tocante à formação do sujeito, às relações de sociabilidade, com ênfase no lúdico, e suas ligações com a socialização intrageracional possibilitada pela ludicidade e pelas relações de amizade.

Grigorowitschs (op. cit.) contribui de maneira significativa no que se refere ao conhecimento sobre os processos de socialização infantil, mais especificamente o jogo infantil coletivo, compreendido como uma das formas específicas de interação infantil. Assim, durante o jogo ocorrem os processos de socialização, na relação com o outro e tudo o mais que envolve a situação criada no movimento de interação.

Isso significa que a análise do jogo infantil, concebido como uma forma de interação social específicas entre crianças, pode contribuir para a compreensão dos processos de socialização em suas dimensões mais amplas, assim como a análise de outras formas de interação infantil mais recorrentes nas análises sociológicas, tais como as interações no interior da esfera familiar, ou da instituição escolar, nas quais se privilegia, o mais das vezes, as interações de crianças e adultos. (Op. Cit., p. 61).

No mesmo ponto de vista, é possível pensar as relações de amizade como fundamentais no processo de socialização do adolescente, uma vez que a amizade se faz presente em grande parte dessa fase da vida. No entanto, o jogo infantil que na infância

caracteriza a interação social, cede lugar, na adolescência, ao lúdico entendido como forma de sociabilidade. Quando falamos em lúdico nos referimos a algumas ações comuns nas relações de amizade dos adolescentes, tais como a “zoeira”, o riso, os movimentos corporais e a dança. A presença dessas formas de ludicidade torna as relações de amizade agradáveis, leves. Estar com os amigos se torna, muitas vezes, uma diversão.

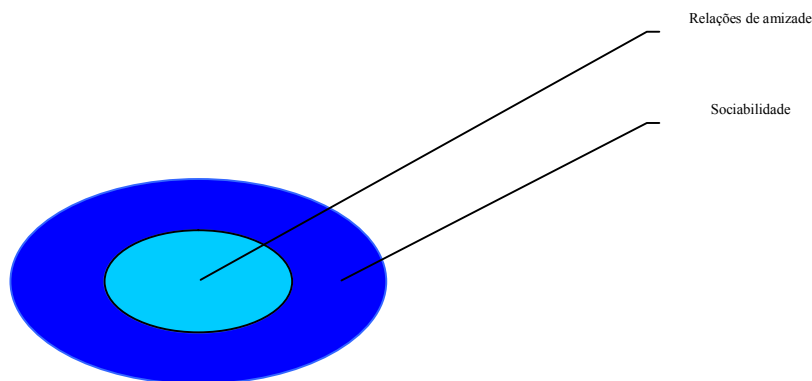
Posto isso, pretendemos trabalhar na mesma lógica de pensamento de Grigorowitschs (2007). Mas, enquanto a autora trabalhou sobre os processos de socialização das crianças por meio dos jogos, nesta investigação a busca é pela compreensão sobre como ocorrem as relações de amizade na adolescência, entendidas como um fio condutor no entendimento dos processos de sociabilidade nessa fase da vida. Sabemos que as relações de amizade entre pares ganha destaque na adolescência e que a experiência da amizade nesse momento da vida apresenta características específicas. Daí nossa necessidade de compreender melhor como ocorre a amizade nessa fase da vida e, principalmente, qual a importância dos laços que ela constitui para esses meninos e meninas.

Assim, ao estudarmos relações de amizade passamos necessariamente pela questão da sociabilidade. Nesse sentido, o trabalho de Nogueira (2006) é uma referência importante por tratar sobre as redes formadas em sala de aula e que expressam os pertencimentos dos jovens envolvidos nas situações de interação e, desse modo, ajudam-nos a compreender como são construídas e significadas as práticas escolares. Neste texto, investigaremos as relações de amizade compreendidas como uma vertente mais específica, inserida no processo de sociabilidade dos adolescentes.

A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos (“os amigos do peito”) e aqueles mais distantes (a “colegagem”), bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas ou galeras (DAYRELL, 2007, p. 1111).

Ou seja, as relações de amizade não se opõem à sociabilidade, apenas constituem uma forma particular desta, à qual voltaremos nossa atenção. Assim como Rezende (2002), abordaremos a amizade como uma possível relação de contexto específico com características próprias e, ao mesmo tempo, ligadas a outras dinâmicas sociais. A figura 1 elucida de forma mais clara a relação existente entre amizade e socialização:

Fig. 1- Relação entre amizade e sociabilidade.



Maillochon (2003) também apresenta esta distinção ao mostrar que é comum jovens de 15 a 18 anos pertencerem ao que ela denomina grupo ou bando, e que geralmente estão associados ao meio escolar, ao quarteirão ou aos membros de outra escola. Embora ocorra uma eleição recíproca de quem vai participar do grupo, isto não significa que exista um investimento aprofundado, como no caso das relações de amizade:

A experiência de socialização em bando não esgota evidentemente a experiência de amizade: os melhores amigos não são necessariamente eleitos no seio dessas formas de sociabilidade gregária; os jovens que não tem um bando não são isolados. (MAILLOCHON, 2003, p 116).

Portanto, as relações de sociabilidade não restringem os parceiros da interação aos grupos de amigos. As pessoas podem estabelecer tais relações com pessoas desconhecidas e/ou conhecidas, no aqui e agora da interação social mediata (via internet, por exemplo) ou imediata, em contextos que engendram o jogar e o brincar, a conversa sem objetivos definidos a priori, o dançar, o rir juntos etc.

2.2.1. Amizade e sociabilidade adolescente e o contexto da escola

Faz-se necessário apresentar de forma concisa trabalhos de investigação que, direta ou indiretamente, contribuem para a compreensão das expressões de amizade e sociabilidade juvenil no contexto da escola pública atual.

As relações de amizade podem ser uma forma de reafirmar a identidade e uma possibilidade de questionamento e discussão de pontos de vista até então apresentados e entendidos como verdades pelos adolescentes. Gomes e Junior (2007) afirmam que a amizade possibilita, através do discurso, enxergar os acontecimentos de diferentes perspectivas, o que permite uma relativização de ideias e uma abertura ao outro, correndo, dessa forma, trocas que contribuem para aprendizagem. Um espaço que serve de palco para que as interações ocorram parece ser principalmente a escola, e isso implica tensões, visto que a função da escola tem como especificidade a difusão de conhecimentos que transcendem a socialização para a sociabilidade.

Dessa forma, o estudo da amizade nessa fase da vida possibilita compreender melhor como os adolescentes lidam com as estruturas impostas pelo meio social, como é sua relação com os adultos, como o adolescente concebe os valores impostos por estes, qual experiência os adolescentes mostram ter da educação que recebem, bem como as possíveis ressignificações do que é vivenciado nos grupos de pares.

Diante disso, a tentativa desta investigação consiste em trabalhar com um olhar voltado para o que apresenta o adolescente, reconhecendo-o como um sujeito competente e capaz de falar com propriedade da suas experiências, do seu cotidiano, bem como da forma de lidar com as possíveis dificuldades e como fazem para lidar com as mesmas. Assim, acreditamos mostrar o respeito e consideração pelo que pensam e vivem os adolescentes, a partir deles mesmos, na “voz” deles.

Já em 1947, Viana, em seu livro *Psicologia da amizade*, evidenciava o que Ferreira (2004) afirmaria ao enfatizar que a amizade é nutrida com respeito, afeto, sinceridade e dignidade. Na mesma linha de raciocínio, Buffault (1996), em trabalho mencionado anteriormente, observa, mediante análise de correspondências, que a amizade envolve felicidade, ternura, encanto, simpatia, deleite, alegria, benevolência, afeição, sensibilidade, finura e delicadeza. Tais valores estão associados à confiança, aprovação, dedicação, encorajamento, respeito e estima. Dessa forma, a amizade se torna um encontro de aparência verdadeira, profunda, íntima, completa, delicada, encantadora e preciosa. Tudo isso atribui às relações de amizade e sua publicidade no Século das Luzes um caráter utópico com exaltação, encenação, debate e segredo. No que se refere ao caráter educativo, pode-se afirmar que a amizade era considerada uma das virtudes sociais, pois constituía uma espécie de modelo de acordo com os valores da aristocracia. Dessa maneira, a amizade, nesse período, era considerada uma relação de reciprocidade, de trocas sociais que revelam muito do contexto social da época e

principalmente dos interesses sociais. Ou seja, ao que parece, existe uma concordância no que diz respeito aos fundamentos para manter as amizades, ou seja, confiança e solidariedade, laços de afetividade.

No entanto, os valores da aristocracia destoam no que se refere às relações de amizade na contemporaneidade. Ter um amigo, do ponto de vista dos adolescentes, também se trata de uma relação recíproca que envolve afetividade. Entretanto, essas relações muitas vezes não estão em consonância com que esperam os adultos (professores, pais, etc.). Vivenciar a amizade significa se impor de forma diferenciada diante da sociedade no sentido de contestar, mudar, exagerar, manifestar. Nesse sentido, percebemos que a escola possui regras que regem a vida do aluno, mas que muitas vezes não são coerentes com o ser adolescente. Nisso se inclui a vivência da amizade.

Segundo Ferreira (2004), a relação de amizade pode ser enxergada como uma maneira de se criar proximidades em que os indivíduos se encontram envolvidos afetuosamente e socialmente, o que culmina no compartilhamento de significações, formando, assim, uma rede de entrosamentos. Tudo isso viabiliza uma possível modificação no ambiente institucional. Frequentar a escola pode ser visto pelos adolescentes, inicialmente, como uma obrigação maçante, mas, por via das relações de amizade, pode tornar-se uma rotina mais amena e divertida, tal como evidenciaram as observações de interação em sala de aula, os encontros com grupos de adolescentes e seus depoimentos nas entrevistas individuais, durante a pesquisa de Iniciação Científica anteriormente citada. O grupo de amigos também é mais forte no sentido de fazer reivindicações e ter suas demandas atendidas. Além de possibilitar o acesso à cultura de pares e, conseqüentemente, criar rotinas de ação e momentos de descontração em atividades prazerosas, ter amigos também representa ter apoio no enfrentamento de problemas do cotidiano escolar.

Dessa forma, as redes de amizade podem ser vistas como importantes contribuintes para o processo dialético entre a reprodução cultural e a mudança em que normas e valores do meio social em que vivem os adolescentes são transmitidos dentro do grupo, o que pode ser aceito ou contestado. Tudo isso que é analisado por Ferreira (2004) nas relações de amizade das crianças também se aplica aos adolescentes, pois, nessa faixa etária, não somente ocorre a reprodução cultural como também acontece a criação de uma cultura própria desses jovens.

Dessa maneira, julgamos necessário estender esse assunto para o âmbito educacional, já que tomamos a amizade como um fio condutor significativo para os

estudos sobre os adolescentes no contexto escolar, principalmente em relação ao projeto formativo desses jovens.

Nesse aspecto, Tortella (1996) chama a atenção para os conteúdos e trabalhos realizados em sala de aula. Segundo a autora, os estudos mostram que não são levadas em consideração as questões que dizem respeito aos afetos e sentimentos e que parece haver uma divisão entre o que é aprendido na escola e o cotidiano dos adolescentes, havendo uma dificuldade de relacionar o que é ensinado na escola com as experiências de vida. Daí a necessidade de atentar para os significados apresentados pelos jovens, para que, assim, seja possível edificar uma educação que faça sentido para eles.

Na mesma perspectiva, Dayrell (2007) discute o desinteresse pela educação escolar. De um lado, os profissionais da escola julgam que se trata de um problema de uma parcela expressiva da juventude contemporânea, que se mostra irresponsável, individualista e desorientada, tornando-se responsáveis pelas dificuldades educacionais. Do outro lado, encontram-se os adolescentes e jovens, que afirmam que a escola se apresenta de forma distante do que é almejado por eles, pois a escola, reduzida a um caminho necessário para futura obtenção de diploma, é vista como tediosa e composta de professores que pouco acrescentam à formação dos alunos enquanto sujeitos. Diante disso, as relações de amizade atuam no sentido de positivar a escola, pois, desse modo, freqüentar o ambiente escolar também é uma maneira de estar com os amigos. Assim, a escola se torna um ambiente mais “leve”.

As relações de amizade entre adolescentes da mesma faixa etária possibilitam, portanto, uma forma mais flexível de troca de informações e de construção de conhecimento. Diante de uma diversidade de referências socioculturais, o adolescente busca formar grupos de iguais em que se padronizam comportamentos, pensamentos e hábitos. Assim, em um movimento de ancoragem de algumas atitudes e recusa de outras possibilidades o adolescente constrói pessoal e socialmente sua identidade.

Sobre a visão dos adultos em relação aos adolescentes, recorreremos também a Pinto (2000), que embora fale sobre crianças, o que ele nos diz também pode ser estendido para os adolescentes. Segundo ele as crianças [... e também os adolescentes] não podem ser entendidas como um ser em preparação para o futuro, incompleto, “um vir a ser” eles devem ser encarados pelo que são no presente, com suas formas de agir, de se expressar, de se vestir, de apropriação de espaço, e, principalmente como um grupo que em interação produz e reproduz a vida social.

Nesse contexto, a importância do conhecimento da experiência que o adolescente vive é imprescindível na compreensão do processo educativo realizado pela escola, pois, como afirma Rayou (2005), devemos considerar as experiências particulares vividas pelos jovens, no retrato do universo escolar em sua relação com a vida social.

Nessa perspectiva, a escola torna-se “cenário” das vivências dos jovens, visto que, como enfatiza Oliveira (2008), estes trazem para a escola suas culturas e ali constroem ativamente sua subjetividade, ou seja, não são meros receptores de informação, são sujeitos contextualizados sócio-historicamente. As relações entre amigos fogem ao anonimato de uma relação entre transmissor e receptor, como uma recusa ao projeto edificado pelos adultos. Em suas manifestações, os jovens se constituem enquanto sujeitos e, ao mesmo tempo, apontam para o tratamento que a sociedade dispensa a eles, visto que sua preocupação consiste em torná-los adultos rentáveis, que atendam à lógica capitalista, ou seja, nota-se que o interesse no que eles vão se tornar e não no que os mobiliza agora.

Dayrell (2007) evidencia que, no caso dos adolescentes dos setores populares, é canalizada para a escola uma expectativa de vivência de trocas sociais não franqueadas por outros espaços sociais. Assim, as relações entre os estudantes ganham mais importância do que as próprias regras da escola, o que se torna fundamental para a identidade de aluno, no sentido de aceitar ou negar essa identidade. Ou seja, as relações entre pares são valorizadas por diversos autores como referências fundamentais ao processo de formação identitária de adolescentes. Além disso, as relações de amizade possibilitam a compreensão de como os adolescentes lidam com as imposições dos adultos, como é experienciada a educação que recebem dos pais e professores, bem como as possíveis ressignificações do vivido nos grupos de amigos. Assim, parte-se, aqui, do pressuposto de que as relações de amizade dos adolescentes são um norteador muito significativo para os estudos sobre o que é ser adolescente na sociedade atual e o papel da escola no projeto formativo desses jovens.

Neste sentido, tomamos os adolescentes, de acordo com Dayrell (2007), como sujeitos sociais que, na sociedade contemporânea, estruturam o social em espaços institucionais (tradicionais). A amizade foi tomada como um “fio condutor” para o estudo sobre aspectos significativos do modo de viver a adolescência dos setores populares na contemporaneidade, com acento no contexto escolar, já que a amizade ocupa um lugar fundamental na vida dos jovens e a escola constitui um local de encontro dos amigos.

3. Metodologia

Esta pesquisa, que constitui um desdobramento de uma experiência de Iniciação Científica, caracteriza-se como uma “ramificação” de uma investigação maior, realizada por um grupo de pesquisas coordenado pela Dr^a Ruth Bernardes de Sant’Ana, professora do Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei e membro do LAPIP (Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial) do DPSIC/UFSJ.

Os sujeitos da pesquisa são 08 adolescentes de uma escola pública estadual, da cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, com idades entre 14 e 16 anos e que freqüentaram, em 2010, o 8º e 9º anos e, no ano seguinte, o PAV (referente ao 8º e 9º ano do Ensino Fundamental), o 9º ano do Ensino Fundamental e o 1º ano do Ensino Médio. Trata-se de uma amostra que está sendo acompanhada desde a pré-escola pelo grupo de pesquisa anteriormente citado. Essa amostra é composta por mais de 40 alunos, distribuídos em três escolas estaduais da cidade. A escolha da escola com oito alunos da amostra se deve ao fato de ser a segunda instituição com maior número desses sujeitos. A escola com maior número de sujeitos da amostra matriculados (dezenove sujeitos) já foi devidamente investigada, tanto pela proponente da pesquisa, na investigação de Iniciação Científica, quanto por outros integrantes do grupo de pesquisa citado acima, o que faz com que os dados se apresentem de forma repetitiva, configurando certa saturação no que se refere ao recolhimento de dados.

Dos oito alunos da amostra, cinco são meninas e três são meninos. A distribuição entre as salas está configurada da seguinte forma: dois meninos na turma do PAV, um menino e uma menina na turma do 9º ano e quatro meninas na turma do 1º ano⁴. Todos esses alunos foram observados em interação com seus amigos e/ou colegas em algum momento da pesquisa no decurso do mestrado. A sala menos observada foi a do PAV, pelo fato de uma pesquisadora de Iniciação Científica do grupo de pesquisa realizar suas observações no local e a direção da escola delimitar apenas um pesquisador por sala. Essa restrição se devia ao fato de haver, além do nosso grupo de pesquisa, estagiários de diversos cursos de graduação (Biologia, Pedagogia, Educação física, etc.) realizando trabalhos e estágios na escola, o que poderia ocasionar certo tumulto. Isso, no entanto, foi amenizado pelo fato de trabalharmos em equipe, o que possibilita a todos os integrantes

⁴ Esses dados se referem ao ano de 2011.

do grupo de pesquisa ter acesso às informações obtidas pelos colegas, de modo que os dados obtidos pela colega estavam sempre à minha disposição. Mesmo assim, realizei cinco horas de observação na sala do PAV, distribuídas em três dias. Essa escolha se deu pelo fato da observação ser importante para este trabalho e também para facilitar o vínculo com os alunos, já que tínhamos intenção de realizar atividades de grupo na turma do PAV, como fizemos posteriormente.

Os oito adolescentes que fazem parte da nossa investigação receberam maior atenção nas observações em sala de aula e nas atividades de grupo. Entretanto, isso não significa que estávamos alheios ao todo ou mesmo aos outros adolescentes presentes no cotidiano observado. Visto a relevância que as interações sociais possuem em nosso trabalho, seria incoerente observar um adolescente isoladamente.

A proposta desta investigação consiste em dar ênfase às relações de amizade dos adolescentes, suas formas, significações e implicações, principalmente no que faz referência ao âmbito escolar. Nesta metodologia, a amizade foi observada nas relações entre os sujeitos, em seus enunciados e relatos de suas vivências. Para tanto, foram utilizados, pelo menos, três procedimentos metodológicos, a fim de obter maior confiabilidade ao trabalho e amenizar possíveis limitações dos métodos utilizados, a saber: i) observações das interações em sala de aula, por considerarmos, com Burgess (1997), que a observação (participante) é uma maneira de investigar e colher dados das interações sociais e, assim, alcançar os significados atribuídos pelos sujeitos às situações sociais, utilizados para fins científicos. A utilização da observação participante em pesquisa possibilita ao pesquisador estar presente em cenários naturais em que se observam dados com riqueza de detalhes, com uma linguagem própria dos participantes, além da possibilidade de analisar as diversas situações sob vários pontos de vista; ii) encontros para atividades de grupo com adolescentes, na busca de um maior contato com os sujeitos mediante um espaço de discussão e compreensão sobre assuntos pertinentes ao universo dos adolescentes; iii) e entrevistas individuais com os sujeitos considerados mais significativos e/ou emblemáticos para a temática. Para isso, recorremos a Duarte (2004), que destaca a entrevista como ferramenta essencial quando se busca mapear práticas e universos sociais específicos, com certa delimitação, e nos quais os conflitos e contradições não estejam visivelmente explicitados. Nesse sentido, as entrevistas possibilitaram um maior aprofundamento das informações e dos modos como os sujeitos percebem e significam a realidade em que estão inseridos. Assim,

viabilizaram o acesso a informações que tornam possível descrever e compreender a lógica das relações que ocorrem no interior de um grupo.

Buscou-se construir uma pesquisa interacionista, visto que se trata de uma abordagem preocupada com o cotidiano da prática escolar no que se refere às ações dos sujeitos que participam desse cotidiano – peculiaridade que faz do interacionismo uma abordagem próspera nas investigações sobre a educação. Sant’Ana (2005) afirma que o interacionismo social propõe tornar o familiar estranho, registrando o que parece óbvio e levando em conta seus significados e interpretações para, dessa forma, analisar a relação entre a situação de sala de aula e o seu contexto de inserção. A partir daí, foi possível construir as hipóteses e os argumentos no interior do trabalho de campo. Nesse sentido, a pesquisadora atuou como observadora participante, porém com um nível menor de participação do que está previsto em uma pesquisa participante completa, visto que o fato de estar inserido no contexto de sala de aula já faz dele um participante (Sant’Ana, 2010).

Durante a o trabalho de pesquisa procuramos estar sempre próximos dos sujeitos investigados, para que fosse criada uma relação capaz de promover um diálogo franco entre as partes em interação e, dessa forma, criar um espaço de escuta para que esses adolescentes trouxessem seus assuntos e suas perspectivas acerca de seus cotidianos.

Embora a pesquisa não enfatize o recorte de gênero, as amizades femininas ganham destaque em vários momentos ao longo do texto. É possível considerar que a forma mais intimista com que as meninas manifestam, ao se relacionarem, falam de sua vida e a forma muitas vezes bem elaborada com que discutem sobre os mais diversos assuntos favoreceu o destaque feminino na pesquisa. Entretanto, não podemos deixar de apontar que existe uma implicação da especificidade do gênero da pesquisadora no modo como aborda as relações de gênero, ou seja, existe um viés que coloca o olhar feminino como central, o que é direcionado pela experiência cultural de sua formação como mulher. Sant’Ana (2010) aponta essa questão sobre a implicação no pesquisador no campo de investigação das pesquisas ao afirmar:

As formas de participação e as implicações subjetivas do pesquisador tensionam o trabalho de investigação, mas a elucidação desses elementos facilita novas compreensões da realidade. Tal processo de construção de conhecimento organiza e assegura um olhar mais complexo sobre os fenômenos estudados, pois concebe o pesquisador como um sujeito inscrito no mundo sociocultural e na sua história biográfica particular, que vive uma experiência de alteridade não facilmente inteligível, pois esta escapa a uma percepção sensível pura. (p. 377).

Desse modo, não obstante meu esforço para me colocar no lugar dos adolescentes do sexo masculino com vistas a compreender como são tecidas as suas relações de amizade, não foi possível destacar de maneira mais acabada as significações sociais de tais relações para eles. Por um lado, as meninas mostraram maior interesse em falar das relações sociais por elas vividas, por meio de ricas narrativas. Por outro lado, encontrei dificuldades em entrar no mundo dos rapazes, sobretudo por não dominar os códigos relacionais e as marcas identitárias ligados às relações de amizade por eles assumidas, pois tais códigos e marcas pareciam menos explicitados, já que próprios a uma cultura de gênero que não é a minha. Isso não diminui, contudo, a importância de investigações que aprofundem as relações de amizade no masculino, mas aponta a necessidade de se buscar, em trabalhos futuros, meios de romper com o limite encontrado no desenvolvimento desta pesquisa.

A pesquisa apresentou dois momentos: no ano 2010 uma fase primeira, de caráter mais exploratório, em que ocorreu 49 horas de observações de interação em sala de aula. Em 2011 esta fase exploratória teve continuidade com mais 15 horas de observação e um encontro grupal no pátio da escola. A reflexão sobre esta parte da pesquisa de campo, mostrou-nos os aspectos mais significativos que poderiam ser enfocados na sua continuidade, inclusive no tocante as categorias de análise que poderiam orientar a investigação. Assim com os caminhos a serem seguidos em vista, iniciamos o segundo momento, no segundo semestre de 2011. Realizamos desta forma, quatro entrevistas individuais com os alunos da amostra, três atividades de grupo realizadas em duas turmas em que estudam os meninos e meninas que fazem parte da pesquisa. Enquanto isso acontecia as observações em sala de aula foram mantidas semanalmente, com exceção das semanas que surgiam algum impedimento, tais como: feriados, paralisações, reunião de professores, reunião de pais, provas avaliativas do governo ou então algum evento da própria escola.

Cabe, agora, expor de forma mais abrangente os procedimentos de pesquisa utilizados. Durante a observação das interações em sala de aula, a investigadora dispunha de um diário de campo para auxiliá-la no registro de suas impressões do cotidiano escolar. A princípio, as anotações forma descritivas, para que posteriormente pudéssemos extrair informações que orientassem a interpretação de fenômenos recorrentes e significativos. Assim, o diário de campo possibilita registrar como

o particular contexto em que os dados foram obtidos, permite captar uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais, - obtidos por meio do gravador, da máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições - não transmitem. (MAGNANI, 1997, p. 3).

Magnani (op. cit.) acrescenta que o diário de campo permite uma intersecção, um encontro entre dois momentos, o da transcrição da experiência da imersão, que já é considerado um momento de elaboração, e posteriormente o momento de análise, quando possibilita “voltar” ao campo e transportar o momento do campo para o conhecimento teórico da academia. Após o encerramento das atividades de observação em sala de aula, o gravador pode ser utilizado, ainda, como diário de campo complementar mediante registro das impressões do pesquisador sobre a rotina dos estabelecimentos, logo após o encerramento de suas atividades.

Em relação aos grupos, a proposta inicial era fazê-los acontecer semanalmente, com participação de 7 a 13 sujeitos da amostra, que teriam liberdade para convidar até dois amigos para participarem dos encontros. Dessa forma, propiciaríamos mais liberdade aos participantes e, também, obteríamos informações acerca do adolescente através da sua escolha pessoal de amigos, tal como já havíamos feito, de maneira satisfatória, no trabalho de Iniciação Científica. No entanto, essa proposta, prevista para 2010, teve como empecilho a dificuldade de encontrar espaço físico para a realização dos encontros, de modo que as atividades foram atrasadas e, como o último mês de aula é um período mais conturbado, com grande número de provas e outras atividades na escola, decidimos postergar os grupos para 2011. Assim, fizemos os convites nas três turmas em que estudavam os adolescentes envolvidos na pesquisa. O convite era extensivo a toda a turma. Nossa proposta de realizar os encontros após a aula não foi aceita, pois retardaria seu horário de almoço. Como alternativa, agendamos o encontro para a tarde, mas apenas três convidados apareceram. Em justificativa, a maioria dos convidados alegou que tinha outros compromissos no horário, tais como aulas de Inglês, aula de música, treino de vôlei, treino de futebol, curso de crisma, cursos de informática e cursinhos preparatórios para o vestibular seriado. Percebi, então, que teríamos dificuldade em realizar os encontros em grupo, já que os meninos e meninas eram muito atarefados. Todavia, durante as reuniões do grupo de pesquisa, tivemos a ideia de fazer uma parceria com a professora de Artes, que aceitou nosso pedido. No entanto, muitos dos seus horários coincidiam com avaliações escolares. Como solução, uma professora de Língua

Portuguesa disponibilizou dois horários para que realizássemos as atividades e a professora de Artes disponibilizou um horário na turma do 1º ano.

Durante os encontros, uma filmadora ficava sob nossa posse e outra com os adolescentes. Começamos os trabalhos com uma atividade que consideramos muito importante para o nosso trabalho, a elaboração de sociogramas, por representar um salto em relação ao trabalho realizado na Iniciação Científica. Assim, distribuímos uma figura de sistema solar e pedimos que colassem, no sentido de dentro para fora, quais eram seus amigos, na ordem do mais próximo para o mais distante (de dentro para fora) e depois pedimos que identificassem quais deles eram seus amigos na escola. Para a realização dessa atividade, pedimos que sentassem em grupos de quatro ou cinco pessoas, pois, assim, poderíamos identificar como se dava a formação dos grupos e se estes eram coerentes com as “panelinhas” observadas em sala de aula. Como já mencionado, esse trabalho foi realizado no PAV e no 1º ano. Embora aspirássemos a realizar a mesma atividade na turma do 9º ano, já que ali havia dois alunos contemplados na amostra, não foi possível fazê-lo, pois não conseguimos nenhuma aula disponível para a realização da atividade.

A confecção dos sociogramas pelos adolescentes pode nos ajudar na compreensão de como se formam as redes de amizade, em que momentos elas se interceptam, se desfazem e quem são os amigos na escola. Para viabilizar essa análise, somaremos as informações das observações e também as entrevistas individuais, que nos auxiliam nesta tarefa, mais especificamente em três questões específicas que já foram adicionadas no roteiro de entrevista. Na turma do PAV, também foi possível realizar outra atividade de grupo. A proposta foi bem aceita e sua realização ocorreu com êxito. Pedimos, mais uma vez, que os adolescentes se dividissem em grupos e distribuímos um papel com uma situação hipotética e cotidiana, pensada a partir das observações em sala de aula e das entrevistas realizadas até aquele momento. Em seguida, pedimos que eles conversassem sobre o assunto brevemente e encenassem como reagiriam em determinadas situações. Para eles, designamos a atividade como “teatro de improviso”.

Novamente as atividades foram registradas por duas filmadoras, uma em posse da pesquisadora ou da estagiária de pesquisa que a acompanhava a mestranda e outra nas ficou nas mãos dos adolescentes. O objetivo foi observar o foco dado pelo adolescente e aumentar o campo a ser visualizado. Segundo Pinheiro *et al* (2005), a filmagem facilita o estudo de ações humanas com maior complexidade, além de possibilitar ao pesquisador rever as cenas várias vezes, permitindo-lhe atentar para

situações que de outro modo poderiam passar despercebidas – embora isso não signifique que a filmagem irá abarcar de forma geral os acontecimentos.

Até o momento foram realizadas quatro atividades de grupo. Após o término de cada encontro, registramos os aspectos mais significativos no diário de campo. Em outro momento, elaboramos relatórios de cada sessão, destacando os aspectos mais significativos e relacionando-os com o referencial teórico adotado, o interacionismo social.

Também foram realizadas quatro entrevistas individuais, com os sujeitos considerados mais significativos e/ou emblemáticos, para que pudéssemos, assim, fazer uma análise mais aprofundada. O roteiro utilizado nas entrevistas com adolescentes foi criado a partir das observações em sala de aula, que muitas vezes despertavam nossa atenção para algum acontecimento, mas que não podíamos explorar mais detidamente porque os alunos estavam em contexto de aula. Assim, as entrevistas respondiam à necessidade de compreendermos melhor os aspectos que envolvem os adolescentes e as relações de amizade que somente as observações em sala não eram suficientes para responder. Também nos permitiam, por fim, verificar se o discurso dos adolescentes nas entrevistas era coerente com o que percebíamos em sala de aula e vice-versa. Os trabalhos de Nogueira (2006), Ferreira (2011), Sant’Ana (2010) e Gomes (2010) foram utilizados como referência para a construção do roteiro de entrevista.

Na análise dos dados, serão examinados os diários de campo, as entrevistas e todos os relatórios confeccionados durante a pesquisa e as filmagens. Dessa forma, buscamos dar inteligibilidade aos fenômenos observados, organizando os dados em um todo que lhes oferece sentido, bem como refletindo e dialogando com o referencial teórico-metodológico. Assim, visamos a uma análise bem aprofundada sobre o tema em questão.

3.1.1. Contexto e participantes da pesquisa

Consideramos importante situar, de forma breve, o contexto escolar em que os alunos estavam inseridos em 2010 e 2011.

A escola está situada em uma grande avenida da cidade de São João del-Rei, que possui um canteiro central para os pedestres. Essa passagem fica tomada pelos alunos que caminham em direção à escola nos minutos que antecedem e sucedem as aulas.

Nessa caminhada é possível perceber a formação de grupos de adolescentes que conversam, riem e brincam enquanto caminham ou ficam aglomerados no portão da escola, principalmente na saída.

Embora seja amplo, o espaço físico da escola é muito recortado por paredes e corredores, o que reduz o espaço de interação. A escola possui salas de aula distribuídas em um prédio de dois andares, além de quadra esportiva, refeitório, biblioteca, alguns quiosques próximos à quadra, laboratórios de informática e ciências e sala de multimídia, bem como ambientes destinados à diretoria, professores e outros funcionários da escola.

Os alunos observados (8º e 9º ano) em 2010 estudavam no período vespertino, razão pela qual compartilhavam o recreio com as crianças da escola dos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental. Isso fragmentava o espaço de interação dos adolescentes, já que uma parte ficava próxima ao refeitório, outra em bancos de madeira situados próximos às portas das salas de aula e os demais caminhavam pela escola, quase sempre em grupos. A parte central do pátio era o local em que se concentravam as brincadeiras das crianças. Como as observações em 2011 de deram no período matutino, o cenário do recreio sofreu uma alteração, já que o espaço da escola é ocupado predominantemente por adolescentes. As relações sociais implicam apropriações do espaço de formas diferenciadas. Assim, as relações de amizade se constituem em vários espaços da escola de maneiras diferentes. Isso é perceptível no que diz respeito, entre outras coisas, aos locais de sociabilidade preferidos, aos tamanhos de grupo, à forma de manifestação das relações de amizade e às formações de grupos em relação ao gênero.

É possível perceber vários grupos de adolescentes que conversam, riem, brincam e se abraçam no horário do intervalo. Os grupos maiores ficam próximos às portas das salas de aula e outros ficam junto à escada que leva ao segundo andar. Tais grupos são compostos, em maior parte, de meninas, embora seja comum a presença de alguns meninos. Alguns desses garotos ficam presentes no grupo das meninas durante todo o recreio e outros se limitam a passar pelos grupos femininos abraçar as garotas, fazer alguma brincadeira e logo sair. Os grupos maiores ganham maior visibilidade pela forma de expressão, pois os adolescentes se abraçam muito, dão gargalhadas, gritam para chamar os amigos. Também é possível notar grupos masculinos que caminham pela escola ou ficam próximos dos grupos das meninas, ocorrendo, muitas vezes, comunicação entre os grupos de gêneros diferentes. Há, ainda, meninas que andam em duplas ou em trios pela escola e se apresentam de forma mais discreta, tanto pelo menor

número de componentes quanto por parecerem mais contidas em suas ações que demonstrarem mais seriedade e cumplicidade. Embora optemos por fazer uma descrição individual dos perfis de grupos, isso não acontecia de forma isolada, pois, como já mencionado acima, existe interação e movimento entre os grupos.

O refeitório também é um local de intensa interação, pois existem ali quatro mesas grandes e duas menores, todas com bancos onde os adolescentes ficam aglomerados durante as refeições na companhia de seu grupo. O local também é utilizado para “bate-papos” quando os alunos retornam da educação física e aguardam a aula seguinte. A área da quadra não é muito freqüentada pelos adolescentes fora do horário da educação física, talvez devido à regra que exige autorização de alguém da diretoria para o uso do espaço, o que dificulta o acesso.

Já os casais de namorados ou “ficantes” buscam espaços de caráter mais íntimo e privativo, como bancos localizados em um pequeno corredor atrás da escada, por ser um espaço pouco movimentado, ou em cantos no caminho em direção à quadra esportiva.

É possível observar como os adolescentes se apropriam dos espaços antes mesmo de entrar na escola, já que esta é situada em uma grande avenida da cidade. Essa passagem fica tomada pelos estudantes da escola nos minutos que antecedem e sucedem as aulas. Assim, é possível perceber a formação de grupos de adolescentes que interagem intensamente enquanto caminham ou se aglomeram no portão da escola ou na parte do canteiro situado em frente à escola, principalmente no momento da saída. Os emblemas identitários dos adolescentes ficam evidentes, principalmente, quando estes estão fora da sala de aula, já que muitas vezes as regras impostas a meninos e meninas impedem ou dificultam a manifestação das diferentes formas de ser adolescente. Podemos clarificar melhor essa observação através de acontecimentos observados nos dias em que eram realizadas as observações. Era comum, por exemplo, nos minutos finais da última aula, as meninas soltarem os cabelos, passarem batom, retocarem o lápis nos olhos. Já os meninos lançavam mão de seus bonés guardados nas mochilas. É visível o caso de uma menina que, em vários dias observados, empreendia um mesmo ritual: logo que tocava o sinal para saída da escola, a menina, ainda em sala de aula, despiu-se da blusa do uniforme e deixava apenas a blusa que vestia por baixo, que era mais justa e a deixava mais atraente.

Observamos, assim, que no ambiente escolar os adolescentes têm diferentes formas de manifestações, mas, como alunos, são enquadrados em papéis restritivos que impedem a expressão de sua individualidade. Essa divisão em adolescente e aluno está

mais em um nível didático, visto que no cotidiano as formas de vivenciá-las ocorrem de maneira concomitante. É verdade que, em alguns momentos, sobressai a identidade de aluno, principalmente em sala de aula, onde são interpelados à observância a regras que os impedem de usar celulares, bonés e conversarem sobre assuntos alheios à aula. Ainda assim, a todo o momento o adolescente busca se manifestar, tentando burlar as regras. Essa tensão que apresentamos sobre ser adolescente e ser aluno é tratada por Dayrell (2007), que afirma:

No cotidiano escolar, essa tensão se manifesta não tanto de forma excludente – ser jovem ou ser aluno –, mas, sim, geralmente na sua ambigüidade de ser jovem e ser aluno, numa dupla condição que muitas vezes é difícil de ser articulada, que se concretiza em práticas e valores que vão caracterizar o seu percurso escolar e os sentidos atribuídos a essa experiência. (p. 1120)

O recreio constitui um momento que favorece a expressão do adolescente, que se apropria dos espaços físicos que a escola oferece, pois existem regras de comportamentos impostas pela escola para os diferentes locais. A sala de aula é um local em que as expressões adolescentes são mais tolhidas, uma vez que os adolescentes não têm permissão para se expressar por meio de marcas identitárias como o uso de bonés ou capuzes de moletom sobre a cabeça. Já no espaço do pátio, principalmente na hora recreio, é perceptível a existência de maior liberdade. Os jovens usam bonés, capuzes e podem dançar e cantar. Embora a vigilância também ocorra no momento recreio, isso se dá de forma mais branda, pois as interferências parecem ocorrer apenas quando os funcionários consideram determinadas atitudes dos adolescentes como prejudiciais à sua integridade física ou suscetíveis de causar danos aos colegas, como permanecer em sala de aula durante o recreio, já que nesse horário as salas são trancadas para evitar o sumiço de materiais dos alunos. Essa questão da vigilância e interferência é exemplificada no que toca aos namoros, cuja proibição no ambiente escolar é burlada por casais de namorados durante o recreio. Esses casais são repreendidos apenas em casos de exageros, tais como manifestações de intimidades sexuais.

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do *fluir* da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. (DAYRELL, 2007, p. 1112).

Percebemos, então, que existe durante o recreio uma busca significativa dessas manifestações de expressão, de modo que os alunos utilizam cantos e corredores da escola para namorar e utilizar celulares, mesmo que tais práticas sejam proibidas. Além dessas, outras manifestações são favorecidas pelo amplo espaço do pátio e pelas interações que ali ocorrem, tais como a conversa liberada, a escrita de letras de *rap*, a dança, a brincadeira e a “zoeira”. Se durante o recreio tais práticas são toleradas pela direção, quando ocorrem em sala de aula não são bem vistas, pois são interpretadas como atitudes que atrapalham o bom andamento da aula. No entanto, isso não significa que os adolescentes não burlem também a ordem em sala de aula. Como, nesse caso, a transgressão fica mais evidente, os transgressores acabam sendo rotulados pelos professores como “problemáticos”, “bagunceiros”, “pouco comprometidos” e “irresponsáveis”. Apesar do teor pejorativo desses qualificativos, os adolescentes que, em busca de expressão por meio da interação, apresentam uma interação mais “inflamada”, não parecem se incomodar.

Neste ponto, interessa discorrer um pouco mais sobre o ambiente das salas de aulas e as interações e formações de redes de amigos ali existentes, que exemplificam bem esta questão. As salas de aula apresentam um espaço físico bem parecido em termos de tamanho do espaço e formato das carteiras. No entanto, existe uma diferença significativa no que diz respeito ao comportamento observados na turma do 8º ano B (observada em 2010) e na turma do 1º ano A (observada em 2011). A primeira apresentava claramente pequenos grupos formados dentro da sala de aula, o que tornava possível observar a influência do gênero na formação desses grupos, bem como os assuntos mais frequentes em cada um deles. Além disso, a conversa e as andanças eram muito comuns nos momentos de intervalos e também durante as aulas. Já o primeiro ano apresentava um número maior de alunos, que quase não levantavam de suas carteiras e conversavam menos durante as aulas.

Para facilitar a compreensão dos fatos ocorridos durante as observações e para que seja possível, também, visualizar as redes de amizade optamos por descrever, de forma sucinta, como são os grupos e o perfil das adolescentes que os compõem. No início das observações no 8º ano, os alunos escolhiam o lugar onde iriam sentar, mas, depois de um mês de observação, foi feita uma distribuição de lugares por dois professores, que, assim, compuseram um mapa de sala. No entanto, os alunos buscavam formas de burlar a ordem, principalmente porque alguns professores não exigiam obediência ao mapeamento e, mesmo nas aulas daqueles que o exigiam, os alunos

insistiam em mudar de lugar e retornavam somente quando exigido pelo professor. Dessa forma, os alunos criavam informalmente seu próprio mapa, que interessa mais aos propósitos de nossa pesquisa. Vale lembrar que alguns alunos, por não incomodarem os professores, foram mantidos nos lugares escolhidos por eles mesmos.

No fundo da sala, havia um grupo formado por seis meninas: Letícia⁵, Carla, Paula, Maria, Raíssa e Kátia, além de um menino, de nome Luan. Nesse grupo maior, era perceptível a caracterização de cada membro. Raíssa, a mais “moleca”, corria pela sala, brincava com os amigos e jogava futebol na aula de educação física, mas vez por outra interrompia as atividades mais agitadas e se juntava às meninas de seu grupo para trocar bilhetes, segredos, falar sobre meninos e outros assuntos de maneira geral. Já Paula se aproximava de Raíssa na forma de expressar, embora fosse um pouco menos infantilizada. Por sua vez, Kátia era a mais distante do grupo e, em relação à sala de aula, era a que mais procurava afirmar sua identidade social como adolescente, pois os apanágios identitários tidos como infantis já não a interessavam, como podemos observar na situação abaixo:

No intervalo entre uma aula e outra os meninos estão de pé, próximos à porta, e se empurram, saem correndo, jogam bolinhas de papel uns nos outros, tudo em tom de brincadeira, de modo que a sala fica bastante tumultuada e barulhenta. Kátia, observando a situação, diz:

Kátia: Nossa, o pessoal aqui da sala é muito criança, não tenho paciência!

Pesq⁶: Você acha?

Kátia: Nossa! Demais! (OSA⁷, 10 de junho de 2010)

Nas observações, já era possível perceber, por algumas conversas, que a adolescente já tinha namorado, frequentava festas que os companheiros de turma não tinham costume de frequentar e ia ao *shopping center* com outras amigas que não estudavam na escola.

Dos outros membros do grupo, Maria, Letícia e Carla parecem ser as que têm mais afinidades entre si na maneira de se comportarem, pois em vários momentos se unem para brincar ou desobedecerem ao professor. Também apresentam afinidades no que se refere a atitudes como “ficar” com meninos da sua idade, trocar bilhetinhos, ler revistas destinadas ao público feminino adolescente, guardar recortes de revistas dos seus artistas preferidos, trazer *gloss* no estojo de lápis, ouvir músicas no celular e não abandoná-lo em nenhum instante.

⁵ Os nomes de todos os sujeitos mencionados neste trabalho são fictícios.

⁶ Pesquisadora

⁷ OSA – Observação em sala de aula

Por seu lado, Luan se mostra mais introspectivo; conversa um pouco, mas é comedido. Na maioria das vezes, copia os exercícios e, embora suas notas não sejam muito altas, estão quase sempre dentro da média. No mapa de sala de aula, o menino fica localizado no final da fila; no entanto, arrasta sua carteira um pouco mais para o fundo e a encosta na parede. Ao fazerem o mesmo, as seis meninas formam o grupo do fundo. Contudo, nem sempre todas as seis vão para o fundo da sala, pois a combinação de quem se desloca é variável. Já Luan transita bem entre este grupo e outro formado por três meninas, Iara, Rose e Clara, que são mais quietas e raramente se levantam de seus lugares, situados sucessivamente na segunda fila em direção da mesa do professor, aproximadamente no meio da sala. O fato de serem mais comedidas não as diferencia muito do outro grupo no que se refere às notas. Embora também conversem, elas o fazem mais baixo e, quando os professores solicitam, geralmente ficam em silêncio. Era comum vê-las desenhando, recortando revistas voltadas para o público adolescente, fazendo testes nessas revistas, copiando poemas e letras de músicas. Muitas vezes, isso acontecia durante explicações dos professores ou realização de atividades.

Outro grupo que nos chamou atenção era formado por quatro meninos: Daniel, Dudu, Gustavo e Diogo. Os dois primeiros sentavam próximos ao fundo da sala e os outros mais à frente: Gustavo próximo da porta e Diogo perto da mesa da professora. Eles se diferenciavam dos outros meninos da turma pelo comportamento, pois, enquanto os outros frequentemente se levantavam durante os intervalos entre as aulas, iam à porta, empurravam-se, corriam pela sala ou brincavam com figurinhas, eles ficavam conversando entre si em seus próprios lugares, o que os obrigava a gritar para se comunicarem, já que apenas Daniel e Dudu se sentavam mais próximos, ou então se deslocavam até a mesa do companheiro. Suas conversas geralmente eram relacionadas às meninas, a futebol e a acontecimentos ocorridos na sala. Como esses adolescentes se mostravam muito atentos a detalhes como o perfil dos colegas, sua observação os levava a fazer comentários jocosos e “zoações” inclusive, em alguns casos, sobre as características de alguns professores.

Durante uma aula de História, em que o professor passava uma longa atividade no quadro, foi possível perceber como se configuram as relações na sala de aula, já que, como a transcrição de exercícios não exige muito esforço intelectual ou concentração, os alunos podiam ficar conversando e depois copiar de um colega. Assim, podemos descrever a configuração da sala da seguinte forma: ao fundo estão Letícia, Carla, Paula e Luan. Maria, que também faz parte do grupo, neste dia está sentada sozinha e parece

pensativa. Raíssa transita pela sala e conversa com vários colegas, depois se junta ao grupo que está no fundo da sala. Desse grupo de cinco colegas, além de Maria, que está afastada, somente o menino, mesmo conversando, copia a tarefa. As meninas comentam sobre uma conhecida em comum, que teria “ficado” com dez meninos no carnaval. Raíssa e Kátia começam a ver umas gravuras que, segundo elas, foram extraídas da *Toda Teen* e *Capricho* (revistas destinadas ao público adolescente), e, assim entretidas, dispersam-se dos grupos. O professor as repreende por não estarem realizando a tarefa e elas fingem fazê-lo. Enquanto isso, Daniel, Dudu, Diogo e Gustavo, mesmo conversando, participam mais da aula e fazem perguntas sobre o conteúdo da aula. Outras três meninas (Iara, Rose e Clara), que são mais caladas, juntam as cadeiras enquanto copiam o exercício.

Como, na aula seguinte, o professor é um pouco mais exigente, os adolescentes retornam para seus lugares antes de sua chegada à sala, obedecendo ao zoneamento oficial e organizando-se em filas. Mesmo assim, por vezes se levantam e vão até a carteira de algum amigo, principalmente os cinco alunos que fazem parte do grupo que costuma sentar-se ao fundo da sala. Terminada a aula desse professor, os adolescentes voltam a sentar no fundo da sala. Desta vez, Letícia, Paula, Raíssa, Kátia e Luan são os que se sentam na parte de trás da sala. Maria e Carla continuam em seus lugares. Durante a aula, as cinco meninas se movimentam, falam, arrastam mesas, trocam cadernos, olham revistas e rabiscam os cadernos. Já as três meninas que estão ao fundo chegam a iniciar um batuque. Vale destacar que, enquanto tudo isso acontece, os cadernos e livros não são abertos em nenhum momento. Kátia, mesmo sentada ao fundo da sala, é mais quieta e repreende os colegas, pedindo silêncio, e Dudu toma a mesma atitude, pedindo que diminuam a bagunça. Essa cena do grupo do fundo se repetiu quase todos os dias no período em que realizamos observações em sala de aula.

Quando escolhida pelos adolescentes e não quando determinada pelo mapeamento, sua distribuição na sala é elucidativa quanto à forma como ocorre a configuração relacional dos adolescentes entre si e com o professores. Por exemplo, os alunos que se sentam nos lugares mais próximos ao professor são, na maioria das vezes, os que cumprem as tarefas, os mais estudiosos e os escolhidos para a prestação de favores tais como buscar livros na biblioteca, listar os alunos desordeiros enquanto o professor está fora da sala, etc.

Quando os alunos que se mostram mais negligentes ou desordeiros são colocados nas primeiras carteiras, por determinação dos professores, é possível notar

que os próprios professores se tornam mais extrovertidos e brincalhões, sem, contudo, negligenciar suas exigências no que se refere ao papel de aluno. Isso significa que ocupar as primeiras carteiras, próximas ao professor, pode facilitar a relação cordial entre alunos e professores, independentemente se aqueles atendem ou não as expectativas destes últimos.

Já os alunos sentados às margens da sala parecem reivindicar uma identidade adolescente cada qual ao seu modo, seja individualmente, seja em grupo. Aqueles que escolhem o fundo da sala, por exemplo, buscam-se afirmar através do barulho, já que conversam muito, levantam-se frequentemente e riem. Outros vão para os cantos ou mesmo para o fundo da sala para ficarem isolados, quietos, o que pode indicar uma personalidade introspectiva ou um momento de elaboração de determinado momento da vida. Já o isolamento, quando não rotineiro, chama a atenção dos colegas ou amigos que indagam as razões para tal comportamento, mostrando-se solidários. Podemos afirmar, de forma geral, que a sala de aula é um espaço onde ocorre, dentre outras coisas, colaboração afetiva, diálogo e disputas, e que a localização espacial dos adolescentes pode dizer sobre a forma com que as relações se configuram.

Na 1º ano A, deparamo-nos com um ambiente um pouco diferenciado. Apesar de a sala ter um tamanho parecido com a do 8º ano B, o número de alunos é maior e, por conseguinte, raramente sobram carteiras sem serem ocupadas. As conversas, quando ocorrem, realizam-se, na maioria das vezes, entre colegas que estão próximos. Os lugares em que os alunos estão posicionados foram definidos por mapeamento feito pelos professores. O objetivo parece ser, conforme relato dos alunos, separar os grupos que conversam muito. Embora dificulte um pouco a interação entre amigos, o zoneamento parece favorecer a relação entre colegas (isto é, aqueles que estão sentados próximos), que, pela maior proximidade, conversam mais, têm a oportunidade de se conhecer melhor e fortalecer o vínculo, o que pode favorecer o nascimento de uma futura amizade.

4. Uma breve análise das relações de amizade dos adolescentes no contexto escolar

Nesta parte do texto pretendemos discutir mais detidamente as informações obtidas através das observações em sala aula, das entrevistas individuais e dos encontros

grupais. Buscamos a compreensão de como ocorrem as relações de amizade no contexto escolar. As observações tiveram ênfase nas interações dos alunos entre si nos grupos de amigos, com vistas à compreensão de como esses agrupamentos são formados, bem como das atividades tecidas no interior deles. Além disso, buscamos, entre outras coisas, entender o que os adolescentes falam sobre e com os amigos, bem como as diferenças na expressão da amizade em termos de relações de gênero. Desta forma, por meio dos recursos teórico-metodológicos utilizados, objetivamos compreender as relações de amizade como um processo social e histórico que ganha diversidade e se apresenta em formas de expressão contextualizadas no aqui e agora da interação social. Isso implica uma postura de pesquisa em que o investigador se insere no cotidiano escolar, observa os adolescentes em interação e, a partir dessa interação, organiza atividades de grupo que abordam o tema da amizade e as próprias relações ocorridas dentro dos grupos. Ao mesmo tempo, a pesquisadora realiza entrevistas para conhecer o que dizem sobre a amizade e como lidam com os amigos em diferentes situações de interação, como, por exemplo, em casos de dificuldades, de divergências, de convivência em grupo.

As discussões realizadas nesta parte do texto estão organizadas da seguinte forma: uma vez já apresentado o cenário da Escola Estadual Dr. Garcia de Lima, estabelecimento onde ocorreram as observações em sala de aula e dos grupos, vamos, agora, tomar a amizade como fio condutor para falar sobre os espaços de sociabilidade dos adolescentes. Isso inclui espaços escolares e não escolares frequentados pelos alunos, ainda com maior destaque para a escola, por entendermos essa instituição como um espaço de interação fundamental para a formação de crianças, adolescentes e jovens e por se aproximar mais da proposta da nossa pesquisa. Posteriormente, voltaremos nossa atenção para as relações de amizade na visão dos adolescentes e para como a amizade é concebida em diferentes situações por eles vividas.

4.1.1. Espaços de sociabilidade dos adolescentes

Pensar nos espaços que propiciam socialização, sobretudo no tocante à ampliação das competências relacionais na vida dos adolescentes, implica refletir também sobre seu dia-a-dia. Dayrell (2007) afirma que a sociabilidade acontece na vivência cotidiana das pessoas, durante suas obrigações, nos momentos livres ou de

lazer, no percurso entre a escola e a casa, nas andanças pela cidade, nas conversas com os vizinhos.

No caso dos adolescentes, o processo de socialização intra-geracional apresenta como marca de sociabilidade expressões como o riso, a “zoeira”, a brincadeira, a dança, a música (o cantar, a escrita de letras de músicas e a troca de informações sobre bandas, tendências e estilos musicais), bem como o “bate-papo” sobre assuntos que lhes interessam. O caminho para escola, o recreio, os minutos que antecedem ou sucedem as aulas, a casa dos amigos, a caminhada pelas ruas da cidade, a igreja. Todos esses são espaços que viabilizam a interação que tem como disparador as formas mencionadas acima.

Entendemos que não é necessário que se tenha uma relação mais profunda para que ocorra a socialização. Práticas como o riso e a “zoeira” podem estar presentes em relações aparentemente superficiais, mas que mostram caminhos que a interação pode percorrer. Em meio a tudo isso, as relações de amizade constituem um facilitador, uma vez que o encontro com os amigos propicia maior chance de acolhimento das formas de expressividade criadas e recriadas por eles no cotidiano, para falar do vivido. Isso porque a confiança, a afinidade, a intimidade e a segurança dão suporte para que a brincadeira, o riso e as diversas formas de socialização ocorram e sejam aceitas com tranquilidade. Podemos afirmar, ainda, que o conjunto de elementos que caracterizam uma relação de amizade com as práticas socializadoras que os acompanham e são realizadas nesses grupos torna a amizade uma relação tão almejada e prazerosa. Os relatos dos adolescentes abaixo elucidam essa discussão ao exporem a percepção destes sobre os momentos de descontração e prazer propiciados pela companhia dos amigos e pelas formas de socialização presentes:

Pesq.: Bom... éh, voltando um pouco mais agora à questão do...dos amigos... você já falou que tem muitos amigos aqui na escola... éh, como que são essas amizades?

(breve silêncio)

Maria: Ah, é boa... muito bom. Eu gosto muito delas... a maioria é menina... eu gosto muito delas. Me ajudam pra caramba, me dão conselho, brincam comigo...

Pesq.: Umhum.

Maria:...eu gosto pra caramba.

Pesq.: E que tipo de coisa que vocês costumam fazer... juntas, assim?

Maria: Ah, a gente sai pra tomar sorvete... semana passada mesmo elas dormiram lá em casa porque foi aniversário da minha amiga lá perto... elas também são amigas dela... e elas dormiram lá em casa, a gente ficou

acordada até tarde, brincando, conversando, mexendo no computador. (EI:⁸ Maria, 15 anos, 21 de outubro de 2011)

Nesse primeiro exemplo, notamos que o estar juntas para tomar um sorvete, a conversa, a troca de conselhos, a brincadeira e o mexer no computador são atividades atribuídas à sociabilidade com as amigas. Isso significa que a sociabilidade nas relações de amizade se apresenta em múltiplas linguagens relacionais. Quando consideramos o aspecto relacional das ações socializadoras existentes entre amigos, tomando como referência as falas dos adolescentes e as observações realizadas no cotidiano escolar, compreendemos o sentido do conteúdo de cada linguagem socializadora, separada apenas para efeitos didáticos, visto que, no vivenciar, isso ocorre de forma emaranhada.

Assim, primeiramente é importante ressaltar que essas formas de socialização existentes na amizade estão amparadas na confiança e no compartilhar. Mesmo com as mudanças nas relações de amizade ao longo da história, esses dois aspectos ainda permanecem até hoje. Práticas como dormir na casa dos amigos, tal como mencionado por Maria e por outra entrevistada, revelam a confiança e a intensidade das relações entre amigos, afinal, trazer alguém para dormir em casa exige mais que um simples contato. No caso das meninas, por exemplo, o pernoite na casa de uma amiga propicia outras práticas de sociabilidade, tais como tomar sorvete e realizar diversas atividades juntas, pois elas tecem conversas que trazem conteúdos tais como relacionamentos amorosos, familiares e com colegas e professores, bem como festas e assuntos do momento veiculados pela *internet* e televisão.

Geovana nos fala também do que faz com os amigos em outro momento, fora da escola. As adolescentes de seu grupo conquistaram a liberdade de uma convivência no interior da família de cada uma delas. Assim, as famílias acolhem em seu interior os grupos de meninas para que possam ficar mais tempo juntas.

Pesq.: Além de... éh... de sair... vocês fazem mais alguma coisa juntas, você e suas... suas sete amigas?

Geovana: Ah... a gente... a gente tem, a gente combina assim... éh, por exemplo, cada mês de todo mundo dormir na casa de um...

Pesq.: Aham.

Geovana: aí a gente faz umas brincadeiras assim... éh... jogos assim... aí lanche e tal... acho que isso é muito bom!... que... você fica mais... próximo.

Pesq.: Todo mês vocês fazem isso?

Geovana: Aham.

Pesq.: Cada mês na casa de um?

Geovana: É.

⁸ Entrevista individual

Pesq.: E aí tem... e fica tudo tranqüilo, como que é?
Geovana: Aham... não, assim... é uma bagunça, né...
Pesq.: Aham.
Geovana: porque... junta a gente... aí... é bagunça na certa, mas... acho que é muito tranqüilo, a gente se diverte muito.
Pesq.: Que tipo de brincadeira que vocês faziam... vocês faziam brincadeira, é isso?
Geovana: É... (risos) ...tipo assim... éh... quando a gente junta parece um monte de criança...
Pesq.: Aham.
Geovana: pra... pra brincar assim... aí... tipo, guerra de travesseiro (riso)...
Pesq.: Aham.
Geovana: assim, essas coisa mais... mais pra... ah, essas coisa assim.
Pesq.: Entendi. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011)

Embora os valores estimados nas relações de amizade sejam comuns aos valores apontados pelas meninas, é possível notar algumas diferenças, já que as amizades femininas são manifestadas de forma mais intimista. Durante a realização do trabalho de campo, algo muito comum nas relações entre as meninas foi a troca de confidências, a presença do toque físico enquanto conversam e desfrutam da companhia umas das outras, o favorecimento de um diálogo mais denso e detalhado dos assuntos em questão, a escrita como prática recorrente, seja na interação durante as aulas, por meio de bilhetes, seja em seus cadernos de letras de músicas, poemas e frases que muitas vezes as amigas compartilham entre elas. Assim, as amizades femininas são manifestadas de forma mais próxima, com maior envolvimento, o que provavelmente ajuda a explicar, pelo menos em parte, o fato de cultivarem mais comumente a prática de dormir na casa das amigas, algo que parece menos comum entre os meninos.

Embora os valores estimados nas relações de amizade sejam comuns aos valores apontados pelas meninas, é possível notar algumas diferenças. Ir ao *shopping center* ou a algum outro ponto de encontro, como a rua e as festas, constitui uma prática comum aos dois sexos. No entanto, os meninos confiam aos amigos os seus interesses em relação às meninas (“ficar”, namorar, etc.), assuntos corriqueiros como aulas, notícias engraçadas veiculadas pelos meios de comunicação e jogos virtuais. Um outro fator que não pode ser menosprezado quando falamos de amizade masculina é o futebol. Tal atividade parece cumprir uma função recreativa e a possibilidade de conversar, divertir, rir e de estar com os amigos para além do tempo na escola. A fala abaixo revela isso:

Pesq.: Aham. Tem mais alguma coisa que eu não perguntei que vocês fazem juntos? Você e seus amigos?
(silêncio)
Fernando: Jogar bola. Essas coisas...
Pesq.: Umhum.

Fernando: ...nós jogamos bastante bola. Sempre nós tava marcando...um recreativo na quadra ... aí vai umas dez pessoa tira o time e joga... dia de sábado, domingo... essas coisas.

Pesq.: E quem são as pessoas que jogam com você?

Fernando: Gutemberg, Jonas, Maikon, Vinicinhos... (pausa) quem mais... (pausa) Julinho... o Leandro também vai, o Marcão... essas pessoas.

Pesq.: E eles são aqui da escola?

Fernando: São. Aqui da sala.

Pesq.: Todos da sua sala?

Fernando: São. (pausa) Todos eu... converso muito com eles.

Pesq.: Não tem outros meninos de outras salas?!

Fernando: De outras salas não são muitos a sair, não, porque não fica sempre com eles, né...? De vez em quando alguns vão, sim... os rapaizinho da sala chamam... vai.

Pesq.: Aham. Aí é pro futebol?

Fernando: É. Pro futebol. (EI: Fernando, 16 anos, 06 de outubro 2011)

Ao notarmos isso concordamos com Rigo (2007), que afirma que os locais em que se pratica o futebol tornam-se propícios para o encontro com os amigos, além de contribuir na aproximação de conhecidos e de pessoas que muitas vezes são quase estranhas. O futebol na relação de amizade dos adolescentes, mais especificamente dos meninos, ajuda tecer e fortalecer a rede de sociabilidade. O futebol entre os garotos vai além do jogo em si, já que no universo esportivo entram em questão as negociações, preferências e informações das mais variadas áreas. Dessa forma, o jogo de futebol consiste em uma prática prazerosa, que permite aos meninos conhecer novos amigos e estreitar os laços com os que já possuem. Também as conversas sobre futebol favorecem a aproximação e a interação social entre os homens e são convidativas à sociabilidade, algo que não tem um equivalente no mundo feminino.

Ainda na lógica da confiança e do compartilhar presentes nas relações de amizade, destacamos o conselho como uma importante atitude, muito presente nas relações entre amigos, tal como podemos notar no depoimento acima, sobretudo nos momentos conflituosos. O desabafar com um amigo e o compartilhar de uma experiência ocorrida permitem ao adolescente elaborar o vivido. Não se trata necessariamente de uma elaboração definitiva, mas no mínimo momentânea.

Então, o conselho e também as conversar entre amigos representam uma possibilidade de compreensão das intenções que movem a ação do outro do qual estão falando, bem como a iniciativa de se colocar “no lugar do outro” e, ao mesmo tempo, estabelecer o distanciamento crítico necessário a um processo reflexivo que implica aprender a decodificar o comportamento do outro a fim de identificar qual sentido a ação deste traz. Isso permite afirmar, de maneira geral, que por meio do interjogo relacional propiciado pela amizade se define o que expressar e como expressar em

diferentes contextos. Por isso, consideramos que a relação entre amigos é socializadora e não ocorre, necessariamente, em um nível consciente. Muitas vezes, não está no plano da linguagem e, sim, da interação, que por sua vez permite que o adolescente crie uma modulação dos padrões relacionais. Em outras palavras, vai criando uma “ginga”, uma “malandragem” no dia a dia. Assim, são criadas estratégias para lidar com diferentes situações conflituosas do cotidiano, tornando-as mais facilmente controláveis e mais leves.

Nos exemplos que seguem o circular pela escola e cantar figuram como atividades prazerosas entre amigos:

Pesq.: E, e durante o recreio... que você faz durante o recreio?

(Breve silêncio)

Geovana: Ah...sim... a gente... acho que a gente conversa mais assim... éh... fica passeando ...pela escola... assim... éh... a gente canta, a gente gosta muito de cantar... aí na hora do recreio a gente fica cantando... é muito bom!

Pesq.: Entendi.

Pesq.: Éh... essas pessoas que você citou da sala...você falou que são pessoas que você sabe que pode contar, é isso?

Geovana: Umhum.

Pesq.: São seus...seus amigos de verdade?!

Geovana: É. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011)

Nos enunciados dos adolescentes comumente são mencionados outros espaços de sociabilidade onde costumam se encontrar. Isso aparece condensado nos relatos de Geovana e Maria:

Pesq.: E nos fins de semana? O que você faz?

Geovana: Ah, nos finais de semana, assim... eu saio, assim... com os amigos... e tal...

Pesq.: Umhum.

Geovana: é... dou um passeio, assim... (Silêncio) Descanso, né!

Pesq.: Aham.

Pesq.: Você falou que você sai com os amigos... e pra onde vocês costumam ir?

Geovana: Assim... éh... o lugar mais movimentado que tem aqui nos finais de semana é o centro... à noite... então a gente costuma ir pro centro.

Pesq.: Aham.

Pesq.: Mas que lugar que vocês costumam ir lá no centro?

Geovana: Ah, a gente vai pro shopping, naquele postinho que tem perto do shopping...

Pesq.: Aham. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011).

Numa outra fala, a igreja e a caminhada (pelas ruas da cidade) também aparecem como momento de estar com os amigos. Vejamos abaixo:

Pesq.: E nos fins de semana? O quê que você costuma fazer?

Maria: Eu vou à missa, eu saio com minhas amigas, eu faço caminhada de manhã com a minha amiga que mora perto de casa e... saio de noite com o meu pai e com a minha mãe. (EI: Maria, 15 anos, 21 de outubro de 2011).

Em uma situação observada em sala de aula, um grupo de alunos combina de se encontrar na casa de um dos integrantes:

Tatiana: Joana, você vai na casa de Alberto hoje?

Joana: Vou!

Tatiana: Que horas vocês vão?

Joana: As Cinco! (OSA: 08 de setembro de 2011)

Percebemos que, no que diz respeito às relações de amizade, a rua, a casa dos amigos, o *shopping center* e a Igreja figuram como espaços de sociabilidade para encontrar os amigos, bem como outras pessoas, novas ou já conhecidas. Ou seja, os locais citados propiciam tanto encontros entre amigos quanto relações mais superficiais. Esses dados convergem com os apresentados por Ferreira (2011), cuja pesquisa, que consistiu na aplicação de um questionário sócio-demográfico em três turmas de 3º ano do Ensino Médio, demonstra que os adolescentes passam o tempo livre com os amigos “batendo papo” em suas casas ou nas casas destes, na rua, no *shopping center*, nas praças e na igreja. Em nossa pesquisa, tais práticas e espaços também são mencionados pelos adolescentes ou observados por meio da convivência com eles em sala de aula e também nas entrevistas individuais.

Como exposto acima e em diversas outras falas apresentadas no decorrer deste texto, é possível observar que o processo de socialização dos adolescentes acontece por meio da interação face-a-face em diferentes espaços sociais onde os adolescentes riem, brincam, cantam, dançam, caminham, “zoam” e conversam. A conversa, especificamente, constitui um dispositivo de socialização muito significativo por si só e também por permear as outras formas de interação. A conversa possibilita um partilhar da vida social e do cotidiano por meio das relações face-a-face compreendidas como formas de interação, como apontam Berger e Luckmann (1989). Para os autores, a linguagem constitui um sistema de sinais expressivos, principalmente gestuais e verbais que permitem, a partir da sua compreensão, o entendimento da realidade. Isso se torna possível justamente porque a linguagem transcende a realidade, atingindo um nível de universo simbólico capaz de mostrar realidades diferentes que constituem o cotidiano e são produzidas socialmente.

Quando nos referimos às conversas entre adolescentes, notamos certas particularidades na forma de expressão. A conversa, na maioria das vezes, traz consigo o toque físico, o riso, os empurrões, as vozes altas, a gesticulação exacerbada. No que se refere às relações dos adolescentes, as particularidades não se restringem somente às conversas. É importante observar que existem certas particularidades também no que se refere às relações interpessoais dos adolescentes e aos locais em que as mesmas acontecem. Há lugares que favorecem o fazer amigos, locais que favorecem o estar com os amigos e lugares que favorecem as duas situações. A escola em que estudam e a rua em que moram configuram os principais locais de fazer e estar com amigos. O *shopping center*, as praças, as igrejas e as festas figuram entre os espaços preferidos para estar com os amigos mais próximos, que, na fala dos adolescentes, correspondem àqueles que estudam na mesma escola ou moram na mesma rua.

Encontros com amigos que pertencem a diferentes grupos também são favorecidos nesses locais. Por exemplo, um adolescente pode ir ao *shopping center* com os amigos da escola e encontrar um outro amigo (da rua, por exemplo) que também está com o seu grupo de amigos do futebol. No entanto, embora não seja impossível, é menos provável que relações mais profundas (de confiança, intimidade, reciprocidade, etc.) aconteçam nesses lugares. A forma com que os encontros ocorrem e as relações envolvidas formam intercessões entre os grupos, o que acaba por configurar uma rede maior em que estão presentes os amigos, os melhores amigos, os colegas e os conhecidos. Isso pode ser observado no relato de Lara, que, ao discorrer sobre os amigos, acaba distinguindo-os dos outros tipos de relação:

Pesq.: Da escola em si você gosta?

Lara: Gosto bastante.

Pesq.: O que você mais gosta aqui?

Lara: os amigos, éh... os amigos. Isso com certeza, para maioria dos estudantes um incentivo a mais a vir para escola, entendeu?! Eu gosto bastante.

Pesq.: Você tem muitos amigos aqui?

Lara: Olha amigos amigos, assim... eu tenho poucos, entendeu?! Eu tenho mais colegas, assim.

Pesq.: E qual a diferença entre amigos e colegas?

Lara: Amigo é uma coisa, sabe?! É como se fosse quase um irmão para você, é aquela pessoa que você pode contar, que você tem confiança nela, entendeu?! Ela também. Tem mais tempo de amizade, conhece há mais tempo. Eu não consigo falar que uma pessoa é minha amiga, se eu converso com ela há uns seis meses, entendeu?! Isso aí depende muito.

Pesq.: Você precisa de tempo também para confiar?

Lara: Tempo...Éh... tempo para confiar, eu demoro muito para confiar nas pessoas.

Pesq.: Entendi, mais aí você tem mais colegas do que amigos.

Pesq.: Entendi, amigos são menos?

Lara: É... uma quantidade menor!

Lara.: Amigo é uma pessoa que você conta, que você escuta, que você dá a sua opinião, sabe?! Que você tem ao mesmo tempo uma convivência. Agora, falar que você conheceu em um dia, isso pra mim é conhecido, nem chega a ser colega.

Pesq.: Entendi. (EI: Lara, 14 anos, 03 de novembro de 2011)

O depoimento acima apresenta dois tipos de relacionamento interpessoais. O amigo se caracteriza por ser uma pessoa em que se pode confiar e com a qual se pode contar, pois a relação é baseada na confiança adquirida por meio do tempo de convivência. Já os colegas se têm em maior número e se encontram com frequência, principalmente na escola. Entretanto, a relação de coleguismo é mais superficial. Em outras falas dos adolescentes aparece, ainda, o “conhecido”, isto é, aquele a quem se foi apresentado há pouco tempo ou, como dito em outras falas, aquela pessoa que você conhece, cumprimenta, mas, na maioria das vezes, o vínculo não passa disso. A partir disso, temos o que Granovetter (1983) distingue entre laços sociais fortes e fracos. Os laços fortes são aqueles em que as pessoas investem mais tempo e intensidade emocional, além de intimidade e reciprocidade. É o caso das relações de amizade, que envolvem práticas como dormir juntos e confiar um segredo. Já os laços fracos são formas mais extensas de se relacionar, nas quais o dispêndio de tempo e envolvimento emocional é menor ou inexistente. Haja vista o caso dos colegas ou conhecidos e até mesmo dos “contatos” via *internet*, principalmente com as redes sociais que interligam um número altíssimo de pessoas. Os sociogramas confeccionados pelos adolescentes nesta pesquisa evidenciam isso. Os desenhos destinados para tal atividade foi feito em um modelo solar, composto por três órbitas ao que notamos na primeira órbita estão os laços fortes, que se apresentam em menor quantidade, mas com um vínculo mais forte, entre eles os amigos e melhores amigos. Já as outras duas órbitas comportam pessoas que fazem parte da rede relacional dos adolescentes que fizeram parte da pesquisa, mas não são necessariamente amigos. Nessas posições estão o que consideramos laços fracos. Notamos que tais pessoas são queridas pelos sujeitos que as citaram, mas o envolvimento e investimento emocional que os une são menores, em termos de quantidade de relações se apresentam em um número maior. Isso pode ser explicado por incluir várias categorias de relações (colegas, conhecidos, vizinhos, parentes, relações virtuais, etc.) e pela menor exigência das relações. Mais adiante, na análise dos sociogramas, serão apresentados mais detalhes sobre a rede relacional apresentada pelos adolescentes e o nosso entendimento sobre os dados obtidos. Não podemos

desconsiderar que essas duas formas de laços sociais (forte e fraco) são significativas para referenciar os adolescentes na compreensão do mundo em que estão inseridos. O exemplo a seguir ilustra de forma abreviada como isso pode ocorrer:

O professor conta piadas na aula e a turma se diverte, ri e comenta as piadas. Então, uma aluna que está distraída, escrevendo algo em seu caderno, levanta a mão e pergunta ao professor quando será a prova seguinte. A maioria dos alunos a via, ri ou balança a cabeça em gesto de discordância. (OSA, 10 de junho 2010).

Nota-se que os amigos, colegas ou conhecidos acabam se tornando medidores do que será bem aceito ou não, bem como das possíveis consequências dos caminhos seguidos. Essa função de orientação das ações mostra maior possibilidade de acontecer entre os amigos e colegas devido ao maior convívio, mas não elimina a influência de relações como, por exemplo, a dos conhecidos. Berger e Luckmann (1989) condensam bem essa ideia ao atentar para a importância do “outros” no que se refere à confirmação da realidade e à legitimação do universo simbólico do qual os indivíduos fazem parte. Assim, segundo os autores os “outros” formam um “coro” que indica uma orientação aos sujeitos.

Cabe, neste momento, enfatizarmos como ocorrem as relações de amizade entre os adolescentes. Os amigos apresentam algumas características peculiares que os diferenciam dos outros tipos de relação. Segundo autores como Bidart (1997), Müller (2004) e Rezende (2002), a amizade envolve intimidade, confiança, reciprocidade, afeto, apoio mútuo, sinceridade, diálogo, abertura para compartilhar questões pessoais, afinidade. Quando questionados em entrevista sobre o que pensam sobre as relações de amizade, os adolescentes que participaram da nossa pesquisa confirmaram o que dizem os autores consultados:

Pesq.: Éh... Você já falou bastante sobre amizade, mas, assim... éh, quando você pensa em amizade, quais as palavras que você associa... à amizade? O que você...quais as palavras mesmo que você... consegue associar?

Geovana: Amor (Breve silêncio, fica emocionada)...éh... carinho... alegria... assim... acho que num tem coisa ruim na amizade. Assim, às vezes tem as... as indiferenças [penso que ela quis dizer diferenças] sim... que briga sim, mas acho que isso é normal... todo mundo... mas acho que... essas palavras, assim, são bem marcantes na amizade.

Pesq.: Umhum. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro, 2011).

Maria, quando questionada sobre o que pensa acerca da amizade, também apresenta o que sente e valoriza:

Pesq.: Éh, quando você pensa... na palavra amizade... quais as palavras que você associa à amizade?

(breve silêncio)

Maria: Ah, amor... cumplicidade... éh... sinceridade... (pausa) ...até família... eu... coloco junto também...

Pesq.: ...O quê que é amizade pra você?! ...se você fosse conceituar, assim.

(breve silêncio)

Maria: Amizade é você... é você ser sincera com a pessoa...você... ai, deixa eu ver... você ter cumplicidade ,você estar sempre com a pessoa... não brigar à toa... num brigar por coisa boba... ser legal... num falar mentira...

Pesq.: Umhum.

Maria: ...é isso.

Pesq.: Entendi. (EI: Maria, 15 anos, 21 de outubro de 2011).

Assim, ao fazermos uma leitura das relações de amizade à luz das narrativas dos adolescentes, percebemos, mediante os depoimentos e observações, que os amigos possuem qualidades muitas vezes atribuídas à família, já que a amizade, pautada na solidariedade, parece configurar um porto seguro. No entanto, a amizade se diferencia das relações familiares por se tratar de uma maneira mais simétrica de se relacionar, já que as pessoas que os sujeitos da pesquisa elegem como amigos estão, no mais das vezes, em sua mesma faixa etária. Dessa maneira, a escolha do amigo, além de ser uma escolha de confiança, também é facilitada por estarem em um momento parecido de suas vidas, o que facilita a compreensão do que se passa em suas vivências, principalmente por não terem que lidar com conflitos intergeracionais existentes nas relações com os adultos. Vejamos o que uma das entrevistadas relata sobre as amigas:

Maria: Tipo, porque, assim, pra mim as minhas amigas, assim, elas as mais próximas são como uma segunda família porque elas me ajudam em tudo também, tudo assim que... que é coisa de amiga mesmo... que num tem com mãe e pai tá no meio... elas me ajudam em tudo. Eu acho isso muito, muito... muito importante. (EI: Maria, 15 anos, 21 de outubro de 2011).

Para outra adolescente entrevistada, o amigo é como um irmão e, mais ainda, com o amigo existe a confiança e a liberdade que nem sempre existe com o irmão de sangue:

Pesq.: O que vocês costumam fazer juntos?

(Breve Silêncio)

Geovana: Ah!... a gente... como fala assim, né, amigo é como se fosse irmão...

Pesq.: Umhum.

Geovana: ...e... tipo assim... a gente... quando tá alegre fica alegre... quando tá triste a gente fica triste junto, chora...

Pesq.: Umhum.

Geovana: ...e eu acho que isso é muito bom, porque... você saber que tem alguma pessoa pra... contar... saca?...

(Breve silêncio)

Geovana: Ah, mais (ráhm) ...não sei... acho que... é isso mesmo... amizade...

Pesq.: Você falou que... é... os amigos são como irmãos?

Geovana: É.

Pesq.: Como que é isso?

Geovana: Tipo assim... éh... falam que... éh, o irmão nem sempre é um amigo, mas todo amigo é um irmão...

Pesq.: Umhum.

Geovana: ...e... eu tenho um irmão. Assim... eu não conto tudo pra ele... saca...? Eu não tenho... éh... acho que eu não tenho tanta liberdade com ele igual eu tenho pra uma amiga minha ou um amigo.

Pesq.: Umhum.

Geovana: Eu num sei... isso é... um pouco estranho, assim... mais eu acho que... eu acho que isso é... muito bom. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011)

Como se vê, a adolescente aponta as semelhanças e diferenças das relações familiares e de amizade. Novamente a relação de amizade é colocada em um grau de importância muito próximo ao da família. As relações de amizade, assim como as relações familiares, apresentam aliança, conflito e oposição. No entanto, a família já existe *a priori* e a amizade é possível escolher. Essa escolha pode incluir até mesmo as dificuldades, ou seja, o conflito não é inexistente, mas na maioria das vezes é administrável. Caso isso não ocorra e se perceba que foi feita a escolha errada, é possível romper a aliança e desfazer o pacto grupal. O mesmo não acontece com o irmão, pois, independentemente do tipo de relação, o vínculo de parentesco torna indissociável a relação de irmandade. Assim, apesar das diferenças entre família e amigos, percebemos a importância dos dois tipos de relação na vida dos adolescentes envolvidos na pesquisa. Vejamos abaixo:

Pesq.: E qual a importância que você atribui aos seus amigos em sua vida? (Silêncio)

Maria: Deixa eu ver... (breve silêncio) Como assim?

Pesq.: A importância que eles têm... na sua vida, assim.

Maria: Ah, pras... tipo assim... pra mim... eles são uma companhia quando cê num tem a sua família... quando, assim, a sua família... tá longe, distante... a...a primeira... na minha opinião, a primeira pessoa que eu ia procurar ia ser meus amigos mais próximos... eu ia procurar porque eu acho que isso é importante. (EI: Maria, 15 anos, 21 de outubro de 2011)

A importância dada pelos adolescentes às relações de amizade corrobora Velho (1987) em seu argumento de que o encurtamento das famílias do ponto de vista do número de membros favorece que os amigos passem a ocupar um lugar significativo na formação da subjetividade e no suporte afetivo e relacional na sociedade

contemporânea. Redes de parentesco e amizade impedem o isolamento social e auxiliam a inserção social dos indivíduos.

Refletindo sobre a questão dos relacionamentos humanos, Bauman (2009) afirma que na contemporaneidade a lógica capitalista orienta as relações humanas. Assim, os laços humanos são dominados pelo sentimento de insegurança, de frouxidão. Diante de tal situação, prevalece a individualização e os relacionamentos duradouros não têm muito espaço. Estamos, portanto, diante do que o autor chama de liquidez da vida contemporânea. Nesse sentido, a amizade constitui um laço firme e seguro de grande necessidade e valia diante da ansiedade e ambivalência de uma vida líquida e efêmera.

Se comparados com a vivência da amizade nos tempos atuais, trabalhos que a estudam em outros contextos históricos, como o empreendido por Buffault (1996), evidenciam que as relações de amizade passaram por mudanças coerentes com o contexto sociocultural de cada época. Todavia, mesmo com as mudanças, as relações de amizade resistem ao tempo. Os argumentos de Bauman (2009) e Velho (1987) nos levam a compreender que alguns aspectos sociais podem colaborar para sua resistência ao longo do tempo. Entre eles estariam a inserção social, o suporte afetivo e relacional, o refúgio e a segurança.

Em nossa investigação, os adolescentes mostram uma enorme valorização das relações de amizade, por diferentes motivos. No depoimento seguinte, a entrevistada relata a importância da presença dos amigos, de poder contar com eles, e expressa a importância do tempo no fortalecimento dos vínculos de amizade:

Pesq.: Éh, você falou que tem vários amigos... e que os amigos são como irmãos, mas existe uma hierarquia, assim... uma diferença... tipo... amigo, melhor amigo, colega, amigo-irmão?... Existe alguma diferença?

Geovana: Existe... existe.

Pesq.: E como que é isso?

Geovana: Acho que, assim... colega e amigo já são diferentes... porque assim... colega... você... conversa às vezes... agora amigo não, amigo tá sempre presente...

Pesq.: Aham.

Geovana: ...aí cê... pode contar com ele pra tudo. ...conta tudo... e, assim... É assim... amigo-irmão é... tá sempre junto com você, num importa o que aconteça contigo ele sempre vai tá com você. Eu acho (ou lógico?) que existe uma grande diferença, assim... entre amigo... colega... essas coisas.

Pesq.: E de onde que são os seus amigos, os mais próximos?

Geovana: Daqui da escola.

Pesq.: Daqui da escola?

Geovana: Umhum.

Pesq.: Você já conhece eles há muito tempo?

Geovana: Já... porque, assim, eu estudo aqui desde a primeira série...

Pesq.: Nossa! ...muito tempo!

Geovana: ...então tem oito anos que a gente... que, tipo assim, a sala... num mudou praticamente ninguém...

Pesq.: Aham

Geovana: ...assim...é muita... já tem muito tempo de convivência, aí cê já conhece todo mundo... aí a amizade já vai ficando mais forte, assim...

Pesq.: Entendi.

Geovana: ...tendo mais confiança. (Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011).

Enquanto Maria falava sobre suas amizades, foi indagada se existia alguma diferença em relação às amigas da escola e às da rua e confirmou que sim. Entretanto, a adolescente assinala que, na verdade, o que difere não é o local, mas o tipo de relação, e, assim como na fala anterior, o tempo parece ser um aliado importante no fortalecimento da relação das amigas:

Pesq.: Existe uma diferença entre a amizade da Isabela (mencionada como amiga da rua), lá da sua rua, e os seus amigos aqui da escola?

Maria: Eu acho que sim porque...a minha amizade com a Isabela é há mais tempo... tem seis anos a nossa amizade. E eu tenho muito, muito, muito carinho, muito mais afinidade...com ela. Eu sei todos os segredos dela, ela sabe todos os meus e... a gente num espalha, mesmo quando a gente briga, assim, fica mais ou menos uma semana sem conversar com os outros a gente não num conta pra ninguém, não. Cada um fica na sua... quando a gente se entender a gente volta a conversar e tudo, mas a gente não espalha pra ninguém, entendeu? (EI: Maria, 15 anos, 21 de outubro de 2011).

Maria e Geovana nos apresentam modelos de amizade duradoura pautada na confiança, na lealdade, no companheirismo e, principalmente, na solidariedade. O segredo também apareceu de forma marcante na pesquisa, pois o amigo é lembrado como aquele ao qual se pode contar um segredo. A escolha do amigo para compartilhar assuntos mais delicados e que não podem ser ditos a qualquer pessoa parece ser mais viável por se tratar de uma pessoa de confiança e por ser uma relação que não se desfaz facilmente, mesmo quando acontecem alguns desentendimentos ao longo da relação. Dessa forma, aumentam as possibilidades do segredo ficar resguardado. Talvez as diferenças geracionais expliquem o fato dos segredos não serem confiados aos pais, uma vez que, mesmo sendo apontados como pessoas de confiança, estes nem sempre são escolhidos para compartilharem um segredo porque, segundo os adolescentes, não compreendem seu universo. Quanto aos irmãos, a criação de vínculos de cumplicidade é atrapalhada, na maioria das vezes, por disputas fraternas (pela atenção dos pais, pelo lugar ocupado na família, etc.). No sociograma de uma adolescente (Elisa) aparece um possível indício do exposto aqui, pois a irmã é citada como amiga de verdade; entretanto, cinco amigos estão na linha do desenho que representa maior proximidade,

ou seja, mesmo sendo a irmã uma pessoa importante na vida da adolescente, as amigas ocupam um lugar de maior confiança e proximidade. A diferença de gênero, também pode aparecer como algo que dificulta as relações fraternais, pois as meninas parecem não se sentir muito à vontade para compartilhar um segredo com um menino (irmão). Assim, para os adolescentes o amigo representa uma boa alternativa para a troca de confidências, pois a amizade alia afinidades geracionais com a confiança e o respeito construídos ao longo da convivência.

Dessa forma, a amizade pode contrariar a lógica individualista e efêmera do capitalismo, que busca, cada vez mais, invadir o espaço de privacidade humana reduzindo o ser humano à figura do consumidor. Destarte, a amizade se torna um refúgio, seja no sentido de compreensão das questões individuais existenciais, facilitada pelo grupo de pares, seja no sentido de acolhimento e hospitalidade diante da sociedade que amedronta frente às mudanças rápidas exigências que buscam atender à lógica capitalista.

Isso ocorre, principalmente, no que se refere à educação, que, ao invés de buscar a formação, está mais voltada para a lógica mercadológica. Assim, concordamos com Bauman (2009) quando afirma que “num ambiente líquido, imprevisível e de fluxo rápido, precisamos, mais do que nunca, de laços firmes e seguros de amizade e confiança mútua.” (p. 140).

Entretanto, quando nos referimos a uma relação de amizade contrária à lógica capitalista, não podemos esquecer que isso pode ocorrer de maneira velada e sutil. Essa forma de pensar leva ao seguinte questionamento: as relações de amizade se opõem diretamente ao padrão de consumo? Se pensarmos que os adolescentes são presas fáceis para os modismos, pois tendem a valorizar comportamentos e hábitos estéticos padronizados (geralmente estipulados pela lógica capitalista) e geralmente rotulam o que escapa ao padrão como “pagação de mico”, poderíamos responder que as relações de amizade dos adolescentes não contrariam a lógica capitalista. Mas, se pensarmos em uma relação de amizade como algo conquistado e duradouro, que não se descarta como um bem material, podemos vislumbrar a amizade sob uma lógica contrária ao capitalismo. Afinal, se a troca de amigos acontece por atacado e em grande velocidade, não se trata de amizade, mas, sim, de coleguismo ou outro tipo qualquer de relação. Assim, o que parece ir contra a lógica de mercado é a linguagem afetiva da amizade, que acaba influenciando na duração da relação e apresenta segurança e confiança. Mesmo assim, a amizade não deixa de ser atravessada por ideologias dominantes,

afinal, estamos nos referindo a indivíduos inseridos em uma sociedade com seu momento histórico, social, cultural e político.

Dessa forma, interessam-nos as formas com que os adolescentes se relacionam, principalmente no que toca à amizade enquanto forma de compreendermos questões mais gerais, relativas à educação dos adolescentes e à sociedade em que vivem de forma geral. Nesse sentido, a sociabilidade é um aspecto que merece ser abordado, principalmente pela sua recorrência nas relações dos adolescentes, visualizada por meio das observações em sala de aula e de alguns depoimentos obtidos em entrevistas individuais.

A ludicidade, nessa fase da vida, inscreve-se sobremaneira na “zoeira”, tratamento jocoso que abrange a ironia, a sátira, a piada e que pode envolver também o preconceito, visto que muitas vezes nas falas (explícitas e implícitas) existe um menosprezo ou ridicularização no que se refere a características relacionadas a raça/cor, gênero, orientação sexual, classe social e mesmo a características físicas pessoais (gordo, magro, dentuço, etc.). No caso dos meninos, há, ainda, brincadeiras impregnadas de resquícios da infância, tais como brincar de luta, correr atrás do colega e, algumas vezes, jogar cartas durante as aulas – práticas que, além de malvistas pelos professores, vez por outra são também mal interpretadas. Vejamos uma observação feita na turma do oitavo ano B:

O sinal já havia batido para o início da aula depois do recreio e os alunos aguardavam a chegada da professora quando dois meninos começaram a brincar de luta. Um deles, em tom de brincadeira, chamou o diretor, que acabou levando a sério o chamado, veio até a sala e pediu à professora que aplicasse advertência aos “brigões” e chamasse seus pais na escola, pois, somente assim, eles voltariam a frequentar as aulas normalmente. Os dois meninos não acreditam no que vêem [fazem expressão de perplexidade], principalmente o que chamou o diretor. Ele contesta muito, mas a professora apenas diz: “são ordens do diretor; eu só obedeco”. O garoto retruca que não fez nada, que só levou um empurrão e chamou o diretor para o outro parar. Já o outro menino apenas balança a cabeça (como quem diz: “Que exagero!”), mas não fala nada, pois já tem fama de “aluno-problema”. Assim que a professora sai da sala com os dois meninos para a diretoria, uma aluna diz, em repúdio à punição aos colegas: “Nossa! nada a ver isso!”. Ao mesmo tempo, outros meninos começam a “brincar de luta” e se divertem correndo pela sala. Um deles imita os dois advertidos, repetindo a ação deles e dizendo: “Foi assim que eles fizeram”, embora o diretor houvesse acabado de proibir brincadeiras desse tipo. Curiosamente, alguns meninos mais quietos resolvem se levantar e entrar na brincadeira. Nessa cena, é possível perceber também que a brincadeira ocorre de forma mais intensa com os colegas que possuem uma maior afinidade. (OSA, 08 de julho de 2010)

Já as meninas são menos afeitas a brincadeiras que envolvem agressividade e violação corporal. Embora, algumas poucas vezes, brinquem de carregar as amigas nas costas ou corram para disputar uma cadeira, seu interesse maior reside nas paqueras e romances, tal como evidenciam os poemas escritos em seus cadernos, as letras de música que copiam e os desenhos que confeccionam. Outro aspecto marcante e peculiar na interação entre as meninas consiste no diálogo, forma de sociabilidade que as favorece no desenvolvimento de habilidades que requerem discursos, elaboração, desenvoltura, persuasão e exposição de ideias. Assim, nos interstícios entre uma atividade e outra ou até mesmo durante as atividades, as meninas tecem e fortalecem uma rede de sociabilidade. Todavia, a “zoeira” também faz parte de seu universo. Enquanto algumas participam de forma direta nas zombarias, piadas e gracejos, outras o fazem indiretamente, incitando ou rindo dos colegas que dominam melhor o ato de “zoar”, como podemos notar na situação abaixo:

Dudu se aproxima de duas meninas que conversam mais entre si, que se levantam pouco e não fazem muita bagunça em sala de aula. O menino começa a falar algo sobre a pasta azul (pasta assinada pelos alunos quando recebem advertência); elas acham muita graça e riem muito. Ele pergunta, em tom irônico, quantas vezes elas a assinaram e por qual motivo. Embora seja muito pouco provável que elas tenham assinado a pasta, já que são mais tímidas, o que inicialmente era apenas uma ironia, uma zoeira, acabou rendendo uma longa conversa durante a aula. (OSA, 08 de julho de 2010).

Percebemos, assim, que a “zoeira” foi uma forma utilizada para aproximação com meninas menos comunicativas, mas que, a partir da iniciativa socializadora do colega, mostram uma abertura ao diálogo e se divertem, rindo e também conversando. Como afirma Nogueira (2006), “a zoeira torna-se, portanto, uma estratégia discente de realizar o trabalho escolar e de se reapropriar desse espaço em uma outra dinâmica de ressignificação da escola.” (p. 175-176). A nosso ver, isso ocorre não só com a “zoeira”, mas com as diversas linguagens socializadoras que constituem os modos de viver a adolescência em nossa sociedade e que comparecem com matizes próprios no contexto escolar.

Como na situação apresentada acima, é comum os meninos se exibirem mais no “palco”, já que parecem valorizar a exibição, no sentido de “fazer graça”, exibir força, fazer piada, descrever feitos que os engrandeçam. Já as meninas parecem se exibir em uma “platéia” ativa e ruidosa, que critica, acha engraçado, desagrada, irrita-se, protesta. Podemos afirmar que, em relação aos assuntos mais sérios, elas também podem ocupar

o “palco” e, assim, buscam dominar a situação. Isso é comum diante de situações que consideram injustas, sejam na relação com os professores, seja no trato com os próprios companheiros de sala de aula. Nesses momentos, torna-se notável sua facilidade em argumentar a favor do ponto de vista que defendem.

Conforme Rayou (2005), as interações que acontecem no interior de uma escola não objetivam um fim único; elas vão além. A interação ocorrida no cotidiano carrega consigo as contribuições de cada indivíduo (no nosso caso, os adolescentes) que investe recursos no “espaço-tempo” e, assim, estrutura o meio social em que vive.

Semelhantemente à pesquisa que desenvolvemos, Dayrel (2007), em estudo sobre as culturas juvenis no espaço escolar de jovens da periferia de Belo Horizonte, também destacou o quanto os ambientes escolares constituem espaços socioculturais de sociabilidade, amizade, camaradagem e disputa.

A “zoeira” se mostra diferente de outras manifestações de sociabilidade na medida em que não se limita aos pares, pois envolve também os adultos ali presentes. Além de ser uma forma de aproximação entre adolescentes e adultos, essa prática também parece ser um meio de tornar o ambiente escolar mais ameno e personalizá-lo com características próprias à faixa etária em que se encontram.

Parte da turma que não precisou fazer a prova de recuperação em Ciências está na quadra. Há uma dispersão de alunos. Contudo, percebo que alguns meninos estão aglomerados em um dos quiosques próximos à quadra de futebol. Quando me aproximo, percebo que eles estão falando sobre um casal que está “ficando”, mas não é da sala deles. Busco me integrar ao grupo e, ao longo da conversa, pergunto:

Pesq.: “Vocês podem “ficar” aqui na escola?”

Dudu: “Não”

Pesq.: “Ah, mas vocês não dão um jeitinho?”

Dudu: “Eu sou de Deus, dona, não faço isso!” [o menino diz isso rindo, e os outros meninos presentes também riem. (OSA, 08 de julho de 2010).

Nesse mesmo dia, durante a continuidade da observação em sala de aula, toca o sinal do intervalo, o professor deixa a sala de aula e os alunos vão saindo aos poucos. Quando já restam poucos alunos na sala, Carla e Diogo se beijam e Dudu, que havia me respondido que ficar na escola não era de Deus, diz: “*Aí dona, eles não são de Deus, não*”. [*e solta uma gargalhada*].

Durante o intervalo, o grupo de meninos formado por Dudu, Diogo, Daniel e Gustavo fica sentado em um banco próximo à sala de aula. Três meninas mais novas,

que aparentam ter por volta de 11 anos, estão no segundo andar do prédio, olham para os meninos e riem. Dudu percebe que estão sendo notados por elas e fala:

Dudu: Gustavo, aquelas gurias estão olhando para você.

Gustavo: Estão nada.

Dudu: Você que gosta de ficar com menina nova, [Dudu direciona o olhar para os outros dois meninos] O Gustavo só fica com meninas novas. [volta-se para Gustavo] Quantos anos tinha aquela menina que você ficou?

Gustavo: Sei lá, mas o que é que tem?! [Os meninos riem]. (OSA, 17 de junho de 2010)

Na aula seguinte, uma professora pede que os alunos leiam um texto juntos e Dudu, em tom de estranhamento, diz em voz alta: “*Nossa, isso tá parecendo uma reza!*” (OSA, 17 de junho de 2010). Os colegas mais próximos dele riem e, pouco depois, o mesmo menino diz: “*Quinta-feira é o pior dia... [cita o nome das professoras que lecionam nesse dia]*” (OSA, 17 de junho de 2010). Em seguida, olha para mim com semblante de quem vai rir, completa frase com “*...a estagiária*” e começa a rir junto com o amigo. (OSA, 17 de junho de 2010).

O que faz da escola um ambiente de ampliação da competência relacional de crianças e adolescentes é o fato de esse ambiente oportunizar relações interpessoais, convívio grupal e situações de harmonia e conflito nas quais a amizade intervém significativamente.

Em nosso estudo, cuja atenção se volta para as relações de amizade no contexto escolar, concordamos com autores como Dayrell (1996), Ferreira (2011) e Lattari (2011), para os quais a escola se apresenta como um palco de encontros juvenis e sociabilidade entre amigos. A escola, para alguns, é mais um pretexto para interação do que um lugar para realizar estudos. Mas alguns adolescentes conseguem conciliar a interação e os estudos, ou então compensam as tarefas que devem ser feitas na escola no tempo em que ficam em casa. Aqueles que não conseguem recuperar ou conciliar os estudos acabam comprometendo sua aprendizagem escolar. As declarações de Maria e Gabrielle elucidam a importância da interação para os adolescentes na escola:

Geovana: ...mas assim... eu acho isso... e... a escola, assim... éh... eu num estudo muito aqui na escola...

Pesq.: Aham.

Geovana: ...saca... porque a gente fica mais assim... conversando e tal, apesar de isso ser errado, assim... (riso) ...no momento da aula... mas, assim, eu estudo mais em casa... e... e assim, porque é o único lugar, assim... acho que no cotidiano, assim, que a gente se encontra... então...

acho que, assim, eu...como eu estudo em casa eu tô separando, ah, eu tô estudando, mas eu também tô com as minhas amizades na escola...

Pesq.: Aham.

Geovana: ...assim... acho que é tudo separado... você tem que entender assim... como que é cada coisa.

Pesq.: Você... falou que não estuda tanto aqui porque você fica conversando?...

Geovana: Umhum.

Pesq.: ...aí você compensa isso estudando em casa?

Geovana: É. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011.)

Maria, em seus relatos, também declara que gosta muito da escola, sobretudo dos amigos que lá encontra e das conversas com eles:

Pesq.: E em relação à sua escola... essa escola aqui: Garcia... éh, você gosta de estudar aqui?

Maria: Gosto. Eu estudo aqui desde a primeira série. Há uns nove anos que eu estudo aqui. Gosto muito daqui.

Pesq.: Umhum.

Pesq.: O que você mais gosta aqui?

Maria: Dos meus amigos.

Pesq.: Você tem muitos amigos aqui?

Maria: Tenho... bastante... eu gosto de vim pra escola... pra encontrar com eles... conversar.

Pesq.: Umhum. E vocês... conversam muito? Eles são da sua sala?

Maria: É tenho... a maioria... a maioria, assim... não é da minha sala, não... que tenho mais amigos do segundo ano, de outras...de outras salas, assim, mas as que eu mais gosto é...é os da minha sala, assim, por causa que a gente conversa muito... a gente anda no recreio junto. (EI: Maria, 15 anos, 21 de outubro de 2011).

A partir dos relatos e das observações realizadas no trabalho de campo, identificamos que a amizade pode impedir a evasão escolar e motivar os adolescentes a frequentarem a escola. Todavia, a amizade não garante que as expectativas dos professores, da escola e até mesmo dos pais sejam atendidas. Dessa forma, muitas vezes o aluno vai à escola, mas fica alheio ao motivo que esta elegeu como o mais importante para o adolescente estar ali.

Buscamos, agora, considerar outros aspectos das situações vivenciadas pelos jovens no cotidiano da escola, voltando o olhar para questões culturais e para como ocorre a inter-relação no que diz respeito às modificações da contemporaneidade. Em uma pesquisa de mestrado empreendida na mesma escola em que realizamos nossas investigações, Ferreira (2011) faz uma menção importante no que se refere às culturas juvenis no espaço da escola investigada, como podemos conferir abaixo:

Na escola em que se deu essa pesquisa pudemos perceber que, embora as culturas juvenis não tenham um lugar reconhecido dentro da Escola, os

adolescentes tentam a todo tempo impor sua identidade de jovens sobre a de aluno, ou seja, os estudantes estão sempre de posse de aparelhos eletrônicos, sobretudo o celular, que está sempre em mãos, escutam música durante as aulas (por meio de fone de ouvido), insistem em ir de bonés, mesmo não sendo permitido dentro da escola, piercings, falam gírias que lhes são características, namoram e paqueram, entre outras coisas. (FERREIRA, 2011, p. 72)

Notamos que, da mesma forma que as relações na escola são enriquecidas com conteúdos externos, muitas das vivências e de tudo que é construído na escola em termos de relação interpessoal também se estende para outros espaços e outras relações. Assim, mediante a observação das falas, do modo de agir e da forma de como se posicionam, concebemos os adolescentes para além da condição de alunos para entendê-los como sujeitos que frequentam a escola e carregam consigo aspectos do contexto social do qual fazem parte e, conseqüentemente, das alterações do mundo em que vivem. Haja vista o depoimento abaixo, extraído de uma das entrevistas individuais:

Pesq.: ...provavelmente, muitas coisas você aprendeu... em casa, na sua família... e com os amigos? Você aprendeu alguma coisa?

(Silêncio)

Geovana: Aprendi, mais, assim... (risos) ...que eu lembro... agora...

(Silêncio)

Geovana: Ah, eu acho que... assim... é questão da vida, né?, porque cada um tem uma experiência... de vida... éh, tem uma família diferente, com estrutura diferente... acho que, assim, como a gente, entre amigos, a gente conversa muito, fala muito sobre... a nossa vida, assim, um pro outro... então, eu acho que isso a gente sempre vai aprendendo, né? Por exemplo, é... minha vida é de um jeito, a do meu amigo é de outro, mas, tipo, se aquilo acontecer comigo eu já sei o que fazer porque aconteceu com ele e ele compartilhou comigo.

Pesq.: Umhum... é uma troca, então?

Geovana: É, é uma troca de experiências.

Pesq.: Entendi. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011)

Percebemos, na fala da entrevistada, que a relação com os amigos proporciona uma abertura a diferentes perspectivas de vida, o que os torna mais experientes no sentido de adquirirem maior “bagagem de vida”. Dessa forma, relações de maior proximidade, intimidade e confiança propiciam uma exposição maior das diferenças e, conseqüentemente, um contato mais aprofundado de subjetividades ímpares. Assim, ao entendermos um pouco mais como se dão as relações de amizade, também temos por base que as mesmas funcionam como um fio condutor ao trazerem questões que vão além do contato imediato. Ou seja, existe uma série de fatores envolvidos quando falamos de amizades.

4.2.1. As relações de amizade na visão dos adolescentes

Pretendemos, nesta parte do texto, discorrer um pouco mais sobre a polissemia conceitual a partir da visão dos adolescentes no que se refere às relações de amizade – isso a partir das interações que os adolescentes tecem, principalmente, no espaço escolar. Forma-se, assim, uma rede de várias subjetividades em que cada componente carrega consigo uma história e suas particularidades. A escola, nesse sentido, constitui um palco de conversas, namoros, brincadeiras, “zoação”, “ficar”, discussões e convivência entre diferentes formas de expressão adolescente, tal como exposto na fala de uma entrevistada:

Pesq.: Éh, então vamos conceituar: o que é amizade pra você?
Geovana: (Riso) É. Assim. É um pouco difícil falar... porque... (Silêncio)
...ah, é como tudo que eu falei, né?... que amizade é... é a ...
Pesq.: É um misto disso tudo que você me disse?
Geovana: Ham?!
Pesq.: É um misto disso tudo que você me disse?
Geovana: É. assim... é, cada... cada amigo que eu tenho é de uma forma...
Pesq.: Umhum.
Geovana: ...ai... tipo assim, você vê... éh... todo mundo diferente, mas trata todo mundo igual... aí, pra mim, assim, a amizade é mais... é... você unir as diferenças, assim, e esquecer o resto...
Pesq.: Entendi.
Geovana: ...tá... tá sempre... tá sempre com... com alguém, assim... nunca ficar sozinho... e tal.
Pesq.: Você me disse que cada amigo é diferente...
Geovana: Umhum.
Pesq.: ...Como que é isso, assim?
Geovana: Porque cada... cada um é de um jeito, né?... por exemplo, tem aquele mais alegre... tem aquele mais... mais, assim... na dele... mais fechado... então, assim... é... eu tento tratar todos iguais, mas aí, quando você vê, assim, que não... que não tá muito agradável, assim, porque cada um é diferente... aí você tenta manejar um pouco... aí você já vai conhecendo mais a... mais a pessoa, assim... aí já sabe como li... como lidar com ela... aí, acho que isso é muito bom.
Pesq.: Aham. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011)

Igualdade e diferença são aspectos recorrentes nos comentários dos adolescentes. Ser igual e diferente ao mesmo tempo, ou perceber a diferença, mas procurar tratar o outro como um igual em termos de uma política de convivência respeitosa, é o que conseguimos extrair dos enunciados dos adolescentes no que concerne à alteridade no interior da escola. Embora existam conflitos, comumente os estudantes criam dispositivos de manejo deles. Estratégias como dissolver a raiva, o confronto e a violência por meio da conversa, da camaradagem e da brincadeira são muito presentes nas turmas observadas.

Percebemos, ainda, que o fato de estar com os amigos e compartilhar vivências possibilita a troca de informações e experiências que, por sua vez, viabiliza uma apropriação crítica da experiência vivida, no sentido de aprender a lidar com diferentes situações cotidianas. Como argumenta Gomes (2010), a relação entre pessoas de mundos diferentes pode ser considerada como uma forma de evocar a criação de novos mundos e de transformar os já existentes.

Isso acontece em formas de expressão próprias aos modos de viver a adolescência na contemporaneidade, nos quais as relações de amizade acentuam ou permitem uma maior exposição das mais variadas vivências de situações e momentos. Assim, buscamos compreender como acontecem as relações de amizade no ambiente escolar e qual a influência da escola nas relações de amizade e vice-versa.

Para tanto, as observações em sala de aula tiveram fundamental importância, já que possibilitaram a visualização dos movimentos entre os grupos de amigos. Dessa forma, foi possível notar, assim como já apresentado nas entrevistas individuais, que não existe homogeneidade nas relações de amizade, pois, ao contrário, tais relações se estruturam pela existência de diferenças. Um exemplo disso foi observado em um grupo formado por quatro amigas que estudam na mesma turma. Ainda que bastante unidas e possuidoras de características similares (forma de vestir, de falar, gostos musicais e adesão à prática do “ficar”), as integrantes apresentavam uma peculiaridade que chamava a atenção: duas delas sempre discutiam por vários motivos, e as discussões as levavam, em casos extremos, a ficarem um tempo sem conversarem. No entanto, foi possível perceber, também, que as duas meninas eram mais próximas entre si em comparação com as outras duas componentes. Isso era evidente, sobretudo, nas brincadeiras e na forma como se tratavam. Elas se empurravam para chamar a atenção uma da outra, trocavam tapas, agarravam-se no cabelo uma da outra, mas tudo em tom de brincadeira, já que o faziam rindo e logo em seguida se abraçavam ou ficavam de braço dado. Outro dado importante que evidencia a proximidade das duas adolescentes em questão é a relação afetiva com os meninos, como se vê no caso descrito a seguir:

Quando um colega de classe manifesta a Letícia seu desejo de “ficar” com Carla, ela conta à amiga que “O Diogo quer ficar com você!” e, a partir desse momento, passa a mediar a relação dos dois: conversa um tempo com Carla e, em seguida, volta a falar com Diogo [não ouço a conversa]. Assim, é possível perceber a movimentação de Letícia, que vai e volta de uma carteira à outra, transmitindo recados de um para o outro. (OSA, 04 de novembro de 2010).

No entanto, algumas discussões ultrapassavam o tom de brincadeira, tal como em certa ocasião na qual Carla e Letícia pareciam não se entender. A primeira mantém um semblante fechado e diz ao grupo de amigas: “Eu já fiz a minha parte do trabalho, mas tudo bem” (OSA, 11 de novembro de 2010). Em seguida, pede a uma componente de outro grupo de trabalho composto por Dudu, Kátia, Raíssa e Simone: “Posso fazer o trabalho no grupo de vocês?” (OSA, 11 de novembro de 2010). Estes concordam e Carla comunica ao antigo grupo que não faz mais parte dele e fará o trabalho em outro. Letícia, em tom de seriedade, responde: “Então, tá”. (OSA, 11 de novembro de 2010). Ao final da aula seguinte, elas já estão conversando uma com a outra, sorrindo e trocando bilhetes.

Tudo parece tranquilo até que, novamente, Carla e Letícia se desentendem; desta vez por causa de um lugar (carteira) na sala de aula. Carla se senta no lugar em que estavam as coisas de Letícia e diz: “Ah, Letícia, você não senta aqui!” (OSA, 25 de novembro de 2010). Esta, por sua vez, pega seu material em o joga em cima de outra mesa, com brutalidade, e a arrasta também de forma brusca. Já na aula seguinte, põe suas coisas em outra mesa, também localizada no centro da sala, senta-se próxima a Carla e começa a reclamar:

Letícia: Você roubou o meu lugar!

Carla: Você é muito criança!

Letícia: O lugar não era seu, você não senta aí! (OSA, 11 de novembro de 2010).

Uma semana depois, as duas parecem mais uma vez se desentenderem. Carla, após receber um bilhete de Letícia, diz: “Não se joga indireta por bilhete, não! Oh retardada!” E Letícia retruca: “Primeiro, que eu não sou retardada, e, segundo, que eu não joguei indireta!” (OSA, 29 de novembro de 2010). Passam-se uns cinco minutos e a aspereza já dá lugar à cordialidade e às brincadeiras entre ambas. Carla se Levanta e, ao passar pela mesa de Letícia, dá um leve tapa na cabeça da amiga, sugerindo que o desentendimento inicial já havia desaparecido. Na semana seguinte, as duas estão novamente conversando, no mesmo grupo, e algumas vezes divergindo.

As situações acima evidenciam como a amizade também é marcada por conflitos que, todavia, não são capazes de rompê-la, tal como já foi mencionado em outro momento do texto. Como sugerem as situações descritas acima, as divergências são, geralmente, resolvidas por meio de discussões, já que cada um exprime em suas ações e

argumentos uma forma de manifestar suas vivências do mundo em que estão inseridos. Dessa maneira, como nas relações de amizade não existe homogeneidade, o processo de interação entre amigos permite uma modulação na forma de se relacionar, ou seja, o outro orienta até onde se pode ou não chegar e as possíveis consequências diante de cada escolha. Isso não parece ocorrer de maneira consciente, durante o curso das relações.

4.3.1. As relações de amizade e suas dimensões com a escola

No decorrer deste trabalho é perceptível colocações, possibilitadas pelos depoimentos e observações dos adolescentes, que apontam que as relações de amizade tornam o espaço escolar mais leve e prazeroso. Os meios apontados para que isso ocorra são as formas de sociabilidade (“zoação”, riso, dança, movimentos corporais) manifestadas nas relações entre os amigos que atuam no sentido de positivar a relação dos adolescentes com a escola. No entanto, o material empírico demanda um diálogo que aprofunde um pouco mais as relações de amizade e suas dimensões com a escola. Esse aprofundamento também se faz pertinente, uma vez que existe a possibilidade de trazer contribuições para o campo da educação. Para isso, cabe apontar, como notamos a construção das amizades na escola, de que forma os adolescentes “driblam” suas adversidades e dão sentido ao fato de estarem na escola. Ou seja, voltamos o olhar para a experiência de relação entre amigos e demais colegas na escola e, dessa maneira, tentamos compreender melhor o valor das amizades na escola.

É notório que a construção das relações de amizade no contexto escolar envolve dois principais movimentos, o de inclusão e o de exclusão. O primeiro diz respeito à escolha eletiva dos que serão considerados amigos e a exclusão de outros da condição de proximidade com características que o definem como amigo. Isso não significa dizer que os excluídos da condição de amigo são necessariamente considerados inimigos. O que se percebe nos relatos dos adolescentes é uma gradação de relação (amigo-irmão, melhor amigo, amigo, colega, conhecido, sem afinidade e inimigo). Nesse movimento de inclusão, exclusão e hierarquização está envolvido o processo de construção identitária do adolescente, já que, de acordo com Resende (2009), “o processo identitário não é construído de modo isolado, mas, no conjunto das relações, embora se

expresse na singularidade de cada sujeito particular.” (s.p) Ou seja, os adolescentes escolhidos para se relacionar e também os excluídos dessa possibilidade dizem de uma dimensão identitária em relação com outras dimensões identitárias. Isso repercute em cada indivíduo (ou mesmo no grupo de indivíduos) de diferentes maneiras e, assim, engendra uma constituição contínua da identidade.

A investigação nos possibilitou enxergar mais o movimento de inclusão de amigos do que exclusão. Nas salas de aula em que existem mapas de sala, observamos a tentativa pedagógica de separar os grupos que possuem maior vínculo, pois, na maioria das vezes, a proximidade entre amigos gera muitas conversas que, no olhar do professor, prejudicam tanto esse alunos quanto o desenvolvimento da aula. Entretanto, comumente observamos que essa estratégia contribui para ampliar a rede de relacional dos adolescentes em questão, visto que, a partir disso, o adolescente estabelece laços com mais um grupo (no caso, os novos colegas que sentam ao seu redor). Outro caso de inclusão se refere aos namorados e namoradas incluídos nos grupos de amizades de seus parceiros amorosos. Mas, em alguns casos, a inclusão em um novo grupo enfraquece os laços com o grupo anterior.

Os dois casos citados acima ainda evidenciam outro ponto importante, que diz respeito aos pontos de interceptação das redes de amigos. Visto que o(a) namorado(a) incorporado(a) em um grupo, bem como o adolescente trocado de lugar na sala de aula, acabam se tornando “pontos” que podem aproximar ou unir dois grupos. Além desses dois casos, podemos acrescentar ainda a interceptação de grupos no que se refere aos gêneros. Embora (conforme veremos mais adiante) frequentemente a preferência dos adolescentes seja por amigos do mesmo gênero, nos casos em que existem os amigos do outro gênero é possível que um amigo de uma menina acabe se aproximando das outras meninas do grupo desta última, ao mesmo tempo em que a amiga e seu grupo podem se aproximar do menino e do grupo de amigos dele, e assim por diante.

O caso que se aproxima mais da exclusão parece ser o dos adolescentes tímidos, que acabam por ficar isolados ou formam pequenos grupos com colegas também mais quietos, o que os exclui de algumas interações sociais que congregam a maioria da classe. Notamos ainda que esses adolescentes mais recatados parecem não atender aos apelos relacionais dominantes entre os adolescentes, como o “zoar”, o brincar e o gritar, pois temem se expor publicamente.

Portanto, nesse movimento se formam os grupos de amigos, que assinalam a formação de laços sociais ligados ao sentimento de pertencimento a um grupo, de

aceitabilidade pessoal, o que pode significar enraizamento social em maior ou menor grau. O adolescente que tem amigos é bem visto pelos adultos e pelos grupos de pares, que o consideram comunicativo, desenvolvido e capaz de se relacionar socialmente. Isso é evidenciado com frequência no contexto escolar. O grupo de amigos na escola também pode exercer um determinado poder no que se refere à compreensão das lógicas que levam as hostilidades e estranhezas por eles percebidas, não necessariamente ocorridas dentro do contexto da escola, mas, sim, em um contexto mais amplo. A escola constitui um local fundamental para a formação e sustentação desses grupos, uma vez que é importante a convivência para o fortalecimento de vínculo.

A relação social existente entre os amigos envolve a utilização de recursos simbólicos disponíveis socialmente ou por eles constituídos para a afirmação da identidade social (seja do indivíduo ou do grupo). Dessa forma, acaba criando e alimentando um sistema de referência da cultura do adolescente que pode transcender a condição socioeconômica e a cultura do seu grupo familiar.

Isso possibilita pensar, como já mencionando em outras passagens deste trabalho, que a escola é um espaço de sociabilidade territorializado e que, por meio de recursos simbólicos, os adolescentes se apropriam desse espaço de maneira heterogênea.

Em um sentido próximo ao de território por nós concebido, Magnani (2003), em seu livro de cunho etnográfico intitulado *Festa no pedaço*, aborda a possibilidade de compreensão da dinâmica cultural e os valores sociais contemporâneos por meio das relações estabelecidas com a rede de lazer. Esta obra pode contribuir para pensarmos as questões de apropriação de espaço também no âmbito da escola. Para isso, torna-se importante compreendermos o termo “pedaço”, utilizado por Magnani (2003). Segundo o autor, o “pedaço” se constitui de dois elementos básicos: “um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais” (p. 115), e um núcleo em que está localizada a prestação de algum tipo de serviço, atividade, etc. Dessa forma, torna-se possível a configuração de uma determinada rede de relações que possua algum tipo de laço social.

Neste trabalho, a escola é o “pedaço” para o qual nossas atenções estiveram voltadas. A escola inicialmente se apresenta como um espaço de aprendizagem, mas que, ao mesmo tempo, tem um papel socializador importantíssimo. Para os adolescentes pesquisados, ela se torna uma referência de encontro, uma vez que ali o adolescente pode se encontrar com seus pares, falar sobre assuntos que os interessam, viver situações agradáveis e inusitadas.

Ainda no que se refere à escola, é importante ressaltar que esta une os adolescentes também pela rotina, pelas atividades por ela definidas. Muitas vezes, a atividade é o pretexto para que as trocas sociais ocorram. A escola agrega em seu espaço (“pedaço”) diferentes grupos que vivenciam o estar no ambiente escolar de formas diferenciadas. Isso é facilmente notado no pátio, nos corredores e também em sala de aula, local em que a observação se concentrou mais. Foi possível notar o grupo dos meninos que apresentava maior interesse em flertar com as meninas, e vice-versa, o grupo das meninas que conversavam muito, o das meninas mais quietas, o dos meninos que gostavam de brincar de empurrar e correr sempre que podiam.

Em meio a essas vivências e relacionamentos dos adolescentes, emerge a possibilidade de falar dos interesses, anseios e temores que predominam nessa fase da vida e que muitas vezes estão presentes nas escolhas pessoais e do outro, na aceitação ou na recusa do parceiro (amigo ou romântico), na relação com as perdas afetivas, etc.

Podemos afirmar que as relações de amizade, assim como outras relações, podem envolver aspectos contraditórios, e o desenrolar dessas relações pode ser bom ou não para o sujeito. Ou seja, vivenciar uma relação (amizade, inimizade, etc.) implica um posicionamento do sujeito que acarreta consequências que podem ser positivas ou não. Podemos afirmar ainda que, em maior ou menor grau, a compreensão dos padrões relacionais vigentes na sociedade orienta as escolhas feitas pelos adolescentes em relação, por exemplo, àquelas pessoas que são vistas como boas ou más companhias. Em concordância com os referenciais de supostas boas companhias ou em oposição a eles, os adolescentes incluem e excluem pessoas de seus grupos de amigos. No entanto, o que parece mais comum é que os adolescentes, diferentemente dos adultos, apresentam uma triagem menos exigente ou restrita das pessoas que querem mais próximas, o que fica perceptível na quantidade elevada de relações por eles mantidas. Os sociogramas confeccionados pelos adolescentes nesta pesquisa evidenciam isso, uma vez que demonstram a ampla rede de relações estabelecidas por eles. A média de relações próximas dos adolescentes se aproxima de 27 (vinte e sete) pessoas por adolescente, sendo a maioria alunos da escola em que estudam. Sabemos que os nomes mencionados nos sociogramas não são apenas de amigos. Isso se evidencia nos depoimentos e nas próprias observações em sala de aula. Os sociogramas parecem evidenciar mais uma vez a gradação das relações, amigos, melhores amigos, etc.

Assim, com intensa rede relacional dos adolescentes, é pouco provável que o conflito deixe de existir. Mesmo nas relações de amizade compreendida como uma

forma de interação humana que envolve principalmente a confiança e um alto grau de envolvimento afetivo, o conflito está presente, ainda que de forma manejada. Nesse sentido, é possível afirmar que a amizade pode colaborar para esse manejo do conflito. Moraes filho (1983) argumenta que, para Simmel, a oposição que surge no interior dos grupos de um membro em relação a outro não é necessariamente ruim, se pensarmos que isso pode afastar os que estão em dificuldade relacional e, assim, evitar possíveis problemas maiores.

Assim, o conflito no interior dos grupos simultaneamente ensinaria o manejo das diferenças de opinião e ação e afastaria aqueles que, naquele momento da vida, não dão conta de entrar em contato com determinadas situações de conflito que exigem escolha entre opções demasiadamente contraditórias e de difícil elaboração mental.

Entretanto, o conflito é importante desde que não se chegue à violência. Ainda segundo Moraes filho (1983), o conflito manifestado mediante protesto, discordância ou outras formas, com exceção da violência, torna-se importante para que seja possível suportar as relações; caso contrário, tornar-se-ia uma relação muito aversiva e difícil de ser mantida. Outro aspecto importante de ser mencionado é a satisfação pessoal proporcionada pela oposição conflitante, que possibilita ao sujeito se sentir ativo e com o sentimento de reciprocidade na relação. Podemos afirmar ainda, conforme nos mostra Moraes filho (1983) a partir de Simmel, que as ideias contrárias presentes nos conflitos são elementos sociológicos quase sempre presentes nas relações sociais.

No caso das relações de amizade, é possível considerar que existem alguns rompimentos ou mudanças por conflitos que não estão em uma ordem de briga e desentendimentos; são, na verdade, escolhas feitas para melhor atender a forma de ser do adolescente ou a maneira que ele quer viver em determinada circunstância. Nessa perspectiva, temos como exemplo a questão do namoro. Se um adolescente que começa a se interessar em namoro está em um grupo de amigos que não tem o namoro como um interesse, a tendência desse adolescente é procurar um grupo em que as pessoas namorem e, assim, atenda melhor as suas expectativas. Por meio de observações de relações cotidianas, podemos citar ainda, como exemplo, a preferência dos meninos homossexuais, na maioria das vezes, pelas companhias femininas. Esses meninos parecem evitar relações de convivência com pessoas que possuem códigos relacionais que não compatibilizam com os seus, pois os códigos masculinos são ameaçadores para eles, uma vez que não se sentem capazes de dominá-los.

5. Os sociogramas como recurso para a compreensão das redes de amigos

O trabalho de Nogueira (2006) nos motivou à realização de sociogramas nesta pesquisa. Ao investigar a identidade juvenil, o autor utilizou sociogramas para auxiliar na compreensão da formação das redes e do pertencimento juvenil entre alunos do terceiro ciclo do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte.

Em nossa pesquisa, realizamos, durante o trabalho de campo, uma atividade de confecção de sociogramas com os alunos de duas turmas, a do PAV (referente ao 8º e 9º anos do Ensino Fundamental) e a do 1º ano A, o que totalizou 54 (cinquenta e quatro) sociogramas. Não pretendemos nos aprofundar demasiadamente na análise desses desenhos, a ponto de termos um estudo sobre redes, visto que este não é nosso objetivo maior. Com o recurso do sociograma, objetivamos enriquecer o material de pesquisa, de modo a favorecer uma melhor visão e compreensão, de maneira geral, das redes de amigos; afinal, juntamente com as entrevistas e observações em sala de aula, os sociogramas podem ser um instrumento muito rico para visualização e análise sobre as relações de amizade no contexto escolar.

Antes de começarmos a discutir diretamente o que os sociogramas nos apontaram, é importante discorrermos sobre o desenho desses sociogramas e a disposição das pessoas citadas. Achamos válido lembrar, inicialmente, que distribuímos uma figura de sistema solar e orientamos os adolescentes a colarem, no sentido de dentro para fora, o nome de cada um de seus amigos, na ordem do mais próximo para o mais distante (de dentro para fora), de forma que existiam três órbitas na figura. Depois, pedimos que identificassem quais deles eram seus amigos na escola. Alguns adolescentes se esqueceram de identificar quais eram os seus amigos da escola, o que não dificultou muito a análise, uma vez que, como eu estava presente em observações de sala de aula, muitos dos alunos citados já eram meus conhecidos. Como resultado de tal atividade, deparamo-nos com 1510 (mil quinhentos e dez) pessoas citadas por 54 (cinquenta e quatro) adolescentes, o que corresponde a uma média aproximada de 27 (vinte sete) pessoas citadas por cada um.

A princípio, esses números indicam que, de maneira geral, a rede relacional dos adolescentes é ampla, composta majoritariamente por companheiros que estudam na mesma escola e, mais frequente ainda, companheiros de sala de aula. Isso ratifica o que já havíamos observado nas interações dos adolescentes e também nas falas dos entrevistados. Apareceram também alguns casos de redes mais restritas, com poucos amigos da escola. Surgiram também casos em que prevaleceram no desenho do sociograma pessoas da família, o que parece configurar mais uma rede familiar. No entanto, torna-se importante ressaltar que, em termos numéricos, isso não altera de maneira significativa a tendência geral das redes apresentadas, em que domina os adolescentes da escola, como já foi descrito acima. Em outros sociogramas, pessoas da família também aparecem, juntamente com os amigos e colegas.

Os dados acima nos fazem pensar no significado de cada órbita do desenho. Entendemos que na primeira órbita estão situadas as relações que compõe os laços mais fortes. Esse tipo de laço se apresenta em quantidade menor e com maior investimento na relação (tempo, afetividade, confiança), ou seja, implicam maior densidade relacional. Nessa posição podemos citar como exemplo os amigos e os familiares. Esses exemplos se confirmam na atividade dos sociogramas. Nas órbitas dois e três, estariam compreendidos os laços menos fortes e densos.

Provavelmente, essa forma de se relacionar envolve um número maior de pessoas com investimento emocional menor, como um capital relacional potencial a ser mobilizado em função das trajetórias sociais de cada um. Portanto, neles se apresentam os que são amigos, os que podem vir a ser amigos e os que são vistos apenas como colegas nesse momento biográfico das pessoas.

Notamos na pesquisa, de uma forma geral, que os adolescentes parecem somar relações. Como afirmado anteriormente, os laços fracos prevalecem em quantidade. Entretanto, esse tipo de laço pode se fortalecer ou estará mais suscetível ao término, já que uma vinculação menor facilita o afastamento entre pessoas. Assim, a rede de sociabilidade pode ser flexível e rapidamente mutável ou até mesmo diminuir, restando apenas os amigos para compor a rede relacional pessoal, visto que as relações de amizade são consideradas mais profundas e sólidas. Isso pode levar um tempo, sendo possível que o adolescente já esteja em outro momento da vida, como a adultez, por exemplo. Na vida do adolescente, a escola parece ser um dos motivos que favorece a rede relacional ampla dos adolescentes. Além de ser um espaço de sociabilidade, a escola ainda apresenta condições para que os adolescentes se relacionem: o período

escolar dura anos de encontros diários em que são submetidos a regras e expectativas comuns.

Na primeira órbita, em que consideramos as relações mais próximas (os laços mais fortes), do total de cinquenta e quatro desenhos, vinte e três citaram algum membro da família (ver tabela 1). Isso nos leva à compreensão de que a família ocupa um lugar de confiança na vida dos adolescentes. Além disso, também aparece um componente de crença nos desenhos, visto que Deus é citado em nove desenhos, juntamente com pessoas da família, o que exprime a religiosidade muito presente nessa região mineira e cujo valor aprendido no ambiente familiar é conservado, em maior ou menor grau. Notamos, assim, que muitas das crenças, valores, costumes e expectativas dos pais em relação a seus filhos são apropriados por estes e acabam aparecendo no cotidiano da escola. Isso se evidencia não só pela citação nos sociogramas, mas também por depoimentos como:

Pesq.: ... Agora, só pra finalizar, Maria, éh, digamos que você precisa tomar uma decisão... quais as influências pesam mais... A dos seus pais ou dos amigos?

(Breve silêncio)

Maria: Que pesa mais é assim que... vem mais à tona?

Pesq.: É.

Maria: A dos meus pais. (pausa) Porque, tipo... eles pra mim eles são as pessoas mais importantes do mundo, né... aí influencia mais.

Pesq.: Aham.

Os adolescentes entrevistados consideram a família uma esfera de base, segurança, valores e confiança para eles. Nesse sentido, os amigos parecem complementar essas funções, de forma que também compartilham confiança e assuntos que, por diferenças geracionais, a família muitas vezes não compreende. A escola aparece como local propício para o desenrolar dessas relações. O tempo de convivência se torna, com certeza, um facilitador nesses movimentos. Mas, além disso, outros fatores surgem como disparadores dessas vivências. A escola mobiliza aprendizagens e vários assuntos e valores ganham evidência. Isso ocorre, de forma direta, nos assuntos que surgem em sala de aula e também na vivência cotidiana. Como o próprio relacionar exige posicionamentos, as experiências vividas na escola permitem que os adolescentes façam escolhas. Dessa forma, acontecem as aproximações e afastamentos e, assim, formam-se hierarquias nas proximidades relacionais, o que chamamos de redes relacionais e também podemos chamar de redes de sociabilidades.

A questão proximidades/distanciamento nos remete às relações entre os gêneros nas amizades dos adolescentes e sua possível relação com a escola. Referimo-nos à amizade por se tratar da primeira órbita em que estão situadas as relações mais próximas. As tabelas que serão apresentadas abaixo estão divididas por gênero e trazem os números de meninos e meninas citados por cada um.

Antes de discutirmos as relações de amizades dos meninos e das meninas, consideramos importante mencionar a diferença em relação à quantidade de meninas e meninos, uma vez que são 34 (trinta e quatro) meninas e 20 (vinte) meninos. Tais números são resultado da prevalência de meninas matriculadas na sala do 1º Ano do Ensino Médio. A sala do PAV – Programa Acelerar para Vencer, que foi a outra turma em que realizamos as atividades dos sociogramas, tem um número maior de meninos; no entanto, trata-se de uma sala com um número menor de alunos matriculados. Assim, na soma das duas salas o número de meninas é maior. Carvalho (2003) trata sobre a questão do gênero na trajetória escolar que retrata o quadro acima. Segundo a autora, ao fazermos um recorte por sexo chegamos à informação de que o número de mulheres analfabetas é maior do que o número de homens, com idades acima de quarenta anos. Entretanto, isso sofre uma modificação quando se trata da faixa de quinze a dezenove anos, já que o número de rapazes analfabetos representa quase o dobro de meninas. Os dados apresentados por Carvalho (2003) são referentes a 1996. Isso representa uma trajetória escolar caracterizada pela repetência e evasão e, ainda, aponta as dificuldades que a escola tem principalmente em relação aos meninos. Vejamos o quadro abaixo, que trata das amizades das meninas que realizaram os sociogramas. O quadro nos mostra em números quem e quantos são os amigos das meninas.

Quadro 1 – Amigos citados por meninas (na primeira órbita)

Nome	Adolescentes amigos			Familiares amigos e outros amigos	
	Meninas	Meninos	N	N	Quem são
Antônia	8	1	9	1	Mãe
Beatriz	15	0	15	2	Mãe, Irmãos
Branca	7	1	8	2	Deus e

					Família
Bruna	4	0	4	4	Pais, Irmãos, Avós e Deus
Camila	3	1	4	3	Padrinhos, sobrinhos e Família
Cibele	5	6	11	0	-
Edilaine	5	0	5	3	Tios, Irmãs e Família
Elisa	2	0	2	2	Mãe e avó
Fabírcia	0	1	1	3	Mãe, Pai e Deus
Giordana	2	0	2	2	Pais e Irmãos
Geovana	8	1	9	0	
Graça	10	2	12	2	Pai, Mãe
Isadora	6	3	9	1	Mãe
Ivete	4	2	6	0	-
Jamili	8	0	8	1	Deus e família juntos
Jane	6	3	9	0	-
Julieta	6	5	11	0	-
Karla	2	2	4	3	Mãe, Pai e Deus
Kaiane	5	4	9	0	-
Lara	4	3	7	5	Mãe, Pai, Avó materna, Avó

					paterna, Primas
Leila	5	5	10	0	-
Letícia	5	2	7	0	-
Luiza	11	1	12	0	
Luma	8	4	12	0	-
Marieta	3	9	12	0	-
Nicaely	2	1	3	2	Mãe, Avó
Paola	3	4	7	0	-
Paula	1	3	4	3	Mãe, irmã e Deus
Sandra	4	2	6	1	Mãe
Suzi	3	4	7	0	-
Tainá	8	3	11	0	-
Tatiana	9	1	10	1	Família e Deus
Valesca	4	4	8	0	-
Vanessa	6	2	8	0	
Total	182	80	262	41	

Fonte: Dados da pesquisa

Percebemos que, em relação às amizades femininas, de trinta e quatro, vinte e cinco têm mais amigas do que amigos, seis adolescentes têm mais amigos do gênero masculino e três apresentam a quantidade de amigas igual à de amigos. Assim, a amizade por pessoas do mesmo gênero parece ser a preferência das meninas. Por outro lado, os meninos, mesmo ocupando o lugar de amigos em menor quantidade, não deixam de estar presente, já que das trinta e quatro meninas apenas sete não mencionaram nenhum menino na primeira órbita de seus sociogramas. Entretanto, mesmo essas meninas os mencionam nas outras órbitas, ou seja, embora as meninas sejam as eleitas para estarem mais próximas, os meninos também exercem um papel importante no processo de sociabilidade dessas meninas.

Quadro 2 – Amigos citadas por meninos

Nomes	Adolescentes amigos			N	N	Quem são
	Meninas	Meninos	N			
Bernardo	2	2	4	0		
Beto	0	3	3	2	Mãe, Pai	
Emerson	15	1	16	0		
Fernando	4	1	5	0		
Getúlio	8	8	16	0		
Gustavo	5	5	10	0		
Juan Paulo	0	9	9	2	Mãe e Pai	
Junior	5	10	15	0		
José	7	6	13	0		
Leandro	6	1	7	0		
Luan	8	0	8	1	Mãe e Irmã (juntas)	
Marcelo	0	2	2	2	Mãe, Deus e família (juntos).	
Marlon	7	7	14	0		
Michel	3	12	15	0		
Renan	2	11	13	0		
Rodrigo	1	9	10	0		
Tadeu	0	4	4	1	Pais	
Valter	4	7	11	0		
Vinícius	3	6	9	0		
Yan	0	4	4	0		
Total	80	108	188	8		

Fonte: Dados da pesquisa

O quadro dos meninos, assim como o das meninas, também traz como dado a preferência por amigos do mesmo gênero. Dos vinte adolescentes, onze apresentaram um número maior de amigos em relação às amigas. Cinco adolescentes têm um número maior de amigas e outros quatro têm a mesma de quantidade de amigos do gênero

masculino e feminino. Assim como no quadro de amizade das meninas, no quadro dos meninos a tendência se repete, visto que, para os meninos, destacam-se pessoas do mesmo gênero para amigos mais próximos, mas as meninas também estão presentes em outros campos de relações. Consideramos importante mencionar que os irmãos e irmãs não estão incluídos nas tabelas acima, embora não desconsideramos que possa existir amizade entre membros da família. Entretanto, achamos conveniente separar as duas formas de relações (familiares e de amizade), por compreendermos que as relações familiares envolvem outras expectativas e cobranças que não estão presentes nas amizades e vice-versa.

Ainda sobre as relações familiares, o quadro das amizades dos adolescentes nos permitiu visualizar outro dado importante: os familiares amigos são mais citados pelas meninas. Aproximadamente, cinquenta e cinco por cento delas citam os familiares. Já no caso dos meninos, o número apresentado é de vinte e cinco por cento – isso considerado proporcionalmente, já que existe uma diferença no número de meninas e meninos. O maior número de inclusão de familiares na categoria de amigos, por parte das meninas, pode indicar a diferença ainda existente na educação de meninos e meninas. No caso das meninas, ainda seria uma educação que preza pela valorização do espaço privado, o que possibilita maior influência dos valores familiares. Dessa forma, embora os dados da pesquisa não nos permitam afirmar categoricamente, achamos importante trazer algumas intuições da pesquisa. Aventamos a possibilidade de maior controle familiar sobre o processo de socialização das meninas no sentido de valorização do sentimento de família. Aliado a isso, podemos afirmar que a realização pessoal feminina ainda é muito vinculada ao privado, principalmente à casa. Isso acontece de forma diferente com os meninos, pois nos parece que as expectativas dos homens em relação à casa são diferentes, ocupando, sobretudo, o lugar de um refúgio para descanso e de acolhimento depois das atividades consideradas prioritárias na valorização do homem. Essa forma diferenciada na educação de meninos e meninas parece refletir nas relações sociais mantidas na escola e também na forma de enxergar os estudos. A escola pode ser considerada um dos principais lugares em que as meninas podem manifestar a sua forma mais intimista de se relacionar.

Entretanto, embora a interação social com os pares tenha consequências positivas, por exemplo, a contribuição das amizades na constituição dos adolescentes enquanto sujeitos pode também apresentar consequências negativas, tais como o

excesso de investimento nas redes de interação paralelas àquela conduzida pelo professor, comprometendo o rendimento escolar.

Nesse sentido, aventamos, para as meninas, a hipótese de que a socialização mais voltada para o familiar, para o privado e para o autocontrole influencia na forma de condução dos estudos, visto que diversas meninas, embora invistam muito nas relações de amizade, por vezes contrapesam esse investimento estudando em casa. No caso dos meninos, no que se refere à escola, a simultaneidade entre a vivência das amizades e o estudo acontece de forma parecida com a das meninas; entretanto, outras atividades e outros espaços têm grande importância na vida deles, como, por exemplo, os esportes e, em maior ou menor grau, a rua. Por isso, aventamos a hipótese de que a educação dos meninos é voltada mais para ambientes externos e para uma sociabilidade mais solta, própria aos espaços públicos. Essa especificidade também diminui o tempo para se investir ou pelo menos compensar os estudos, já que boa parte do tempo é dedicada à forma de sociabilidade dominante entre os rapazes.

Nesse sentido, a escola influencia nas relações de amizades, favorecendo a ampliação de um capital relacional, mas, uma vez que a amizade interfere na rotina escolar, pode dificultar a ampliação do capital cultural escolar e, conseqüentemente, a obtenção de um diploma que favoreça a ascensão social via conhecimento acadêmico. Podemos afirmar isso quando notamos, no comportamento de alguns alunos em sala de aula, a priorização da sociabilidade em detrimento aos estudos e as exigências da escola. A fala a seguir mostra isso:

Geovana: ...aí eu acho que essas três coisas... assim... são muito difícil de... de unir mais... a gente tenta levar!

Pesq.: Umhum.

Pesq.: Aí a sua tentativa de levar seria?!... como que você faz pra levar? ...que você já...você já falou que percebe que... por exemplo...

Geovana: Então...(?)

Geovana: ...dependendo da amizade pode...

Pode atrapalhar... de alguma forma...

Geovana: Pode atrapalhar na escola ou em outras situações...

Pesq.: Você falou também que pode... é ..., por exemplo, o namoro pode atrapalhar a amizade...

Geovana: Umhum.

Pesq.: ...então você já tem consciência disso assim... pra você isso é uma coisa clara... então como você faz pra ir levando?

Geovana: Eu tento separar! Tipo assim... se eu vou namorar eu num vou namorar perto dos meus amigos... saca?... eu acho que... pra...por exemplo...pra mim sair pra namorar eu num vou... eu num vou querer sair juntos com meus amigos... saca?... porque eu vou querer ficar mais com eles assim!...

Pesq.: Aham.

Geovana: ...mas, assim... eu acho isso... e... a escola, assim... éh... eu num estudo muito aqui na escola...

Pesq.: Aham.

Geovana: ...saca?... porque a gente fica mais... assim... conversando e tal, apesar de isso ser errado... assim... (riso) ...no momento da aula... mas... assim, eu estudo mais em casa... e... e assim, porque é o único lugar... assim... acho que no cotidiano... assim que a gente se encontra... então... acho que... assim, eu...como eu estudo em casa eu tô separando, ah, eu tô estudando, mas eu também tô com as minhas amizades na escola...

Pesq.: Aham.

Geovana: ...assim... acho que é tudo separado... você tem que entender... assim... como que é cada coisa.

Pesq.: Você...você falou que não estuda tanto aqui porque você fica conversando?...

Geovana: Umhum.

Pesq.: ...aí você compensa isso estudando em casa?

Geovana: É.

Pesq.: Pra você poder... é uma forma que você utiliza pra equilibrar, então?

Geovana: É, né?... pra não tomar bomba também (riso).

Pesq.: E você consegue as notas direitinho?!... que você precisa?

Geovana: Aham... e tipo assim... éh... a gente sempre ajuda um ao outro... saca?...

Pesq.: Aham.

Geovana: ...por exemplo, eu tô entendendo tal matéria... e ela num tá entendendo... assim, uma amiga minha num tá entendendo... aí eu vou e ajudo ela... e a mesma f... e vice e versa assim... da mesma forma.

Pesq.: Entendi. (EI: Geovana, 15 anos, 16 de setembro de 2011)

Notamos que a adolescente relata que estuda em casa, pois, mesmo considerando errado, prefere conversar com os amigos, já que a escola é o espaço onde eles estão reunidos. No caso apresentado acima, as relações de amizade não prejudicam de maneira significativa a vida escolar da adolescente, pois a menina estuda em casa como forma de compensação. Dessa forma, entendemos que caso o adolescente não consiga criar artifícios para compensar o investimento feito nas relações de sociabilidade, as possibilidades de terem problemas enquanto alunos no processo de escolarização aumentam.

Até o momento, discorremos sobre os sociogramas relacionados com outros momentos da pesquisa de maneira geral, mas sentimos a necessidade de detalhar melhor essa parte do trabalho. Para isso, faremos uma análise mais profunda em cinco sociogramas considerados mais significativos para os fins desta pesquisa. Três deles são de adolescentes entrevistadas. Os outros dois foram selecionados por se destacarem em algum aspecto importante para a pesquisa. O quadro 3 elucida o que será exposto, por meio de números. Vejamos:

Quadro 3 – Distribuição dos amigos por sociogramas

Nomes	Feminino	Masculino	Família	Total
Elisa	4	4	3	11
Fernando	9	14	0	23
Geovana	20	27	0	47
João	2	13	0	15
Lara	21	16	7	44

Fonte: Dados da pesquisa

Os sociogramas realizados pelas três adolescentes foram coerentes com as respostas dadas nas entrevistas. No caso de Geovana, notamos que ela possui uma rede relacional ampla. Isso fica evidenciado na sua fala, em que diz ter facilidade em se relacionar e gosta de ter vários amigos. Embora a menina considere qualquer lugar propício para se “fazer” amizades, a escola e a igreja se apresentam como locais favoráveis para essa conquista relacional, tanto que é na escola que se encontram seus amigos mais próximos. Nas entrevistas, três perguntas foram feitas com o principal objetivo de auxiliar na análise dos sociogramas, tornando-a mais rica. As perguntas estavam relacionadas a saber quem eram as companhias dos entrevistados na realização de ações tais como realizar uma atividade em grupo na sala de aula, passar o tempo do recreio e ir a uma festa. Nas três circunstâncias, Geovana cita sete pessoas que ela considera como amigos e relata a importância delas em sua vida. Isso se confirma no sociograma, já que as sete pessoas citadas se encontram na órbita mais próxima do centro. Além dessas sete pessoas, Geovana acrescenta mais duas, que também foram marcadas como amigos da escola. De acordo com a orientação dada para a confecção dos sociogramas, tal posição deveria ser destinada aos amigos mais próximos. As filmagens do encontro em que foram realizados os sociogramas também nos apresentam indícios que reforçam a entrevista e a organização do sociogramas. Podemos afirmar isso porque, no momento da realização, foi sugerido que se reunissem em grupos e, assim, notamos que a maioria das pessoas citadas por Geovana estava em seu grupo. Mesmo as que não estavam, parecia ser por uma questão de praticidade, uma vez que existe mapa de sala de aula em sua turma, o que dificultava na hora de levar a carteira. Isso não impedia, durante a realização da atividade, o contato entre o grupo de amigos, já que se dirigiam até a carteira da amiga ou do amigo, conversavam a distância, faziam

perguntas e brincadeiras. Assim, ao confrontarmos os dados, notamos uma coerência das informações.

O número de pessoas citadas no sociograma de Geovana é elevado. A adolescente cita quarenta e sete adolescentes, todos da escola em que estuda. O número elevado indica que nem todos são amigos, embora os voluntários tenham sido orientados a citar no sociograma os amigos em ordem decrescente de afinidade (de dentro para fora). Pensamos isso por meio do que foi percebido nos sociogramas relacionados com as entrevistas e com o que se observou em sala de aula. Na entrevista, Geovana afirmou ter sete amigos (seis meninas e um menino), que também a citam em suas figuras colocando-a na órbita do desenho que indica quem são os amigos mais próximos. Isso também se confirma na observação, já que era com essas pessoas que a adolescente trocava bilhetes durante as aulas. Tais bilhetes, além de servirem de comunicação em momentos em que não se pode conversar, também atuam como um meio de se trocar confidências, abordar assuntos comuns ou de interesse do grupo de amigos, de pessoas de confiança. Quando esses bilhetes escapam ao seu destino, caindo em mãos alheias (de colegas, professores e pais), nota-se uma mobilização no sentido de evitar que os seus conteúdos sejam expostos. Assim, tentam resgatá-los ou evitar que sejam lidos. Entendemos, assim, que existe uma *classificação* das relações de sociabilidade: os amigos, os colegas, os conhecidos. Tudo isso compõe uma rede extensa, apresentada pela maioria dos adolescentes que participaram da pesquisa, o que podemos chamar de uma rede relacional e não necessariamente de uma rede de amigos. Isso é exemplificado no quadro abaixo, que comporta os dados dos cinco sociogramas que foram analisados, com as três órbitas. Até o momento, havíamos apresentado quadros somente da órbita um, por se tratar das relações mais próximas, para as quais estão voltados os interesses desta pesquisa. Os dados dos sociogramas completo foram utilizados ao longo da parte de análise do texto. Entretanto, consideramos importante apresentar ao menos os cinco casos analisados mais detalhadamente em forma de quadro para que assim possamos melhor visualizar.

Quadro 4 – Distribuição dos gêneros por órbita

Nomes	Órbita 1			Órbita 2			Órbita 3		
	7F	2M	0D	6F	7M	0D	7F	18M	0D
Geovana									

Lara	5F	3M	5D	8F	3M	1D	8F	10M	1D
Elisa	2F	0M	2D	1F	2M	0D	1F	2M	1D
Feernando	4F	1M	0D	0F	8M	0D	5F	5M	0D
João	2F	11M	0D	0F	2M	0D	0F	0M	0D

F –Feminino

M- Masculino

D – Demais (família, Deus).

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados trazidos pelos sociogramas, de maneira geral, colaboram para que possamos falar de redes relacionais, uma vez que, como já mencionado, o número de pessoas citadas é elevado, e que notamos que vinte e três adolescentes citam pessoas da família em suas figuras, o que configura uma rede que vai além da rede de amizades entre pares. O Sociograma de Lara, que será apresentado em seguida, é mais um exemplo de rede relacional a partir da visão pessoal da adolescente. Nossa proposta de estudo está voltada para as relações de sociabilidade, principalmente entre pares, com ênfase nas relações de amizade. No entanto, fica notório, nas análises dos sociogramas, que as redes sociais apresentadas pelos adolescentes são amplas e vão além dos amigos. Dessa forma, tentamos fazer uma leitura a partir do que nos é apresentado.

Em seu sociograma, Lara cita quarenta e três pessoas. No momento da sua entrevista, a adolescente deixa claro que tem muitos colegas e conhecidos, mas poucos amigos. No centro do desenho, a menina insere três amigas, o pai, a mãe e duas avós.

Em sua entrevista, ela se mostra bastante seletiva na escolha dos amigos, justificando que a amizade depende da confiança adquirida com o tempo de convivência. Por outro lado, no que se refere aos estudos, o investimento também parece ser alto, uma vez que ela estuda, faz cursinho de preparação para o vestibular e participa de um projeto como pesquisadora junior. Em sala de aula, a adolescente não é de conversar muito, mas também não se mostra uma pessoa tímida, tem namorado e possui uma boa desenvoltura ao falar. Esse caso evidencia o equilíbrio entre as vivências relacionais e os estudos. Os diferentes aspectos da vida da adolescente parecem não interferir uns nos outros a ponto de causar prejuízos. Entretanto, algumas escolhas da adolescente parecem colaborar para isso. Embora Lara possua uma rede

relacional ampla, quando se trata dos amigos o número se reduz significativamente. Isso facilita o equilíbrio dos investimentos, visto que, sendo as relações de amizade consideradas laços fortes, o tempo despendido para manter essas relações é maior, o que pode afetar o tempo para os estudos. Mais: como a rede é ampla e comporta numerosas outras relações (os laços fracos), a adolescente tem a possibilidade de estreitar relações, fazendo novos amigos, já que os laços fracos podem ser futuros laços fortes ou não.

Já Fernando cita, em seu sociograma, vinte e três adolescentes, sendo nove meninas e quatorze meninos. As pessoas que Fernando cita em sua entrevista aparecem nas duas primeiras órbitas. São nove meninos situados na segunda órbita e um na primeira e quatro meninas na primeira órbita do desenho. Analisando o desenho do sociograma do adolescente juntamente com a entrevista e com as observações em sala de aula, parece não haver uma hierarquia entre as duas primeiras órbitas, uma vez que as pessoas que Fernando chamaria para uma festa, para fazer um trabalho e que o acompanham na hora do recreio estão distribuídas nas duas linhas. Nas observações em sala de aula, foi possível notar que Fernando passa a maior parte do tempo e se relaciona com maior proximidade com as pessoas que mencionou. Mesmo confirmando a coerência desses dados, algumas falas do adolescente durante a entrevista nos levam a pensar o sentido da rede relacional pessoal do adolescente. Vejamos o que Fernando diz sobre os amigos da escola:

Pesq.: Éh... e em relação à escola... você gosta de estudar aqui na sua escola?

Fernando: Éh, aqui é bom. Eu gosto...

Pesq.: Umhum.

Fernando: ...muitos amigos.

Pesq.: O que você mais gosta aqui?

(Breve silêncio)

Fernando: Ah... (pausa) ...tranquilidade da escola... bem falada. Professores bom...

Pesq.: Umhum.

Fernando: ...isso.

Pesq.: Entendi. O que você menos gosta aqui?

(Breve silêncio)

Fernando: Ah, eu acho que não tem nada, não.

Pesq.: Umhum. Você falou que tem muitos amigos. Aqui também?

Tenho. Mas...só amigos... muito de confiança não tem quase nenhum não.

Pesq.: Mas como que é isso... são amigos, mas não são de confiança?

Fernando: É... só... pode ser amigo... num leva a gente pro mal caminho, nem nada, não. Mas se for pra falar alguma coisa, pra contar com eles, a gente acaba falando o que não pode, o que não deve... (EI: Fernando, 16 anos, 06 de outubro 2011)

A fala do adolescente, que diz ter muitos amigos na escola e não tem confiança em nenhum, contraria as entrevistas realizadas para a pesquisa, a literatura consultada no que se refere às relações de amizade e também a sua própria conceituação de amizade, já que a confiança é considerada como fundamental em uma relação de amigos. Abaixo podemos ver o que Fernando diz sobre a amizade:

Pesq.: ... E, quando pensa em amizade, quais as palavras que você associa? Amizade... associada a quê?!

(Breve silêncio)

Fernando: Companheirismo... (pausa) Respeito... (pausa) Amizade... (pausa) ...isso aí.

Pesq.: Qual o conceito mesmo de amizade?! você falou de algumas palavras que associam, mas aí se você fosse explicar para alguém o que é amizade... Digamos que você encontrasse alguém agora que... falasse assim: “ah, num sei o que que é amizade, não. Explica pra mim o que que é?”. Como que você explicaria?

Fernando: Ah, amizade é... base de confiança. É, base de confiança... saber respeitar também... não invadir o limite do outro. (pausa) ...acho que é isso.

(EI: Fernando, 16 anos, 06 de outubro 2011)

Diante do exposto, compreendemos que o que o adolescente chama de amigos no ambiente escolar parece ser as pessoas com quem convive na escola, com as quais divide momentos da sua vida. Parece ser o que outros adolescentes chamam de “colegas”. Existem afinidades, fazem várias coisas juntos, no entanto não se tem muita confiança ou credibilidade para se confiar um segredo. A nosso ver, essa forma de experienciar as relações com outros adolescentes da escola não diminui a importância dos mesmos em sua vida, visto que a presença dos pares é um dos motivos que faz com que Fernando considere a escola boa e também por serem companhias constantes em sua rotina. Ou seja, são pessoas importantes no seu processo de sociabilidade. Em outro momento da entrevista, ele fala do seu trabalho em uma oficina mecânica, que aponta como o outro lugar onde tem amigos, como podemos ver a seguir:

Pesq.: ...Bom, você falou um pouco que aqui na escola você tem amigos... muitos amigos... você até falou que são amigos que não levam pro mal caminho, mas que não...não pode confiar... então, é, onde você tem...tem amigos além de aqui na escola? E como são essas amizades, assim?! ...que tipo de coisa vocês fazem juntos?!

Fernando: Ah, amigo mesmo... eu tenho é lá no serviço...

Pesq.: Aham.

Fernando: ...meu parceiro. Eles ajudam demais, ainda mais o mecânico...

Pesq.: Aham.

Fernando: ...gosta de mim pra caramba. Num deixa eu ficar sozinho, não.

Pesq.: Entendi. Aí ele você considera um amigo que pode confiar?!

Fernando: Com certeza. Assim ...tanto ele como todos lá... todos que trabalham lá são gente boa. (EI: Fernando, 16 anos, 06 de outubro 2011)

No depoimento acima, Fernando utiliza a expressão “amigos mesmo”, o que parece diferenciar do que ele considera os amigos da escola. Entretanto, os amigos do trabalho não são citados no sociograma. Assim, é possível afirmar que o sociograma apresentado por Fernando se refere aos amigos da escola, como ele diz, ou então os colegas da escola. Trata-se, então, de uma rede relacional do contexto escolar, mais especificamente entre os pares, uma vez que não aparecem professores e demais funcionários da escola.

Os outros dois sociogramas destoam da maioria, uma vez que sua rede é mais reduzida no que concerne aos laços menos fortes. No sociograma de João, entre as quinze pessoas mencionadas no desenho do sociograma, apenas dois meninos ficaram na segunda linha. As outras treze pessoas ficaram na primeira linha, que se refere aos amigos mais próximos. E desse total de quinze pessoas, apenas duas são meninas, o que pode sinalizar a preferência por amigos do mesmo gênero. Ao observarmos o sociograma de João, é possível pensar em duas possibilidades: a rede relacional desse adolescente pode ser mais fechada devido a uma escolha que pode envolver várias questões, como, por exemplo, uma forma mais reservada no momento de se relacionar com os pares, ou então a forma de enxergar os relacionamentos interpessoais (que podem ser considerados pouco importante, importante mas em pequenas quantidades, pode ajudar ou atrapalhar atingir determinados objetivos) de modo que ocorre uma supervalorização das relações de amizade em detrimento das de coleguismo. A segunda possibilidade é a de ter considerado mais rigorosamente a orientação dada no momento da confecção dos sociogramas, considerando apenas a categoria amigos.

O sociograma de Elisa também se destacou e se diferenciou dos outros pelo número reduzido de indivíduos selecionados. No entanto, um detalhe pode explicar isso melhor. Pedimos que os alunos colocassem na folha o nome, a série e o grupo em que os amigos estavam incluídos (grupo 1, grupo 2, etc.). Elisa acrescentou, além dessas informações, a frase, em letras grandes e claras: “Meus amigos de verdade”. Tal escrita parece fortalecer a ideia de que a maioria dos adolescentes confeccionou seus sociogramas colocando nos desenhos seus amigos, colegas e, talvez, até os conhecidos. Assim, diferentemente dos companheiros de turma, a menina, ao fazer isso, enfatizou sua escolha pelos amigos. Tal atitude nos faz pensar que algo semelhante aconteceu com a construção do sociograma do João. Elisa, ao apresentar a sua rede pessoal, considera como amigos de verdade, três pessoas da família (mãe, avó e irmã), quatro

amigas e três amigos. Nota-se, assim, uma heterogeneidade na sua rede no que se refere ao gênero e à idade, mas, por outro lado, entendemos que existe a confiança e a segurança como ponto em comum entre essas pessoas citadas.

Diante da observação e do entendimento dos sociogramas apresentados acima, cabe enfatizarmos alguns pontos que consideramos importantes para esta pesquisa. Alguns desses pontos já foram mencionados de maneira breve ao apresentarmos os sociogramas, mas convém retomar. Os cinco adolescentes nos mostraram, por meio de seus sociogramas, suas concepções de rede relacional. Assim, notamos diferentes redes: algumas formadas somente por amigos; outras redes mais abrangentes, formadas por amigos, colegas e pessoas da família; e uma outra em que foram incluídos apenas os que, ao nosso entendimento, seriam os colegas.

Outro aspecto importante foi em relação à reciprocidade das relações mais próximas. Os resultados que obtivemos foram os seguintes: Geovana citou nove pessoas, das quais seis também a mencionaram em seus sociogramas. Das outras três pessoas, uma não citou e duas não fizeram os sociogramas, mas são alunas da mesma escola onde ela estuda. No caso de Lara, foram citados oito amigos, além das pessoas da família. Desses oito, foi possível averiguar apenas quatro que são da mesma sala de Lara e que fizeram os sociogramas. Duas meninas também citaram Lara na primeira órbita do desenho e um menino e uma menina não a citaram. Fernando não foi citado por apenas uma das cinco pessoas que ele mencionou. No entanto, uma das meninas citou seu nome apenas na órbita três. Elisa, na órbita um, citou duas pessoas da família e duas amigas, das quais uma também a mencionou em seu sociograma e a outra não realizou o sociograma por não pertencer à sala ou por ter faltado no dia em que foi realizado o sociograma. João citou treze adolescentes, dos quais quatro não são da sala e não fizeram os sociogramas, um é da sala, mas não estava presente e também não realizou o sociograma. Quatro pessoas da sala que João citou não o citaram, dois adolescentes o citaram na segunda órbita e os outros dois mencionaram seu nome na primeira órbita.

Buscamos essas informações com o intuito de conhecer sobre a reciprocidade das relações. Dessa forma, entendemos que algumas relações são recíprocas e outras não e ainda podemos afirmar que em algumas existe reciprocidade em termos de consideração; no entanto, em graus diferentes, por exemplo, um considera como amigo e o outro como colega.

Em suma, os sociogramas elaborados ainda nos informam que os adolescentes falam de laços sociais mais estreitos e mais amplos. No que se refere, então, aos laços fortes, a tendência dominante é a preferência por amigos do mesmo gênero, que podem favorecer na compreensão dos possíveis dilemas, angústias e bons momentos vividos pelos iguais. Por outro lado, a relação com o outro gênero pode permitir perspectivar o olhar para o ponto de vista do outro sobre o que somos e expressamos, em termos de igualdade e diferença e vice-versa, conforme os gêneros, o exercício da sexualidade, o namoro, o esporte, a puberdade. Assim, quem vivencia essas experiências de forma mais parecida pode compreendê-las melhor e, assim, o compartilhar com um grupo de iguais se torna um apoio maior. Isso faz com que a relação seja fortalecida, mas também mais fechada diante de certas situações.

Nesse sentido, os laços fracos acrescentam outras contribuições. Como acontecem de forma mais expandida e envolvem um número maior de pessoas, eles permitem que aumente o contato com outras formas de se viver determinadas situações, já que se misturam grupos diferentes, com estilos e gêneros diferentes. Ao observar o que os outros fazem e as consequências das escolhas feitas por eles, podemos refletir sobre o que fazemos e modificar ou não o curso dos acontecimentos que nos cercam.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo estudar a amizade para que, a partir disso, pudéssemos discutir a relação existente entre o processo de sociabilidade dos adolescentes e a escola. Para isso, buscamos compreender a lógica das vivências dos adolescentes. Esse movimento exigiu, durante o tempo de pesquisa, investimento e disposição, uma vez que a pesquisa de campo muitas vezes esbarra em entraves burocráticos ou mesmo pelo fato das pessoas envolvidas na pesquisa estarem inseridas em uma rotina que devemos respeitar. Em meio a esses acontecimentos, que envolvem mudanças de planos, novas possibilidades e ideias descartadas, fomos avançando. O resultado desse processo se mostra positivo em diferentes aspectos. Inicialmente, pelo aprendizado no que se refere ao trabalho de pesquisa e ao legado deixado para futuros pesquisadores. Depois, pelo objetivo principal da pesquisa, que é ampliar os conhecimentos em um determinado campo. Neste caso, buscamos contribuir

principalmente para o campo da Educação e Psicologia, visto que, ao mesmo tempo em que buscamos compreender melhor a formação dos sujeitos no momento em que vivem a adolescência na contemporaneidade, também objetivamos compreender como isso ocorre na relação com a escola, tomando a amizade como fio condutor para essas descobertas.

Um grande desafio desta investigação foi encontrar recursos metodológicos para abordar um objeto tão polissêmico. Um árduo percurso investigativo foi percorrido, com os riscos de uma coleta de informação muito rica, porém de difícil tradução nos moldes científicos vigentes, expressos nos manuais de pesquisa. Criar recursos para a escuta de adolescentes implica reconstituir metodologias, recorrer a abordagens criativas e arriscadas, o que foi feito com muita coragem e temor ao mesmo tempo.

Dessa forma, notamos que várias partes da dissertação apresentam potenciais para se desdobrar em outras investigações e, muitas vezes, sentimos a tentação de aprofundá-las, mas percebemos a dificuldade em fazer isso no tempo delimitado para a realização da investigação. Portanto, tivemos que fazer escolhas, ora para seguirmos uma linha de investigação, focalizando o que desenvolver de maneira mais densa e enriquecedora, ora pelo fato do trabalho de campo ainda não ser suficiente para responder questões que gostaríamos de conhecer melhor. Mesmo assim, destacamos a aquisição de conhecimentos acerca dos temas que subjazem as interações dos adolescentes no contexto escolar por meio das relações de amizade, de forma atenta às questões geracionais, principalmente no que se refere às relações com os pares.

Nesse sentido, abarcamos, de maneira renovada, a compreensão de alguns aspectos do processo de formação do sujeito na sociedade contemporânea. A começar por considerar que, embora os textos mostrem que a amizade foi muito importante ao longo da história, foi no momento em que o número de membros da família diminuiu que as relações de amizade ganharam um significado especial na formação das pessoas, visto que o que antes era destinado à família passa a ser dividido com os amigos e a escola aparece como um dos principais espaços para que isso aconteça.

Conseguimos investigar algumas lógicas que indicam como os adolescentes constituem suas redes de amigos. Percebemos que o movimento de exclusão e inclusão de amigos envolve namoros, afinidades, forma de vivenciar as experiências, mas também podem se constituir em função da dinâmica da escola, já que uma simples mudança de um aluno do lugar em que se senta durante as aulas pode favorecer esse movimento. Isso inclui as interceptações ocorridas nos grupos de amigos a partir de

pontos de convergência e divergência de significações da experiência vivida em determinadas circunstâncias, o que envolve relação entre os códigos sociais ali existentes na definição das situações cotidianas. Ainda em relação à escola, importa mencionar que a mesma une os adolescentes pela rotina, pelas atividades por ela definidas, o que pode favorecer as trocas sociais.

Outro dado importante refere à presença e importância dos conflitos no interior dos grupos, uma vez que tais conflitos colaboram para o manejo das diferenças de opinião e ação e podem afastar aqueles que em um determinado momento não conseguem entrar em contato com situações conflituosas. Ainda notamos a importância do conflito quando manifestado na forma de protesto e discordância, pois, dessa maneira torna-se importante para que as relações sejam suportáveis; caso contrário, tornar-se-iam relações aversivas e difíceis de serem mantidas.

Quanto às redes relacionais dos adolescentes de maneira geral, podemos notar que são redes amplas, compostas em sua maioria por companheiros que estudam na mesma escola, principalmente os que compartilham a mesma sala de aula. Isso colabora para justificar a escolha acertada de realizar a pesquisa no ambiente escolar e reforçar o papel socializador do vivido na escola para crianças e adolescentes dos setores populares.

No que se refere às possibilidades abertas por este trabalho no tocante a questões aqui pouco exploradas, mas que são dignas de investigações mais detalhadas, identificamos as diferenças gênero na socialização adolescente. Notamos maior número de familiares considerados amigos por parte das meninas, o que nos fez pensar que pode ainda existir uma diferença na educação de meninos e meninas. No caso das meninas ainda seria uma educação que preza o espaço privado, o que possibilita maior influência dos valores familiares. Isso acontece de forma diferente com os meninos, pois nos parece que as expectativas dos homens em relação a casa são diferentes, visto que o peso é menor.

Dessa forma, acreditamos ter colaborado de maneira significativa no que se refere ao processo de sociabilidade dos adolescentes e à compreensão de como isso repercute no processo de formação do sujeito em sua relação com a escola. Quanto aos desdobramentos para futuros trabalhos, consideramos importante a publicação de artigos que tratem sobre a temática aqui apresentada, com a intenção de aprofundar algumas questões surgidas durante a realização desta pesquisa.

Referências

ARIÈS, F. *História social da infância e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ÁVILA, S. F. O. de. A adolescência como ideal social. *Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente*, Rio de Janeiro. May. 2005.

BAUMAN, Z. *Vida Líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

BIDART, C. *L'amitie, un lien social*. Paris: La Decouverte, 1997.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.24, n.62, abr. 2004. Disponível em: < <http://www.bvs-psi.org.br/>> Acesso em: 21 out. 2011.

BUENO, F.A; SANT'ANNA, R. B. A experiência geracional na fala de alunos de escola pública: a questão da autoridade docente. *Revista Brasileira de Estudos pedagógicos. Brasília*, v. 92, n. 231, p. 316-340, mai./ago. 2011.

BUFFAULT, A. V. *Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BURGESS, R. G. Métodos de pesquisa de terreno I: a observação participante. In: *A pesquisa de terreno*. Oeiras: Celta, 1997, p. 85-107.

CARDOSO JR, H. R. C; NALDINHO, T. C. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2009.

CARVALHO, M. P. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 29, n.1, p. 185-193, jan./jun. 2003.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYREL, J. (org.). *Múltiplos olhares: sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.28, n.100, p. 1105-1128, 2007.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FERREIRA, M. *A gente gosta é de brincar com os outros meninos!* Porto: Edições Afrontamento, 2004.

FERREIRA, A. M. S. Participação discente na escola pública de ensino médio: a perspectiva dos alunos. 192 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, 2011.

FONTES, M. G. SANT'ANNA, R. B. A experiência geracional na fala de adolescentes de escolas públicas: Disciplina e resistência ao poder escolar. *Atos de Pesquisa em educação* - PPGE/ME FURB ISSN 1809-0354 v. 6, n. 3, p. 751- 778, set./dez. 2011

GALLAND, O. Les évolutions de la transmission culturelle: Autour des espaces et des réseaux d'appartenance. *Informations sociales*, 2006/6 n° 134, p. 54-65. Disponível

em: <<http://www.cairn.info/revue-informations-sociales-2006-6-page-54.htm>.> Acesso em: 20 abr. 2011.

GALLAND, O. Adolescence, Post-Adolescence, Youth: Revised Interpretations. *Revue française de sociologie*, 2003/5 Vol. 44, p. 163-188. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-francaise-de-sociologie-2003-5-page-163.htm>.> Acesso em: 18 abr. 2011.

GALLAND, O. Introduction, une nouvelle classe d'age. *Ethnologie française*, 2010/1, Vol. 40, p. 5-10, p. 5-10. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2010-1-page-5.htm>.> Acesso em: 18 abr. 2011.

GOMES, L. G. N. *Implicações Políticas das relações de amizade mediadas pela internet*. 261 p. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GOMES, L. G. N.; JUNIOR, N. D. S. Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. v. 23, n. 2, p. 149-158, 2007.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *Sociological Theory*, Vol. 1, p. 201-233, 1983.

GRIGOROWITSCHS, T. *Jogo, processos de socialização e mimese: uma análise sociológica do jogar infantil coletivo no recreio escolar e suas relações de gênero*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação da faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 166 p. São Paulo, 2007.

JESUS, J. S. O. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. *Psic: revista da vetor editora*. São Paulo, vol. 6, n.1, p. 67-73, 2005.

LATARRI, M. *Experiências sociais no espaço escolar: os usos da escola por jovens das camadas populares no ensino médio*. 182 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, 2011.

MAGNANI, J.G.C. O (velho e bom) caderno de campo. *Revista Sexta Feira*, São Paulo, n.1, p. 1-5, maio de 1997.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Hucitec UNESP, 2003.

MAILLOCHON, F. Le jeu de l'amour et de l'amitié au lycée: Mélange des genres. *Travail, genre et sociétés*, 2003/1 n° 9, p. 111-135.

MORAES FILHO, E. *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34.)

MÜLLER, E. *As patricinhas no mundo do shopping center: um discurso e algumas práticas juvenis bem comportadas*, 131 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2004.

NOGUEIRA, P.H.Q. *Identidade juvenil e identidade discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da escola plural*, 278 p. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2006.

OLIVEIRA, A. M. *Jovens e adolescentes no ensino médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis*. 171 p. Tese (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2008.

PINHEIRO. E. M, KAKEHASHI. T.Y, ANGELO. M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 13(5), p. 717-22, setembro/outubro 2005.

PINTO, M. Os filhos da mídia e os conflitos com a escola. In: PINTO, M. *et al. As pessoas que moram nos alunos*. Porto: Asa, 2000, p. 11-34.

RAYOU, P. Crianças e jovens, atores sociais na escola: Como os compreender. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.26, n.91, p.465-484, 2005.

RESENDE, C. A. Recursos metodológicos em pesquisas qualitativas com adolescentes. *Anais XV Encontro Nacional da ABRAPSO – Psicologia social e políticas de existência: Fronteiras e conflitos*, s.p., 2009, Maceió, Brasil.

REZENDE, C.B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*, vol.8, n.2, p. 69-89, 2002.

RIGO, L. C. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. *Pensar a Prática*, Pelotas, vol. 10, n. 1, p. 83-98, jan./jun. 2007.

SANT'ANNA, R. B. A pesquisa interacionista e a investigação da escola. *Revista Vertentes*, São João del-Rei, 22, 7-18. 2003.

SANT'ANNA, R. B. Psicologia Social na escola: as contribuições de G.H. Mead. *Psicol. Soc.* Porto Alegre, vol. 17, n.1, Jan/Abr. 2005.

SANT'ANNA, R. B. A implicação do pesquisador na pesquisa interacionista na escola. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 370-387, ago. 2010.

SANT'ANNA, R. B; OLIOSI, J.T. Experiência Geracional de alunos de Escolas públicas: relações de amizade (mimeo: submetido em 09/05/2011).

SANT'ANA, R. B. A experiência geracional na fala de adolescentes de escolas públicas: relações intergeracionais. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 253-267, maio/ago. 2012.

SINGLY, F. de (2000), Penser autrement la jeunesse. *Lien social et Politiques*, nº, 43, p. 9-2. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/005086ar>. Acesso em 09 abr. 2011.

TORTELLA, J.C. *A amizade no contexto escolar*. Dissertação de mestrado, Universidade estadual de Campinas, Faculdade de educação. 1996.

VELHO, G. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

VELHO, G. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A. M de *et al. Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, p. 79-87, 1987.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p.241-260, mai/ago. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS EM BLOCOS TEMÁTICOS

BLOCO TEMÁTICO	PERGUNTAS	OBJETIVO
Identificação	Qual o seu nome?	Identificação do adolescente
Identificação	Quantos anos você tem?	Identificação do adolescente
Identificação	Fale-me um pouco da sua rotina durante a semana. O que você costuma fazer? E nos fins de semana?	Conhecer mais do cotidiano do adolescente e o seu perfil.
Identificação	Você participa de algum grupo (religioso, de estudos, grêmio estudantil, colegiado escolar, conselho de classe)? Se sim, qual grupo? Qual o motivo que fez com você decidisse participar de tal grupo?	Investigar se existe outros espaços de socialização, em que possam ocorrer encontros com os amigos.
Identificação	Caso não participe de nenhum grupo, tem algum que gostaria de participar?	Conhecer um pouco mais sobre os interesses dos adolescentes.
Escola	Você gosta de estudar? O que você gosta de estudar? (caso não goste quais as razões? O que te faz não gostar?)	Conhecer um pouco da relação do aluno com os estudos.
Escola	Como você se sente em relação ao estudo?	Identificar como os adolescentes sentem e percebem a relação deles com o estudo.
Escola	Você gosta de estudar na sua escola?	Conhecer um pouco da relação do aluno com a escola em que estuda e se isso tem alguma relação com a amizade.
Escola	O que você mais gosta na sua escola?	Compreender um pouco mais sobre como é a

		relação do adolescente com o meio escolar e a implicação nas relações de amizade.
Escola	O que você menos gosta na sua escola?	Compreender um pouco mais sobre como é a relação do adolescente com o meio escolar e a implicação nas relações de amizade
Escola	Teve algum professor ou alguma professora que marcou a sua história?	Identificar as experiências mais significativas dos adolescentes com os professores.
Relações de amizade	Onde você tem amigos e como são essas amizades. Que tipo de coisas fazem juntos?	Compreender onde e como se formam as redes de amizade e os vínculos que as mantêm.
Relações de amizade	De onde são seus amigos mais próximos?	Identificar os espaços propícios a formação de redes (relações) de amizade.
Relações de amizade	Quando pensa em amizade quais palavras você associa?	Entender melhor como a amizade é compreendida pelos adolescentes e a que associam.
Relações de amizade	O que é amizade para você?	Entender melhor como a amizade é conceituada, compreendida e vivenciada pelos adolescentes.
Relações de amizade	Tem alguma coisa que você já aprendeu com seus amigos?	Identificar a importância e influência dos amigos.
Relações de amizade	Qual a importância que você atribui aos seus amigos em sua vida?	Identificar a importância dos amigos.
Relações de amizade	Como é quando você e seus amigos tem opiniões diferentes?	Compreender melhor a amizade em diferentes situações.
Relações de amizade	O professor solicita um trabalho escolar em grupo, quem você convidaria para	compreender como as escolhas em busca de pertença a um grupo

	formar um grupo com você?	formam as redes de amizade.
Relações de amizade	O que você faz durante o recreio?	Verificar de que forma tempo do recreio é utilizado.
Relações de amizade	Indique três colegas de sala com os quais você fica durante o Recreio?	Compreender como as escolhas em busca de pertença a um grupo formam as redes de amizade.
Relações de amizade	Você vai a uma festa, quem você convidaria para ir com você?	compreender como as escolhas em busca de pertença a um grupo, formam as redes de relações de amizade.
	Em que tipo de festas vocês costumam ir? O que mais vocês fazem juntos?	
Relações de amizade	Você já brigou com um amigo? Como foi?	Compreender melhor a amizade em diferentes situações.
Relações de amizade	Conte uma situação marcante que vivenciou com um amigo ou um grupo de amigos?	Identificar as experiências mais significativas do adolescente com os seus amigos e compreender melhor o papel do amigo em sua vida.
Relações de amizade	Você já rompeu uma relação de amizade? Como aconteceu? Quais os motivos que levaram a esta atitude?	Compreender o que leva as díades ou redes a se dissolverem, transformarem em novas díades ou redes (excluírem membros, acrescentar membros)
Relações de amizade	<u>Você namora? E seus amigos namoram?</u>	Compreender como essas questões interferem nas relações e redes de amizade.
Relações de amizade	Você acha que arrumar um namorado(a) muda a turma	Compreender o que leva as redes a se dissolverem,

	de amigos? Como é isso? Já aconteceu na sua turma?	transformarem em novas redes (excluírem membros, acrescentar membros). Compreender como essas questões interferem nas relações e redes de amizade.
Relações de amizade	Amizade, namoro e escola, como essas coisas se relacionam para você?	Compreender como essas questões interferem nas relações/redes de amizade.
Relações de amizade	Quando você precisa tomar uma decisão quais influências pesam mais dos pais ou dos amigos?	Compreender o papel do amigo na vida do adolescente e verificar as diferenças geracionais.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ENTREVISTAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado a participar do estudo *Relações de Amizade entre Adolescentes: uma Investigação das Interações Sociais no Contexto Escolar* que faz parte de uma pesquisa mais ampla intitulada *Trajetória da escolarização dos alunos de escola pública*. Os avanços nesta área ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é investigar sobre as relações de amizade entre os adolescentes, com uma visão voltada para o contexto escolar e assim, compreender as significações das experiências vividas por grupos de adolescentes. Caso você participe, será necessário comparecer, conforme sua disponibilidade, a dois encontros e responder a entrevistas realizadas por estagiários do curso de psicologia e por mim (mestranda em educação UFSJ), enfocando temas relacionados à amizade, às suas opiniões e sentimentos sobre a sua vida e suas relações com grupos de amigos, colegas, na escola e na família.

Não há riscos ou desconfortos no estudo: está sendo informado de que não será adotado nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida.

Você poderá ter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o

esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

São João del-Rei.....//.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal
identidade

Documento de

Assinatura do pesquisador responsável

Telefone de contato do pesquisador: _____

Em caso de dúvida em relação a este documento, você pode entrar em contato com o Comissão Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João del-Rei – cepes@ufsj.edu.br / (32) 3379-2413.

APÊNDICE 3- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ATIVIDADES EM GRUPO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado a participar do estudo *Relações de Amizade entre Adolescentes: uma Investigação das Interações Sociais no Contexto Escolar* que faz parte de uma pesquisa mais ampla intitulada *Trajetória da escolarização dos alunos de escola pública*. Os avanços nesta área ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é investigar sobre as relações de amizade entre os adolescentes, com uma visão voltada para o contexto escolar e assim, compreender as significações das experiências vividas por grupos de adolescentes. Caso você participe, será necessário comparecer, conforme sua disponibilidade, a dez encontros grupais em que serão realizadas dinâmicas de grupo, discussões sobre assuntos do cotidiano de adolescentes. Os encontros acontecerão semanalmente e serão coordenados por dois estagiários do curso de psicologia e por mim (mestranda em educação pela UFSJ), enfocando temas relacionados à amizade, às suas opiniões e sentimentos sobre a sua vida e suas relações com grupos de amigos, colegas, na escola e na família. Os encontros serão filmados, no entanto, as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (a imagem será preservada através de recursos como tarjas para ocultar a face, desfocar a imagem e também distorcer a voz).

Não há riscos ou desconfortos no estudo: está sendo informado de que não será adotado nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida.

Você poderá ter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o

esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

São João del-Rei.....//.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal
identidade

Documento de

Joelma Tose Oliosí
Mestranda em Educação pela UFSJ

Telefone de contato do pesquisador: (32) 9197 - 0582

Em caso de dúvida em relação a este documento, você pode entrar em contato com o Comissão Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João del-Rei – cepes@ufsj.edu.br / (32) 3379-2413.

APÊNDICE 4 – ATIVIDADE DE CONFECÇÃO DE SOCIOGRAMAS

Atividade de confecção de sociogramas

Os sociogramas deverão ser confeccionados da seguinte forma: Vocês deverão colar na figura do sistema solar, os adesivos com os nomes de seus amigos da seguinte forma: no sentido de dentro para fora, na ordem do mais próximo para o mais distante (de dentro para fora) e depois pedimos que identificassem quais deles eram seus amigos na escola.